

ABH. 1940

Rev.

1325

V.

4

1325



F. Mar. Sr.

N. 31

Livraria Ferreira

Summario

MAGAZINE

	Pag.
QUINTO CONCURSO PHOTOGRAPHICO DOS SERÕES	
Menção honrosa — <i>Ponte da Barca (Nazareth)</i> — Photographia do Sr. ALVARO LABORINHO, NAZARETH	2
A ARCHITECTURA RELIGIOSA NO JAPÃO	
(21 illustrações) por WENCESLAU DE MORAES	3
SENHORA DOS REMEDIOS (LAMEGO)	
(7 illustrações) por AQUILINO RIBEIRO	15
MAGIA DO CANTO	
Versos por M. DUARTE D'ALMEIDA (1 illustração)	24
VINTE DIAS NA RUSSIA	
(8 illustrações)	26
CAMILLA CORNARO	
(2 illustrações e 1 vinheta) por JUSTUS MILES FORMAN	37
A ARCHITECTURA DA RENASCENÇA EM PORTUGAL	
(6 illustrações e 1 vinheta) por ALBRECHT HAUPT	45
POETA E CAVADOR	
(7 illustrações e 2 vinhetas) por THOMAZ DA FONSECA	53
RIA DE AVEIRO	
(10 illustrações) por RENATO FRANCO	62
MISS	
Versos por PERES JUNIOR	65
SERÕES DOS BÉBÉS	
(3 illustrações)	66
QUINTO CONCURSO PHOTOGRAPHICO DOS SERÕES	
Menção honrosa — <i>Á merenda (Feira da Senhora da Agonia)</i> — Photographia do Sr. ANTONIO DE CARVALHO, PORTO	70
ACTUALIDADES	
(24 illustrações)	71
<u>OS SERÕES DAS SENHORAS</u> (28 illustrações)	
CHRONICA GERAL DE MODAS	pag. 97
Os NOSSOS FIGURINOS	» 99
PENTEADOS E CHAPEUS MODERNOS ..	» 101
NOTAS SOBRE CHAPEUS	» 101
A NOSSA FOLHA DE MOLDES	pag. 103
LAVORES FEMININOS	» 105
CONSULTORIO DE LUIZA	» 109
NOTAS DE DONA DE CASA	» 111
<u>A MUSICA DOS SERÕES</u>	
POLONAISE DE BEETHOVEN	4 paginas

DIRECTOR LITTERARIO

H. Lopes de Mendonça

Serões

ADMINISTRADOR

Caldeira Pires

Propriedade da **LIVRARIA FERREIRA**

REVISTA MENSAL ILLUSTRADA

Redacção, administração, oficinas de composição, impressão, photogravura e encadernação

Praça dos Restauradores, 27

LISBOA

(PASSAGEM DO ANUARIO COMMERCIAL)

Telephone 805

ANNUNCIOS

A administração dos *Serões*, revista mensal de importante tiragem e larga circulação — não só em Portugal (Ilhas e Colonias), como no Brazil —, offerece nas paginas supplementares dos *Serões*, nitidamente impressas e em optimo papel, uma **Secção especial de annuncios**, que antecederá o texto de cada numero d'esta publicação, nas seguintes condições:

Por uma só inserção

1 pagina	6\$000 réis
1/2 pagina	3\$500 »
1/4 pagina	2\$000 »

Por um anno, ou sejam, 12 inserções

1 pagina	70\$000 réis
1/2 pagina	40\$000 »
1/4 pagina	20\$000 »

Os clichés, quando o annuncio fôr illustrado, serão fornecidos pelo annunciante. A administração dos *Serões* encarregar-se-ha, quando o annunciante manifeste tal desejo, de mandar fazer qualquer cliché, sendo a sua importancia paga separadamente.

Condições de assignatura

A assignatura dos *Serões*, é computada por trimestre, semestre ou por anno, correspondendo o seu inicio aos mezes de janeiro, abril, julho ou outubro, e o seu pagamento feito adiantadamente:

Portugal, ilhas, colonias e Hespanha	Anno	2\$200 réis
	Semestre	1\$200 »
	Trimestre	600 »
Para o Brazil (moeda fraca)	- Anno	12\$000 »
Para outro qualquer paiz estrangeiro - Anno		15 fr.

Pedidos para assignaturas, ou qualquer numero avulso dos *Serões*, e indicações para inserção de annuncios, dirigir-se á

ADMINISTRAÇÃO DOS Serões

Praça dos Restauradores (Passagem do Anuario Commercial) 27

Telephone **805**

LISBOA

LIVROS A VENDA na Livraria Ferreira & Oliveira, L.^{da}

Henrique Lopes de Mendonça

NÓ CEGO

Peça representada em D. Maria

1 volume em 8.º..... 300

Conego Anaquim

O genio portuguez

aos pés de Maria

1 vol..... 600

A VIDA SEXUAL

* * * **A VIDA SEXUAL** * * *

A VIDA SEXUAL

PELO

DOUTOR EGAS MONIZ

Lente de medicina pela Universidade de Coimbra

1.ª Parte: **PHYSIOLOGIA**

Extracto do indice: Os órgãos sexuaes. A puberdade. A menstruação e a menopausa. O instincto sexual. O acto sexual. Fecundação. A hereditariedade. (Origem dos sexos). A esterilidade artificial na mulher. A fecundação artificial na mulher. O casamento e a hygiene na vida sexual.

1 vol. in-8.º 350 pag. com gravuras Br. 1\$000 rs., Encad. 1\$250 rs.

2.ª Parte: **PATHOLOGIA**

Extracto do indice: Preambulo. Introducção. Neuroses sexuaes. Heterossexualidade morbida. Homossexualidade. Asexualidade. Perversões moraes. A vida sexual dos alienados.

1 vol. in-8.º br. 1\$000 rs., Encad. 1\$250 rs.

A' VENDA EM TODAS AS LIVRARIAS

Pelo correio, franco de porte

FERREIRA & OLIVEIRA, LIM.^{DA} — Livreiros-Editores — 132, RUA DO OURO, 138 — LISBOA

Comedia Intima comedia em 1 acto,
original, por Carlos
de Moura Cabral,
representada no Theatro de D. Maria II.

———— 1 volume, 200 réis ————

GRANDE DEPOSITO

— DE —

Moveis de ferro e colchoaria

— DE —

JOSÉ A. DE C. GODINHO**54, Praça dos Restauradores, 56**

* * * LISBOA * * *

LIVROS DE LEITURA

Para as escolas de Instrucção primaria, organisados por

D. João da Camara, Maximiliano de Azevedo e Raul Brandão

Eis os preços d'estes livros, novamente approvados oficialmente para o triennio de 1907-1909:

1.ª classe	100 réis
2.ª e 3.ª classe.....	300 »
4.ª classe.....	300 »

Não obstante os livros terem sido muito augmentados e melhorados, os seus organisadores, para corresponderem ao excellente acolhimento obtido no triennio anterior da parte do professorado, da imprensa e do publico em geral, **reduziram o preço** da 1.ª classe de **120 réis a 100 réis**, e o da 2.ª e 3.ª e o da 4.ª de **400 a 300 réis**, a fim de tornar a compra mais facil para as familias pouco abastadas.

A' venda em todas as livrarias de Lisboa, Porto e provincias.
Pedidos aos editores

LIVRARIA FERREIRA & OLIVEIRA, Lim.^{da}
132, RUA AUREA, 138



AGUA CASTELLO

Minero-gazosa, lithinada natural

— DE —

— MOURA —

Refrigera os sãos e cura os doentes

A melhor, a mais pura e a mais barata das aguas de meza do Paiz.

Agradabilissima ao paladar, tomada simples ou misturada com cognac, leite, wisky, vinho, etc. — premiada na Exposição de S. Luiz e no Palacio Crystal do Porto.

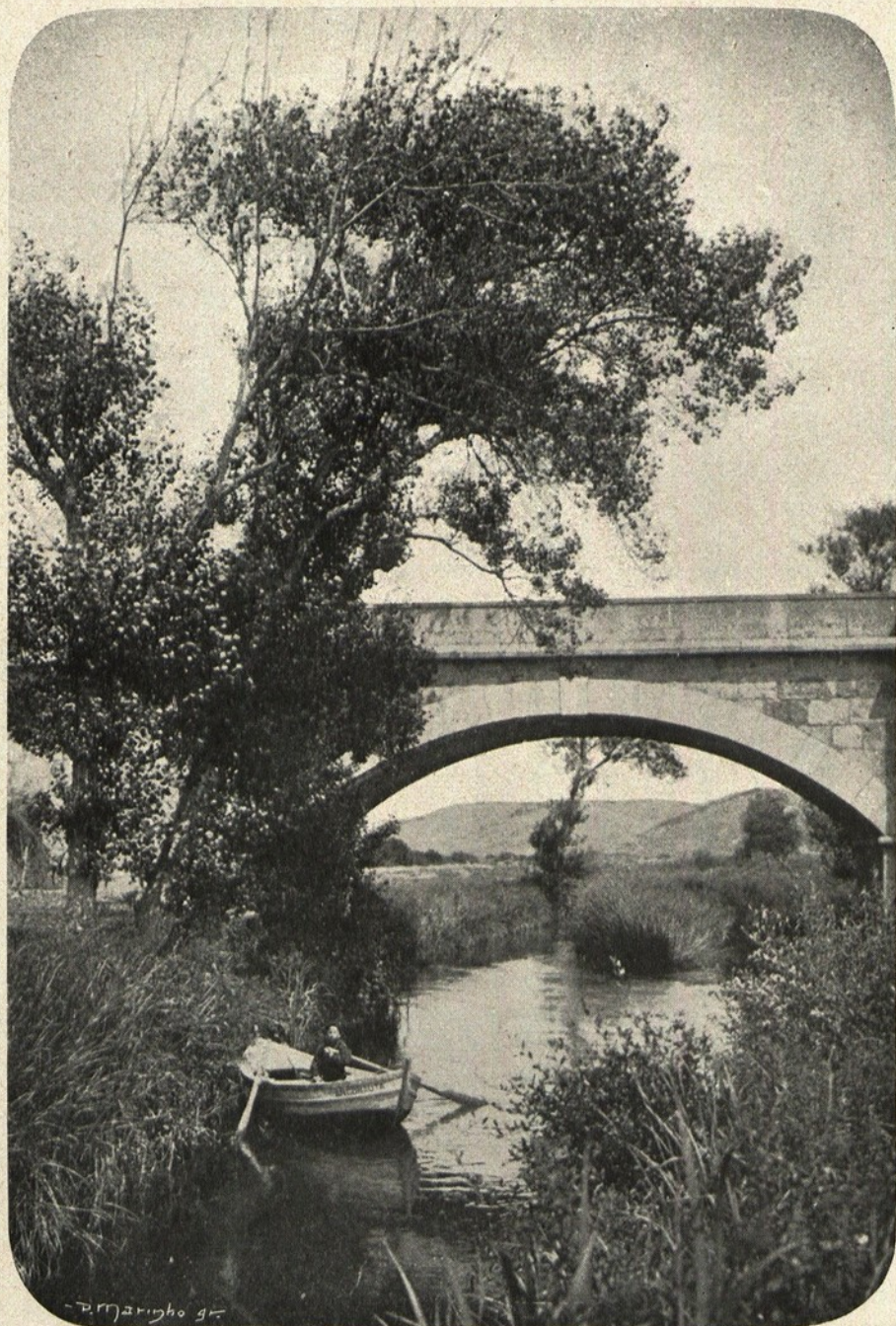
ESCRITORIO E DEPOSITO

123, RUA DA CONCEIÇÃO
Telephone 880

Empreza das Aguas de MOURA ASSIS & C.^a
LISBOA

Quinto concurso photographico dos Serões

MENÇÃO HONROSA



Ponte da Barca (Nazareth)

Photographia de Alvaro Laborinho, Nazareth



UM CEMITERIO EM KYOTO

A architectura religiosa no Japão

FBEM sabido que dois systemas religiosos predominam no Japão: — o Shintô (o caminho dos deuses) e o Buddhismo. — O Shintô é uma crença mui remota, puramente nacional, sem origens estranhas que se conheçam nem sectarios para além das costas do Imperio. O Buddhismo indiano, importado da China por intermedio da Coréa, appareceu no Japão em meados do seculo VI da nossa era, alcançando em seguida alto prestigio. Poder-se-hia ainda apontar uma outra religião — o culto dos antepassados; — mas este culto, certamente ainda muito anterior ao Shintô, adaptou-se a elle com o andar dos tempos, como tambem ao Buddhismo, deixando de constituir um systema de

crenças distinctas. Veneram-se os mortos nos cemiterios e em pequeninos altares domesticos, estes shintôistas ou buddhistas, segundo é shintôista ou buddhista o credo das familias.

O Shintô é, sem duvida alguma, uma religião perfeitamente constituida, com os seus deuses, com os seus templos, com os seus sacerdotes, com os seus ritos; mas é ainda mais, talvez, um regimen de moral civica, um codigo sentimental de brios nacionaes e patrioticos. Alguem já o explicou por esta maneira: — «É uma coisa incorporea como o magnetismo e indefinivel como um impulso ancestral; constitue parte da alma da nação.» — Adoram-se os deuses criadores do Nippon e outras divindades protectoras, o sol, a lua, o solo patrio, o soberano, todos



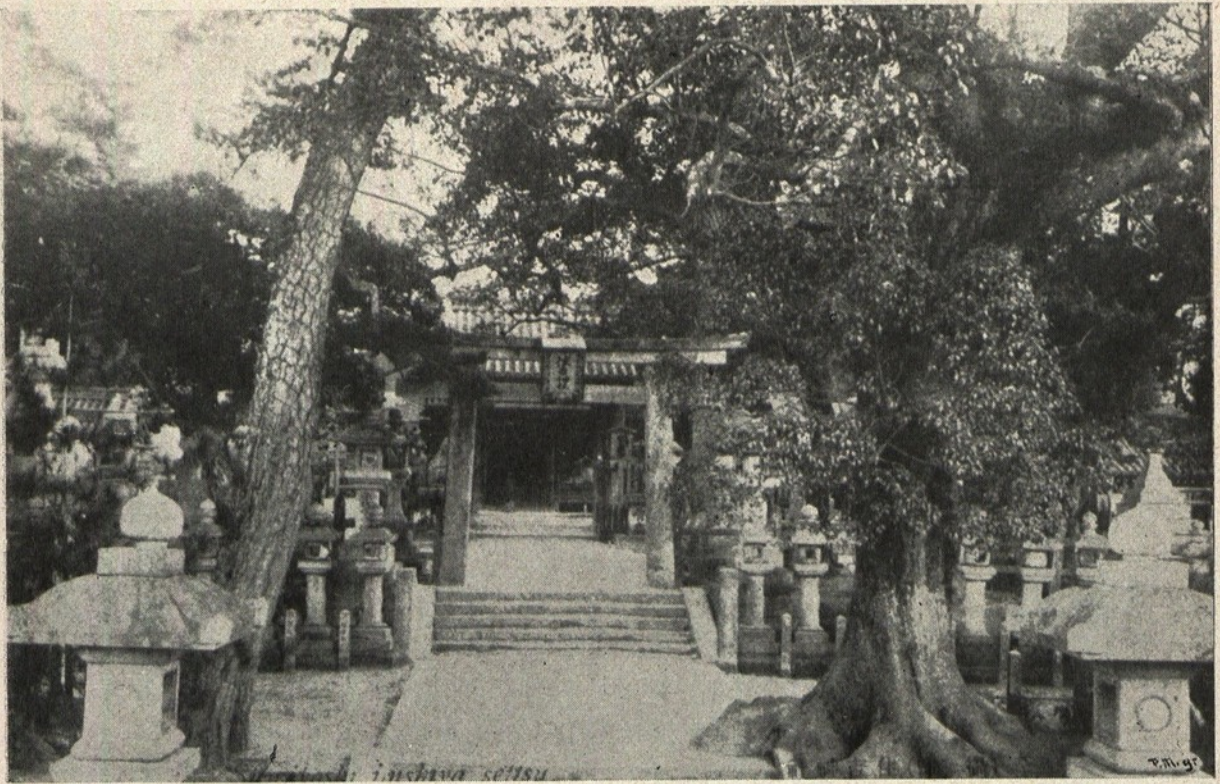
TUMULO DO FAMOSO GUERREIRO NANKO,
EM KOBE



ENTRADA PARA O TEMPLO SHINTÔISTA DE GONGHEN-SAMA, EM WAKANOURA

os grandes servidores e todos os nomes illustres do Imperio.

O Buddhismo chegou aqui já profundamente modificado pelos chinezes; mas, em contacto com o Shintô, mais se modificou ainda. O facto foi devido á perspicaz tolerancia dos bonzos, que cuidaram de estabelecer afinidades entre as duas doutrinas, no proposito de evitarem antagonismos, melhor — de attrahirem sympathias. — E conseguiram-n'o: succede que, na massa da população indigena, raros serão hoje aquelles que professam exclusivismo absoluto por uma das duas religiões; o povo vae orar aos templos do Shintô e vae orar aos templos de Buddha, aprazendo-se na companhia de todos os deuses. O primeiro acto de devoção, do japonез e da japoneza, em cada manhã, logo após a lavagem do rosto e da bocca, é bater as palmas e erguer as mãos em prece, saudando o astro da luz; a pratica é puramente shintôista; mas.



UMA VISTA DO TEMPLO SHINTÔISTA DE SUMIYOSHI



TEMPLO SHINTÔISTA DE IKUTA, EM KOBE

em seguida irá queimar incenso junto do altar dos mortos, conforme os ritos de Budha. O japonês, quando menino, é levado ao templo de Shintô, onde o sacerdote, o *kannushi*, o abençoa; quando morre, o seu cadáver é levado ao templo de Budha, onde o sacerdote, o bonzo, lhe reza pelo espirito. Pode mesmo dizer-se que as duas crenças de certo modo se completam: o Buddhismo, religião toda de paz, de piedade, de abnegações, vindo acalmar os impetos de um credo fogoso e aguerrido, como

a querer vêr aqui também a majestade dos granitos e dos marmores, o monumento impondo-se por si só ás atenções do crente ou do curioso. Na sentimentalidade d'este povo nipponico, domina sobre todas as coisas um ineffável deleite pela natureza, pelas harmonias da criação; o deus reclama um jardim; o cuidado do architecto mira antes de tudo e sobretudo á escolha da gentileza do local, á formosura carinhosa do proximo arvoredo, da ribeira visinha, do panorama em torno; o templo em si constitue materia secundaria.



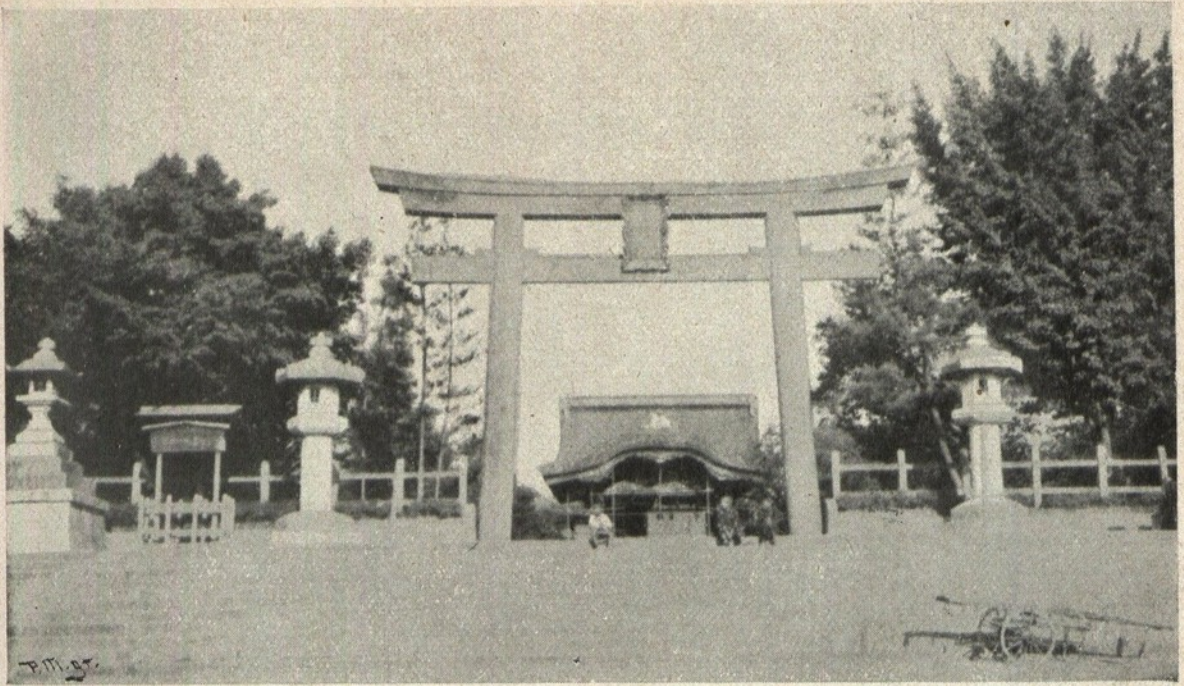
TEMPLO SHINTÔISTA DE NANKO, EM KOBE

é a crença de Shintô, formando-se assim a alma nipponica, tal como hoje a conhecemos, tão especialmente dotada de qualidades de eleição, capaz de todos os arrojos e capaz de todas as delicadezas.

Para o estranho, será tarefa interessante relançar, sob o ponto de vista artistico, os aspectos que apresentam os diversos templos japonezes; discriminando, quanto possivel, as differenças que os distinguem entre si. Será isto — um estudo de architectura religiosa no Japão; — mas convem que as ideias recolhidas da contemplação dos nossos templos occidentaes não venham predispor-nos

Uma expressão de ordem geometrica vem ajudar-nos a estabelecer mais nitidas as characteristics distinctivas entre as duas architecturas religiosas: no perfil do templo do Occidente, predomina a linha vertical, partindo da terra e elevando-se para o céu — symbolo graphico dos impetos do crente; — no templo japonês, nota-se a preferencia para a linha horisontal, que accusa o amor á terra, á criação, a consciencia satisfeita com os destinos.

O Shintô é a religião classica, trazida dos velhos tempos, de invasão persistente, do sul para o norte, no solo dos ainos ou ebisu;



TEMPLO SHINTÓISTA DE HOKOKU, EM KYOTO

quando o lar era a choupana nomada, formada por um toscó esqueleto de ripas, coberto de madeira e colmo, nu de utensilios e de adornos. Em uma ou em algumas d'es-

tas choupanas, adoravam-se os deuses da tribu; e desde então até hoje conservam-se amorosamente as linhas geraes d'esta architectura primitiva. O templo shintóista, a *miya*



UMA FESTA NO TEMPLO DE IKUTA



TORII, NA VISINHANÇA DO TEMPLO DE IKUTA

(a augusta casa) é ainda a barraca lembrando a choupana nomada, de madeira, com o telhado coberto de colmo, em cujos angulos se distinguem por vezes as pontas salientes, em cruz, das traves mestras. No interior do templo, cuidado com extremos requintes de limpeza — porque o aceio constitue uma pratica dos ritos, — não ha imagens; vê-se apenas, de ordinario, um espelho de metal. A este respeito, diz o distincto professor e escriptor Inazo Nitobé: — «Todos nós temos notado que os altares shintóistas são notavelmente desprovidos de objectos e de instrumentos de culto, e que um simples espelho, suspenso do sanctuario, forma a parte essencial do seu conteúdo. A presença d'este espelho é de facil explicação: symbolisa elle o coração humano, o qual, quando em perfeito estado de pureza e de placidez, reflecte da divindade a

verdadeira imagem. Quando pois vos encontraes em adoração, de pé, em frente do altar, vêdes na superficie brilhante a vossa propria imagem, correspondendo assim o acto da prece á antiga legenda delphica — «conhece-te a ti mesmo.»

Bem. O templo de Shintó é a barraca lembrando a choupana nomada; mas não é só ella, é tambem todo o conjuncto de accessorios que se alastram no vasto recinto dependente, e que são os differentes nichos dispersos, e a pia das abluções, e o estrado para as danças religiosas, e o estabulo com o cavallo votado ao serviço do deus, e as lanternas de pedra, e os portaes da entrada, e as reliquias das guerras gloriosas; e é tambem a intima harmonia que resalta dos encantos naturaes da proxima paisagem — collinas verdejantes, massiços de arvores, serenidade de de aguas.



TORII DO TEMPLO DE MIYAJIMA



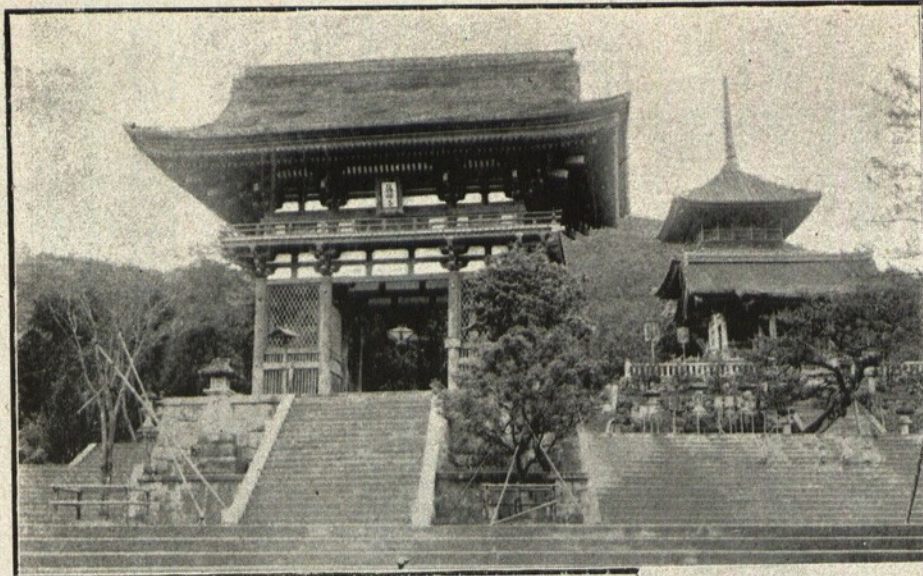
TEMPLO BUDDHISTA
DE HIGASHI-HONGWANJI, EM KYOTO



PORTAL DE ENTRADA DO TEMPLO BUDDHISTA DE NISHI-HONGWANJI, EM KYOTO

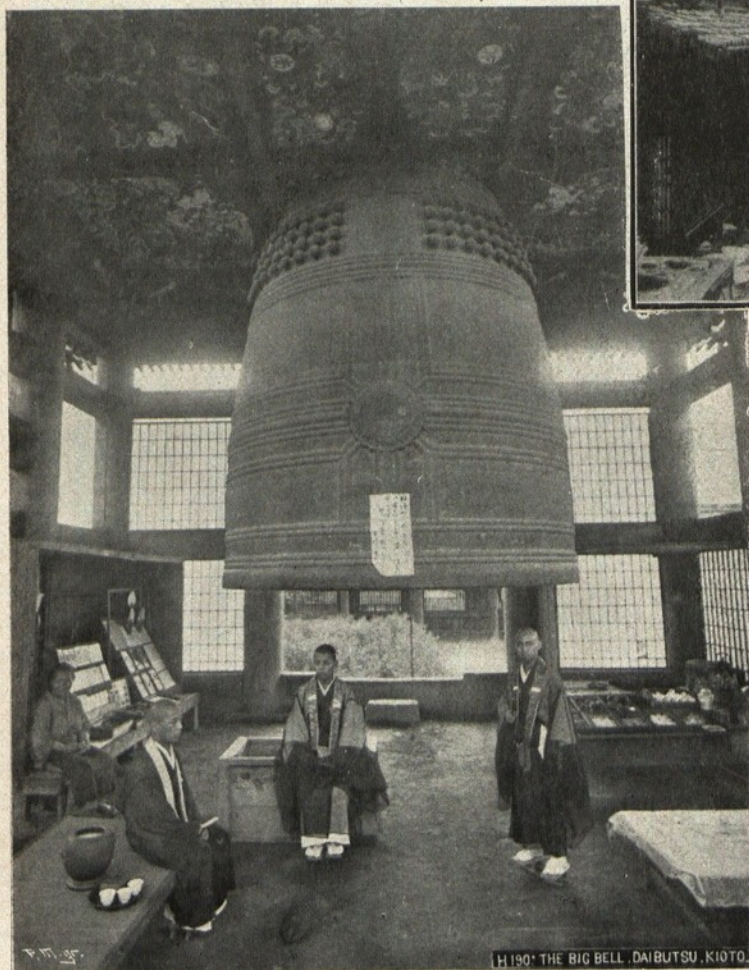
O recinto do templo é povoado, em primeiro lugar, por certos animaes da predilecção do deus que ali se invoca — veados no templo de Kasuga em Nara e no templo de Miyajima, gallinhas no templo de Nagata em Hiogo, pombos ou outros bichos n'outros templos; — em segundo lugar, frequenta-n'õ a chusma humana de visitantes, de peregrinos, e um bando de creancinhas que moram cerca do local e alli passam todo o santo dia em risos e brinquedos, aquecendo-se ao sol de inverno ou buscando no estio as sombras frescas. Os deuses shintóistas não professam a sombria gravidade dos deuses do Occidente; reclamam risos e não prantos. Por isto, as danças constituem uma das formas habituaes do cultõ; por isto, cerca do templo, sempre, mas particularmente

uma das formas habituaes do cultõ; por isto, cerca do templo, sempre, mas particularmente



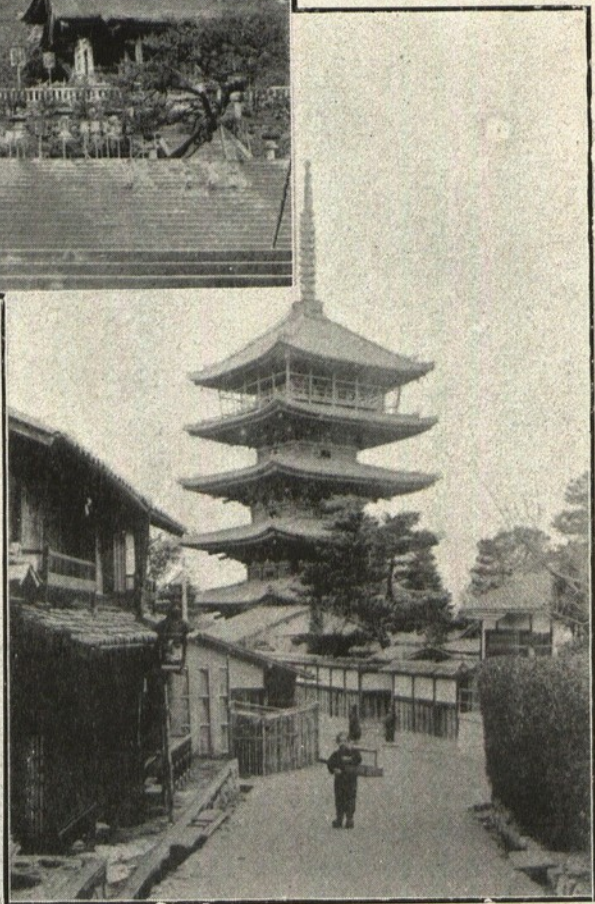
FORTAL DE ENTRADA DO TEMPLO BUDDHISTA
DE KIYOMIZU, EM KYOTO

em dias de *matsuri*, de festa, agrupam-se as vendas ambulantes, as barracas de petiscos, os theatrinhos, para regalo do enxame de devotos.



SINO DO TEMPLO DE DAIBUTSU, EM KYOTO

Uma das mais curiosas características dos templos shintôistas é o *torii*, collocado triumphalmente nas suas visinhanças e como que



PAGODE DE YASAKA, EM KYOTO

encaminhando o peregrino. O *torii* é formado por duas columnas quasi a prumo e por duas barras transversaes; é construido geralmente de pedra ou de madeira, mas algumas vezes de metal. Para que serve? A que visa? Ignora-se-lhe a verdadeira origem; prevalecendo a opinião fundada n'uma supposta etymologia da palavra, que *torii* quer dizer — poiso de passaros — e que, na paz do templo, querem os deuses que as avesinhas tenham tambem um logar que lhes pertença, um poiso de descanso e de conforto. As avesinhas, por seu turno, são



ESTATUA DE BUDDHA, JUNTO AO TEMPLO DE NÔPUKUJI, EM HIOGO

d'esta mesma opinião; sendo vulgar a gente surprehende-las — corvos, pombos, pardaes e varios outros representantes da bohemia alada, — poisando sobre o *torii*, piando os seus amores. Seja como fôr, o *torii*, profusamente espalhado por toda a parte, constitue um complemento da paisagem japoneza, mil e mil vezes avistado pelo caminheiro, mil e mil vezes reproduzido pelo pincel do artista: e devemos reconhecer-lhe um interes-

sante e estranho encanto na simplicidade hieratica das linhas, em estylo que se afasta de tudo que conhecemos de outras terras; offerecendo o conjuncto um curioso exemplo de equilibrio em arte architectonica, visto que as differentes peças se ligam entre si só por entalhes e pela pressão de cunhas, sem uso de pregos ou cavilhas. Um dos mais famosos *torii* é o do templo de Miyajima; este templo assenta á beiramar, sobre esta-

çadas, e o *torii* avança majestoso pelo oceano fóra.

Relancêemos agora, mui por alto, a estrutura dos templos buddhistas, aos quaes os japonezes chamam *téra*. Já vamos comprehendendo, mais pelas gravuras que acompanham este estudo do que pelo proprio texto, que o templo, no Japão, não affecta

Buddha, o sublime Shakamuni, offerece-se em imagem, a descoberto, exposto ao ar e á luz, á adoração dos crentes, em formas colossaes, moldadas no bronze indestructivel. Mas se o Buddhismo tem o seu inferno, e os seus deuses terriveis, e os seus atrozes supplicios impostos ás almas em peccado, a sentimentalidade nipponica, toda sorrisos e es-

peranças, soube carinhosamente amenizar os rigores d'esta doutrina; aqui, a casa de Buddha, embora povoada de imagens, de symbolos, de objectos rituaes — em contraste com os templos de Shintô, — não nos dá a impressão esmagadora, impregnada de mystico terrorismo, que emana



ENTRADA PARA O TEMPLO
BUDDHISTA DE OTANI, EM KYOTO

as formas grandiosas, dominadoras, que distinguem o templo occidental. No entretanto, o estylo architectonico buddhista, herdado da China, é bem mais complicado do que o estylo shintôista, accusando por vezes indiscutivel majestade; sirva de exemplo, para citar um só, a vastissima e soberba bonzaria de Higashi-Hongwanji, na santa cidade de Kyoto. Os portaes da *téra* frequentemente nos revelam deliciosas linhas imponentes. O *tô*, torre ou pagode, existente em alguns templos buddhistas, é de pura importação da India; impressionando o seu aspecto, quando estampa no azul dos horisontes o vulto esguio e rendilhado: no *tô*, por exemplo, predomina a linha vertical. Junto de alguns templos, o



PORTAL DE ENTRADA DO TEMPLO BUDDHISTA DE DAIBUTSU, EM NARA

de outros templos e de outras crenças, por este mundo fóra; é, pela serenidade dos aspectos, pela fresca penumbra d'onde emergem os altares, pelo calmante perfume dos incensos, um simples santuario de paz, de recolhimento e de meditação. Cerca do templo, encontra-se o alpendre com o grande sino de bronze, que a certas horas do dia e da noite o bonzo vem ferir com a pesada



TEMPLO BUDDHISTA DE KIYOMIZU, EM KYOTO



TEMPLO BUDDHISTA DE GHINKAKUJI, EM KYOTO

trave de madeira que está proxima, suspensa por duas cordas que se lhe amarram aos extremos; e então echôa nos espaços, repetindo-se de collina em collina, um tremendo clamor, vibrante de mysterios da alma asiatica, fallando-nos de não sei que enlevos da solidão, em plena pureza de espirito, acalentado em fervorosas confianças no Nirvãna! . . .

O templo buddhidta tambem procura no Japão, como o templo shintôista, a amenidade dos verdes scenarios, a gentileza dos aspectos em volta; devendo ainda contar-se com o jardim privativo dos bonzos, vedado de ordinario á chusma dos profanos. No jardim, se podemos relancea-lo por favor es-

pecial, revelam-se-nos requintes de cuidados, de amanho, de cultura, de disciplina; os troncos de certas arvores têem sido pacientemente orientados em direcções requeridas, durante seculos sem conto, pelas mãos habilidosas dos bonzos, patenteando as mais estranhas apparencias; musgos macrobios avelludam as rochas, e até os bronzes das lanternas; os peixes vermelhos acodem humildemente ao chamamento, em cardumes, quando o senhor abbade se acerca do lago e bate as palmas; na loira areia dos trilhos, a vassoira experimentada do noviço traça em relevo figuras graciosas, que a brisa após apaga, mas que na manhã seguinte se renovam. . .

Kobe — Maio de 1907.

WENCESLAU DE MORAES.



TEMPLO DE SHINKOJI, EM HIOGO



LAMEGO — BAIRRO ALTO

Senhora dos Remedios

(LAMEGO)



TIO Cancela chegou á varanda a espreitar o tempo. O ceo limpo, ao longe sómente um barrocal de nuvens que a aragem demolia.

Depois, escudando a voz com as mãos, gritou ao moço, por sobre os azeviches da parreira bastarda, que fosse apôndo os bois, que eram horas. Em baixo, na arada, o rapaz alçou a cabeça, espadelou as mãos uma na outra, e de ancinho ao hombro meteu para o estabulo.

O Cancela, enquanto abotoava os bofes inteiriçados da camisa, ia percorrendo a granja com a vista, de ponta a ponta, desde as umbelas arrogantes do souto, á selva de galhardetes do milharal.

O sol no ocaso empoeirava tudo d'oiro: os castanheiros altísimos, as areias do atalho, a camisa de neve do camponez, os seus dois fios de prata grossos como serpentes.

Acalentando o riso aberto dos frutos, as boas arvores, as mães extenuadas, perdiam a côr. A ferrã começava a apontar na terra,

os moscateis pelos cómoros explodiam em anasarcas de assucar.

Sobre o tanque, o silencio debruçava-se a escutar a toada monotona do caleiro.

Tudo esquadrihava o Cancela e tam embevecido, que a filha pôde chegar ao pé d'elle sem ser presentida e disparar-lhe nos ouvidos um eh! travesso, brusco como um choque electrico.

O velho voltou-se a resmonear, enquanto a cachopa ria a bandeiras despregadas, numa alegria limpida, cristalina,

Uns bois enormes como medas cortaram pachorrentamente o pateo, foram beber ao tanque.

De cima, a Rosinha recomendou ao moço, que se aviasse, que se estava a fazer tarde; depois largou pela casa dentro lepida, contente como uma pascoa.

Com um olhar o Cancela palpou a suan aos bois, tlintou aquellas trinta moedas, e satisfeito foi vestir a jaqueta, atarrachando pelo caminho o colete novo d'astrakan.

O moço jungiu os bois, apô-los ao carro

da lavoira enfeitado de alecrim e rosmaninho, coberto com um mantel velho de chita.

Depois aparelhou a pôtra e na cabeçada e nas molhelhas prendeu roçadas de crisan-temos. Cheias as borrachas, equilibrados os alforges, dispostas as forragens para a jornada, foi-se elle tambem vestir a farpela de ver a Deus.

Os amos appareceram afinal, anchos, domingueiros, o Cancela numa andaina que estreiera pelo natal, a filha muito asseada na saia de gorgorina côr de café, na blusa branca, sob o cordão d'oiro que a mãe benevolamente lhe deixava trazer.

O Cancela foi-se andando com a besta á rédea.

A velha e a rapariga entraram para o carro, o moço, não aturando os sapatos, foi espetá-los nos estadulhos entre dois tirsos de alecrim.

Depois a um ei lá! vibrante, o carro ar- rancou, soltando num gemido doloroso, um adeus á granja, um adeus ao sol.

As cantigas ardem, iluminam a estrada, dão mais luz ao luar. Acima, muito acima, como sceptro do tempo, o setestrello cintila.

Moços e moças tragam a pé a fita velu- dinea da estrada, chinelas na abada, sapatos no varapau, abana que abana.

O caminho vai-se enrolando insensivel- mente no novelo das alegrias. Beijos, risos, abraços, tudo do alto a lua abençoa.

A filha do Cancela que vai no rancho garganteia:

Toma lá cerejas
Que te manda meu irmão
Eu talvez t'escreva
Na casquinha do limão.

E num triunfo que enche a noite, acorda os tentilhões das balsas, faz pestanejar as estrelas, a turba responde:

E viva a pandega
Olé, olá!
Com'esta pandega
Não ha, não ha!!

A' frente marcha a comitiva d'a cavallo, num chouto manso de caravana patriarcal,

escoltando a boquinha d'oiro do senhor aba- de, que conta anedotas das sete partidas, e as rotundidades dum brasileiro rico ajouja- das d'oiro e pedrarias como um boi Apis.

Atraz, os carros de gala, chorando a eterna *berceuse* dos eixos e das campainhas.

A' passagem numa taverna, os da dean- teira param, o rancho d'a pé pára, os ma- zorreiros vehiculos chegam.

O vendeiro ergue-se estremunhado, e a tanto barulho, os cães do logarejo arreme- tem uivando.

A alegria do vinho entorna-se na alegria das cantigas, e a ranchada abala, volta a trifurcar-se naquelles bandos em que é rei o abade, se desafiam os rouxinoes dormitam os anos em que já nevou.

Dos caminhos velhos, maltas de romeiros desaguam na estrada, lá vão entoando os mesmos salmos de alegria, de saude exu- berante. Passa ás vezes um cavaleiro a tro- te, dois, trez cavaleiros a passo largo, fu- mando, discutindo alto.

As arvores pelas rampas rezam ao ven- to, as escarpas das trincheiras semelham fantasias do luar.

Lá em baixo, do silencio adormecido dal- guma quinta, o clarim vibrante dum galo atira ao ceo um canto altissimo, puro como uma coluna de cristal.

Alva.

Lobriga-se um telhado, ouve-se o masti- gar duma mó e a cantilena grave do ri- beiro. E o macadam fugindo sempre, qual nastro cilhado ao ventre da terra, sobre montes, vales, casaes, córregos.

A morgadita do Cancela canta com a ala- cridade da cigarra na paveia dos ceifeiros, a alma visionando essa Lamego com casa- rios como conventos, torres mais altas que duas cordas de encerrar.

Canta... manda adeante uma cantiga ao Zé, militar lá no 9, guapo a valer, com as mangas cheinhas de riscas vermelhas.

E o estribilho prosegue:

E viva a pandega
Olé, olá!
.....
.....

Mas as gargantas começam a emperrar, a estrada não se farta de saltar regatos, cortar caminhos

— Eh! gentes, alma! — brada um galazoz da malta. Mais umas pernadas e estamos em Britiande.

Britiande.

O sol sobe mansinho, polvilha a cruz do campanario, chameja nuns cabelos de mulher que vieram espreitar á vidraça partida.

A aldeia anda já a pé. Uma alcateia de mendigos segue vagarosamente pela estrada,

Tira-se o chapeo ao Senhor dos Affitos, sobe-se a ladeira e Lamego defronta-se na vertente de lá.

A cidade resplandece. Abrazam-se em incendios as vidraças, as torres sagitam o azul, flechas, chaminés, empenas, pairam num labirinto geometrico, sob a asa doirada do sol. Em torno, a muralha verdeneira do arvoredo, entremeando-se pela casaria,



EGREJA DE NOSSA SENHORA DOS REMEDIOS

um homenzinho lanzudo rebola uma pipa, ouve-se-lhe chocalhar dentro a lavagem. Duma carroça a um canto, alçada, os varaes estendem-se para o infinito, como dois braços.

Homens e mulheres, de cabeça descoberta, formigam pela rua; da taverna vem uma vozearia indistinta dos tresnoitados.

Petisca-se; o brasileiro come do regaço da Rosa, abre na meza franca o seu farnel opiparo. Bem comidos e bem bebidos, ala; dali a Lamego é um salto e a récega vai apertar.

A estrada vai inçada de gente. A poeira começa a morder, os cachos a luzir o seu sorrzinho meudo de pequenos nababos contentes.

quebrando-se em fuga na garganta do Barrosa.

E lá ao cimo, como uma escada caprichosa de Jacob, a rampa de granito do santuario, cheia de sol, de flamulas, de lavôres de fadas.

Nos labios dos serranos murcham mesquinhas as cantigas.

Lamego, o burgo pacato que fez das suas noites um proverbio de eternidade, e dos seus presuntos asas de gloria, envergou a dalmatica festiva das Mecas, com flôres, musicas, bandeiras ao vento.

Villas e aldeias chegam em massa, alagam as velhas ruas roidas do sol, sulcadas lá de



CAPELLA
DE N. S. DE LOURDES

quando em quando pela sotaina negra arregaçada e as meias sanguíneas dum conego chantre a caminho da Sé.

Um rumor imenso esvoaçava nos ares, turbados na roda do anno apenas pelos toques do regimento, e a tarantula implacável dos sinos da catedral.

Ha rendas de verdura pelos passeios, roseirões de cabeças femininas pelas janelas de que escorregam damascos, como limos de cascatas exaustas. Descantes sucedem-se num turbilhão de paus, velando

as melodias do queixoso harmonio. Um automovel vem de traz, a roncar, abrem-se as filas como no domingo á missa, no ceremonial do asperges.

E as aldeias desfilam pasmadas, estarrecidas, ante senhores tam janotas, festões entretecidos no ar como teias d'aranha, os aventaes casquilhos dos peitoris.

O senhor abade, da sua ranchada é elle o guardião. Paga tanto vinho como o brasileiro, e vai mostrando então um ceo aberto de coisas!

O pano fronteiro da catedral — ah!! O cincelo nos pinhaes não deixa bordados mais lindos.

O padre explica solícito, mas numa parlenga para o seu rancho tam nebulosa como o misterio da Santissima Trindade.

— Isto é estilo gotico de lei; as colunetas finas que nem avemarias, subindo, até florescerem ao sol carinhoso das alturas; os santos extaticos banhados na penumbra contemplativa dos baldaquinos; as ogivas lançadas como duas mãos postas que muito resaram. O que destoa é aquelle torreão romanico, mais pesado que um baluarte...

Ninguem o ouvia; o Cancela até cabeceava, espedado ao marmeleiro, roufenhando da Pompeia dentaria a surdina cansada das gaitas galegas. O brasileiro esse olhava a Rosa como boi para palacio.

O abade aventou em vista disso que se fosse até cima, até o parque, lá dormiriam a sêsta á sombra dos castanheiros.

E o rancho pôz-se de novo a caminho do



PORTICO DOS GIGANTES

Santuário, na escalada infinita dos romeiros.

Pelas rampas, mendigos exibiam os aleijões, numa gritaria maquinal, lancinante. A' passagem de caras burguezas o seu clamor era mais agudo, mais desbocado. Do alto, como vozes arremessadas em fundas, os pregões retiniam.

Canastrinhas de doce e chafaricas de capilé escoltavam o caminho na imobilidade branca das toalhas, num esplendor de caras rosadas, tentadoras.

Na meia-laranja, onde desemboca um delta de veredas, não cabia mais alma. Canta-se, dança-se, as canecas vão e veem na sementeira das alegrias.

Dali, losangos de laçaria galgam a encosta, contornando pateos sobre pateos, até as torres esguias da basilica, disparadas para o infinito azul. Pelos lados, flechas, zimbórios, pirâmides, tocheiros de pedra em procissão, acesos pelo sol.

Rojavam-se pelas escaleiras as lamurias dos pobres, penetrantes, afiadas como azagaías.

Pregões voavam:

— *Auginha* fresca!

— Quem compra tremoços?!

— O fado dos amantes! a vintem!

A Rosita olhava muito admirada para tudo, como toutinegra que vê pela primeira vez uma primavera.

A cascata da Sereia causou-lhe um recondito pezar. Pois tão linda e metade peixe!...

Onde tudo ficou pasmado, boquiaberto, foi no recinto dos gigantes.

Ao centro uns latagões de granito sustentavam ás costas uma coluna afiada e alta como um cipreste.

E eram tão gigantes, e tinham tanto peso em riba, que o seu halito eram levadas d'agua cristalina.

Em torno, as sentinelas bíblicas, os reis de Israel com as barbas pintadas do tempo, o sceptro musgoso erguido para o céu, de plantão sobre manipulos de colunas compostas.

Para lá dos nove pateos, sobre um rôr de grutas, de cascatas, de obeliscos, sob as pingas do sombreiro gigantesco do parque, o Santuário com as duas torres altíssimas, a frontaria barrôca, coalhada de balões venezianos.

Do adro lançaram a vista para baixo. O escadorio esbrazido, coalhado de gente, salpicado de agulhas, participava da fantasia dos sonhos. As aguas do lago chispavam áscuas de lume, palmeiras sacudiam os leques, suavemente.

Lufadas sonoras de bandas voavam no ar, vindas de baixo.

A multidão grimpava como uma enorme serpente a que só se veem colear as escamas. Ao fundo, para lá d'um milharal amarelento, estirava-se a casaria, a muralha verde-negra, a fuga do riacho, as montanhas religiosas do Douro. A deslado, como um guerreiro que petrificasse, a velha torre de menagem esquecida no seu idílio secular com o sol.

Ao estoirar dos morteiros, o senhor abade despertou.

Esfregou os olhos, abanou o brasileiro que dormia no regaço da Rosa e em voz vibrante, jovial, clamou o «leva arriba» dos malteses.

Dos castanheiros caía uma sombra algida, crepuscular, cheia de nimbo de sol, como um nostálgico tapete persa palhetado d'oiro.

Uma família patriarcal, a dois passos, chupava, entre gracejos, louras fatias de melão. Da feira do gado vinha uma barulheira infernal, gritos á mistura com zurros e relinchos, e por entre os troncos das arvores lampejavam as evoluções das azemolas.

A' esquerda corria uma fieira do toldos oblongos, empenachados de fumo, eructando no ambiente o odôr acre dos petiscos.

As folhas terminam como ventarolas mansas, os bois do Cancela, dos olhos castanhos, enormes, contavam velhas lendas melancolicas. Um zumbido imenso subia para o alto numa nevoa sonora, massiça.

O rancho beijocou as borrachas, e atravessando a babilonia das tendas, meteu para o santuário.

Não se rompia no adro. Descantes moiam a desgarrada.

Numa guarda pretoriana de cacetes, seis raparigas desenvoltas cantavam em roda:

Ora bate Mariquinhas

Ora bate bem o pé!

.....

.....

Em torno do templo, romeiros de joelhos davam voltas sobre voltas, infinitas como a angustia da promessa. Uma guitarra circulava tambem, semelhante a um satellite.

O rancho enfileirou com os penitentes e após cinco voltas entrou dentro a rezar. Na grande nave havia um vacuo que os fieis não preenchiam. Muita cabeça curvada, e duas senhoras a mostrarem a uns pequerruchos os zagaes divertidos do presepio.

A Virgem perfilava-se reginalmente so-

de sorrisos, e prometeu um lugar para o retrato, na galeria d'honra.

Depois uma mulher seca, de má esquadria, acercando-se, tirou do acefatinho uma trança dum castanho desbotado, curta e desigual.

Pendurou-a num prego á voz do capelão, e sacando dois vintens, pediu uma estampa, das pequenas, para mandar ao filho que andava na guerra c'os pretos e as febres iam levando.



REAL SANTUARIO DE NOSSA SENHORA DOS REMEDIOS

bre um mólo de serafins, numa rampa montanhosa de talha dourada, régada de luzes. No peplum fulgiam-lhe constelações de pedras preciosas.

O sacristão, dum vermelho doce de berraba, ia e vinha, espiava os sorrisos do padre tesoureiro, circunscriptos na mesa branca dos fieis que depunham a oferenda, e aos carolins de esterlinas e coróas, a conta aberta das graças de Deus.

Os dois padres trocaram um aperto de mão, enquanto o senhor brasileiro discorria sobre a assistencia clinica da Virgem, na febre amarela, que o ia pregando na cova. Deixava a bagatela de quatorze libras e a amabilidade de um retrato.

O capelão assentou-lhe o nome, ungiu-o

— Trez, trez vintens, é o preço — objectou o sacerdote num sorriso de bonomia.

Entretanto a Rosita, muito esperta, muito perluxada, puxava por dinheiro, a soma exacta duma litographia pequena para pôr á cabeceira da cama,

A mão da mulher mirrada quedára, enodoava ainda a toalha branca; depois retraíndo-se, procurou na algibeira, procurou, tornou a procurar e voltou vasia.

— Então não dá por um pataco? — insistiu numa voz estrangulada, chamando ao mesmo tempo os olhos do padre para a trança do cabelo.

— São trez vintens, é preço sabido...

— Trez vintens... trez vintens...

— Sim, santinha, trez vintens!

— Ai Jesus e eu que só tenho dois! Se o senhor padre me fiasse?...

— Fiar? Ah! ah! ah!

A mulher deitou-lhe os olhos, córou, e largando o dinheiro, saiu pela igreja abaixo muito encolhida, como quem foge muito cobardemente ao castigo dum sacrilegio.

Aquilo aproximou os padres que riram a bom rir da «sonsice da velha».

Fóra, descia o crepusculo. Fosforecencias brotavam pela escadaria, pela cidade. A resaca rugia mais forte.

As flechas das torres mal se viam no elevado azul, como se ao descer da noite tivessem ficado no céu.

Em breve tudo appareceu iluminado: o templo, os pateos, a meia-laranja, a povoação. Um clarão de cratera em actividade esbateu-se no ar. Hinos de bandas desfilaram ao vento, e girandolas sobre girandolas subiram aos ares, desfazendo-se em lagrimas sanguineas, em diluvios de ametistas e safiras.

Depois lá de longe, o guerreiro petrificado, a velha torre de menagem calou a viseira. As suas granadas policromas, ficaram a cruzar-se sobre o môrro, dando a ideia d'uma dança de estrelas cadentes.

E a olimpiada começou nas filarmônicas, nos foguetes, nas canecas do rascão.

O rancho voltou para o souto, não fossem as bestas espantar-se com os foguetes.

Cavalgaduras para o lado da feira relinchavam um panico de combates, vagas de gente assustadiça desertavam da zona sobre que chovia a triunfal metralha. Patrulhas de barretinas reluzentes passavam ás upas nos cavalões listrados de espuma.

Efectivamente, as pótras do Cancela e do brasileiro espinoteavam como umas danadas; a egua do cura, essa, afeita áqueles pagodes de romaria, debulhava pachorrenitamente o casculho deixado por um carreiro.

Instalaram-se numa clareira a trouxe-mouxe, o senhor brasileiro sobre uma ponta do chaile da Rosita, flanqueada da outra banda pelo Zé, o cabo que lhe arrastava a asa.

Dali assistiriam muito bem á guerra dos fogueteiros, percebendo ainda as notas agudas da filarmônica do adro.

O castelo é que vomitava fogo como um valente.

— Não fosse elle castelo — comentou o brasileiro.

O cabo, que tinha bom faro, retorquiu sem saber bem a que:

— Aquilo... peuff! Um balasio esboralhava tudo.

O brasileiro que não tinha menos olfato, disse sorrindo, que agora era um simples monumento, mas que nos seus tempos, nos seus tempos...

E abanava a cabeça num gesto de reverencia a uma magestade entrevista.

— Ora!... — cuspiu o cabo, a quem o coração obrigava ao papel de Keraban.

— O amigo não é das bandas do Thedo? — interpelou o abade — Pois olhe que por lá conhece-se bem o que aquella cidadela valeu.

— Ah! a tal patranha do *D. Taidom*?

— Patranha ou não, é um documento tradicional que atesta a importancia da velha fortaleza. O tio Cancela sabe, oh se sabe!

— Ouvi, ouvi contar a meu avô, mas ha tanto tempo que já se me varreu da lembrança. Uma moira que se namorou d'um principe cristão, não é? Conte-nos lá isso, senhor abade, que ha de ter lido nos alfarrabios.

Os olhos da Rosa, muito abertos, pediam tambem para contar.

O padre então, relanceando ao cabo e ao brasileiro um olhar malicioso, contou a velha lenda que lhe embalára a infancia.

«Foi no tempo que os pendões da moirama voavam sobre a nossa terra, como aguias carniceiras. Tinha o vali de Lamego uma filha a quem queria mais que ás meninas dos olhos. Era Ardinia o seu nome e tão linda que a noite não sabia se era mais noite nos seus olhos, se nos seus cabelos. Aconteceu um dia as hostes cristãs saquearem a cidade e pôrem cerco ao castelo. Mas as muralhas eram de bronze, ficou no assalto uma estrumeira de cristãos. Entre os cativos contava-se D. Thedon, o filho do infante, o cavaleiro d'armadura de prata mais valoroso que a rosa do sol cobria. Grilhões para elle eram mais as tranças negras de Ardinia que as algemas do vali. Mas uma noite sem lua, sem que as sentinellas sonhassem como, o prisioneiro evadiu-

se, e uns dias andados desaparecia Ardinia. Lançaram-se esculcas, que voltaram dizendo que por aquelas redondezas, só um pagem de Granada haviam visto, trocando a bom trotar, num ginete branco. Teve um palpito o vali e mandou que os melhores corredores fossem a prender o misterioso pagem. Mas o cavalo branco fugia como o vento, não o alcançaram os corredores.

«O pagem andou, andou até que foi dar a uma ermida onde estava um velho. — Velhinho, disse elle, não me saberás dar noticia do cavalleiro cristão D. Thedon que faltou á fé jurada de se avistar comigo? O anacoreta contou que D. Thedon fôra ferido pelos infieis e como anoitecesse ofereceu pousada ao pagem. De noite o pagem sonhou alto. Pela manhã falou-lhe assim o frade: Sei quem és. Converte-te, Ardinia, á lei do Crucificado, e vai ter depois com o senhor de teu coração. Batisou-se a moirinha, com promessa do velho lhe trazer o seu principe d'armadura de prata.

«D. Thedon andava na guerra; levou dias e dias a dar com ele. Quando o velho lhe contou, saltou para o seu corsel de guerra e partiram a galope, sem escolher carreiro nem atalho. Chegados á ermida, caiu-lhe a alma aos pés.

«Sobre um montão de cinzas flutuava o pendão rubro dos infieis. As coleras do vali

tinham por ali passado, destruido tudo, afogado a moirinha, que d'amor se perdera pelo cavalleiro d'armadura de prata.

D. Thedon atirou-se á moirisma como um desesperado, que já não tem peito para sentir os golpes. Muito pèrro imolou ao altar da sua Ardinia. Um dia, afinal, os malditos apanharam-no de surpresa; crivaram-no de lançadas e atiraram-no ao rio que desde então se ficou a chamar Thedo. As aguas envolveram-no na sua mortalha branca, quem sabe lá se o não levariam para os braços da desventurada moira!?»

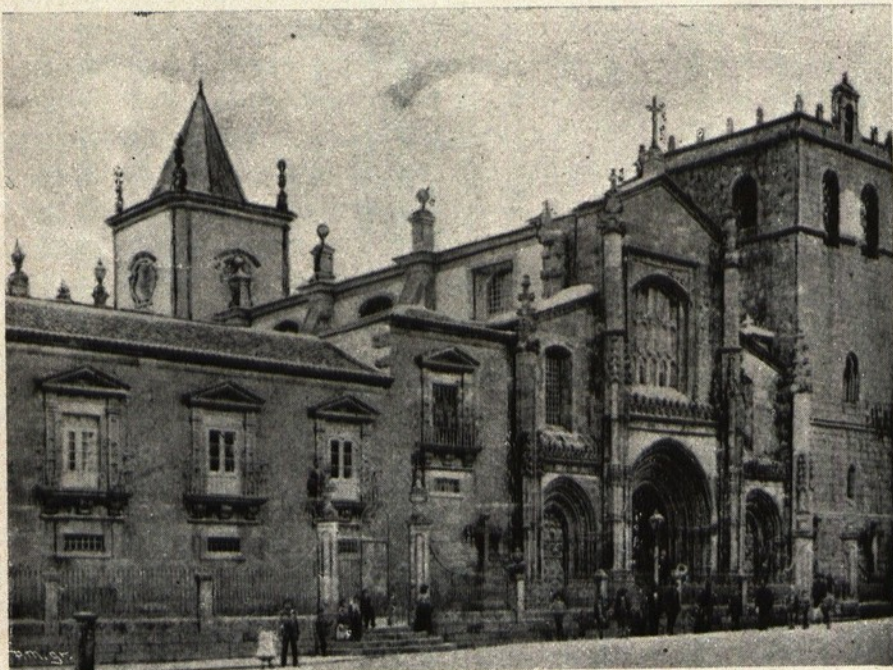
O cortejo na andadura suave das madaenas, dos anjos, do prelado, coleava como uma serpente curtindo uma digestão laboriosa. O sol, a pino, deixava correr a flux a sua cascata d'ouro. Das torres manavam catadupas sonoras.

No decrepito castelo dos valis, a artilharia dos morteiros salvava.

A procissão embrenhou-se no Bairro Baixo, desaparecendo seguidamente na cadencia grave da marcha do Profeta, as asas rubras dos guiões, os resplendores opticos das cruces e das lanternas, os carros de Elias puxados pelos bois dos arados, o nariz rubicundo do bispo.

Depois rolou um exercito de sobrepelizes, o g brunido de suor, a cauda da Grande Ursa, tecida de cabeças.

O Cancela, arreitada a egua, dirigiu-se para a ala dos oirives a comprar umas ciganas para o démo da rapariga. O ar queimava como um rescaldo de incendios. O alarido era medonho. Harmonios, gaitas, ocarinas, apitos ganiam, rangiam os dentes. Um rapazote assobiava como os melros e uma rapariga desdentada rufava a fantoches.



A SÉ DE LAMEGO

As tendas reviviam o cáos.

O Cancela esgarrou moeda e meia, e ali mesmo deitou Rosa as argolas, que ficaram a badalar, a badalar apelos de beijos, para aquele rosto finissimo, de cambráia.

Depois o rancho desceu a rampa, perdeu de vista as laçarias de renda, as flechas audazes do templo, e foi direitinho á tasca das tias Catarras da rua dos Ferreiros.

Ali, comendo e bebendo, aqueles labios simples tornaram a rezar a mesma alegria da vespera. Em baixo o Barozza desferia a sua partitura ingente.

A certa altura, o brasileiro, suando como esponja sob uma montanha, cochichou não sei que ao ouvido da Rosita que a fez corar até a raiz dos cabelos. E ficou a espanejar-se como um galo sultão, vencedor.

A' despedida o Zé chamou, a Rosa de parte:

— Então já pensaste, Rosa?

Ella sobresaltou-se. Depois muito delambida respondeu:

— Nunca mais me alembrou. Mas, ó Zé, tu com a vida que levas és um regalão. Eu cá se fosse homem, na tarimba é que me queria. Olha, se estás bem, deixa-te estar.

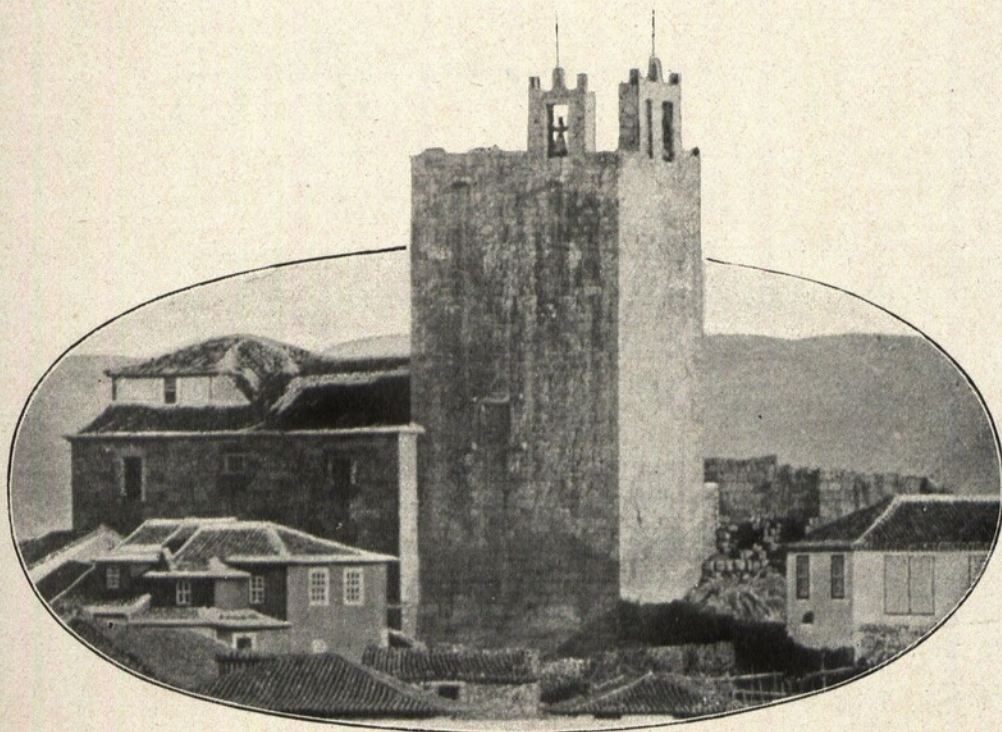
— Bem te compreendo — rouquejou o cabo — o ladrão do carióca...

A Rosa fez-se vermelha como um pimentão, depois de narinas dilatadas, vibrando toda, atirou-lhe á cara:

— E vossê que tem com isso? Importa-lhe a minha vida?

A dois passos, o senhor brasileiro segunda vez se espanejava como um galo sultão, vencedor.

Aquilino Ribeiro.



O CASTELLO DE LAMEGO



Magia do Canto

À Senhora Condessa de Proença-a-Velha

*Ouvindo-a cantar uma inspirada melodia, de composição sua,
escripta para uns versos do auctor.*



*Ella diz — numa voz que voz nenhuma eguala,
Que nenhum alaúde ou cithara maviosa
Ou harpa soluçante ou guitarra chorosa
Jamais nunca fará que eu receie olvidá-la;*

*Ella diz — nessa voz que ao coração nos fala,
Que abre oceanos de luz á noss'alma sequiosa
E, num fluido de sonho e nuvens còr de rosa,
Por páramos azues nos leva e nos embala;*

*Ella diz — numa voz, de beijos amassada,
De pérolas em fio e lágrimas coalhada,
Toda a gamma subtil da volúpia e da dôr...*

*Diz o aneio, a paixão, as tragédias, o idyllio...
E, ao escutá-la, eu penso: Ó Terra! és um exílio...
Para alem d'esta vida, existe outra melhor.*

*Existe, sim. Bem alto o diz esta saudade
De uma pátria irreal, de um bem que se não viu...
Di-lo esta insatisfeita e pungente anciedade
De encontrar a alma irmã, que a noss'alma entreviu...*

*Di-lo esta sêde ardente e innata de Verdade,
De Justiça, de Amor, que jamais se extinguiu,
Que jamais se saciou na Terra, onde a Piedade
As brancas azas fecha, á hora em que as abriu.*

*Di-lo este horror que sinto e palpo, ao ver que é nulla,
Que é impotente a lei, o ukáse, o dogma, a bulla,
Para varrer da Terra as mil fórmas do Mal;*

*E, mais que tudo, diz-m'o a ideal melancolia
Em que me lança, a mim, o canto, a melodia,
Transportando-me alem do mundo sideral...*

*Pairar, viver, sonhar, nessa harmonia estranha,
É ter a sensação de mundos ideaes,
Ver torrentes fluir, de limpidos crystaes,
Que um luar opalino em doces tintas banha...*

*É como que avistar, do tópo da montanha,
No fundo, o fumo azul de rústicos casaes,
Na funda placidez de tempos patriarchaes,
Que nenhuma nevrose agita ou arrepanha.*

*E, depois, ver subindo, em refulgencias de oiro,
O heroe que vence a Noite, o Phébo esbelto e loiro,
Que ás morenas dá graça e dá sangue aos heroes;*

*E sentir, vendo o espaço a um ponto circumscripto,
Esta ância de voar, de sair do finito,
De ir mergulhar, a arder, no turbilhão dos soes!*



NIJNI-NOVGOROD — VISTA DA FEIRA

Vinte dias na Rússia ⁽¹⁾

(IMPRESSÕES DE UMA PRIMEIRA VIAGEM)

POR Z. CONSIGLIERI PEDROSO

CAPITULO VII

UMA CIDADE DE PROVINCIA

Partida para Koltsovo — Reconciliação definitiva com os caminhos de ferro russos — A linha ferrea de S. Petersburgo a Moscou e o tsar Nicolau I — A minha toilette — Tver — Aspecto geral da cidade — A Bolchaia Millionaia — Antegosto da verdadeira cosinha russa — O Volga na tradição poetica dos mujiks — O Volga e o commercio fluvial da Russia.

CHEGOU enfim o momento de partir para Koltsovo, o novo objectivo da minha viagem depois do convite, que recebera da familia Agrenev. Não quer isto dizer que a visita a S. Petersburgo estivesse

terminada. Pelo contrario. A uma capital como a da Russia, não se lhe ficam conhecendo todos os pormenores n'alguns dias apenas, em que á pressa se percorre. O viver intimo, a physiognomia moral escapa forçosamente a tão rapido exame.

O capitulo, por exemplo, «Museus» nem sequer pude encetal-o por falta de tempo. E assim como este muitos outros passaram em claro, e dos não menos interessantes na vida da grande cidade slava. Mas isto era fatal que acontecesse e tinha-o eu de ante-mão previsto. Paris, Berlin, Londres, S. Petersburgo, Moscou, ou se *veem* em meia duzia de dias, ou necessitam de longos mezes de convivencia e até de annos para com ellas se travar conhecimento. Tudo depende do ponto de vista em que o viajante se colloca, e eu, apertado pela escassez do tempo, não tinha a liberdade da escolha.

Por isso, bem a pezar meu, e deixando

(1) Continuado do 4.º vol. da 1.ª serie.

para melhor ocasião visita mais demorada, decidi-me a tomar o expresso de Moscou, visto que para me dirigir a Koltsovo devia apear-me em Tver, e que esta cidade fica na linha que liga as duas capitaes.

Teria preferido fazer a viagem de dia por dois motivos igualmente ponderosos.

Era o primeiro a natural curiosidade de poder ir vendo a região que o comboyo atravessava, inteiramente nova para mim, como de resto o eram todos os caminhos que na Russia devia percorrer, visto ser a primeira vez que por elles passava.

O segundo motivo, porém, porque não hei-de contal-o? que me levava a evitar instinctivamente o passar mais noites em caminho de ferro, era ainda a não desvanecida recordação d'aquella primeira viagem nocturna ao sahir de Verjebalovo, recordação que apesar de bastante attenuada, como tive já occasião de o confessar, ainda assim me fazia pensar com certa inquietação, na alternativa de dormir (?) outra noite em wagon.

Infelizmente o meu desejo não pode ser satisfeito, por isso que o expresso só de noite faz o percurso entre S. Petersburgo e Moscou, ou antes a maior parte d'elle. Como na epocha em que estavamos as noites são

muito curtas na Russia, havendo ar de dia até ás 9 horas e meia da tarde, e começando a aurora a raiar ahi pela hora e meia da madrugada, grande parte do caminho pude vel-o.

Compensou-me, no emtanto, da parte que não consegui vêr, a satisfação de definitivamente me reconciliar com os caminhos de ferro russos.

Sim, senhor! O expresso, em que eu acabava de entrar, era já um verdadeiro «rapido», commodo, cheio de conforto, e não desmentindo pela sua andadura o pomposo adjectivo do nome que lhe era dado na nomenclatura official. Não quero com isto dizer que elle realisasse ainda para mim o ideal dos comboyos, porque, segundo parece por um phenomeno de atavismo muito commum na Russia, sobretudo no dominio da viação, lá apparecia uma vez ou outra com insistencia teimosa a tendencia para a reversão ao typo inferior, que n'outras linhas moscovitas tão á vontade floresce. Assim o regimen das bagagens e o *struggle for place*, esta nova hypostase da grande lei de Darwin nos caminhos de ferro russos, são ainda importantes coefficients de correcção, com que o passageiro tem de entrar nos seus calculos, sobretudo se se dispõe a viajar de noite.



Mas estes pequenos senões esqueci-os eu, quando algumas horas depois da partida vi o *divan* onde ia sentado, e onde já me preparava para mais repousado descanso, transformar-se como por encanto em fôfa cama, onde de facto pude tranquillamente dormir até de madrugada. Reconciliei-me então definitivamente com os caminhos de ferro russos, e aprendi, não sem uma ponta de remorso a pungir-me na consciencia, como era falsa no paiz onde me achava a inducção do *ex uno disce omnes*, pelo menos applicada á hypothese ferro-viaria.

A parte da linha, que pude ver, quasi não differe pelo aspecto da que eu percorreria nas provincias occidentaes do Imperio. A paisagem é pouco mais ou menos a mesma, com identica flora e com parecido relevo. Tem a seu favor, porém, o ser mais povoada. As *derévnia*, os *seló* e as *imiénie* são mais frequentes, e accusam um desenvolvimento de vida mais intenso. Não deve esquecer, que iamos caminhando a toda a velocidade para o centro da Russia, para a Moscóvia, esse coração onde palpita toda a vitalidade da grande nação, e de onde ella irradia para os pontos mais afastados. De resto a planicie sempre, primeiramente dourada pelo sol poente prestes a esconder-se por detrás das florestas lá para as bandas do golpho da Finlandia, e depois suavemente velada pelo lusco-fusco do indeciso crepusculo boreal, que a povoava de umas sombras ligeiras, meio transparentes, que tanto podiam representar o esmaecer do dia a despedir-se, como o raiar da aurora a anunciar-se.

A originalidade d'esta linha de S. Petersburgo a Moscou não está, porém, no paiz que ella atravessa. Como acabamos de vér, sob tal ponto de vista em pouco se differença das suas congeneres, construidas na vasta planicie, que constitue a quasi totalidade da Russia europeia. A sua feição característica é outra. Consiste propriamente no traçado. Este sim, é original, unico. Imagine-se um percurso de alguns centos de kilometros, sempre em linha recta, mas linha recta geometrica, sem um desvio, sem uma inflexão, por mais insignificante que seja, sem a mais leve attenção, não direi pela *geographia physica*, por isso que o solo pequenos accidentes orographicos offerece, mas pela *geographia economica*, pois parece

semelhante caminho de ferro nem suspeitar sequer a existencia das cidades, villas e aldeias, que naturalmente devia ligar, e das quaes julgariamos que se afasta de proposito, ao vel-o na solemnidade da sua inflexivel trajetoria.

O caso conta-se do modo seguinte:

Quando se procedia aos estudos para a construcção, o tsar Nicolau I percebeu que o pessoal tecnico encarregado d'esse trabalho, em vez de se inspirar para a escolha do traçado nos interesses da região, que o caminho de ferro devia atravessar, attendia mais a considerações particulares e aos empenhos de determinados proprietarios, que se esforçavam por que a linha ferrea passasse junto aos seus dominios. Chegado o momento de conceder a sua alta approvação ao projecto, e na occasião em que o ministro dos Caminhos de Ferro em presença do processo completo das expropriações e das competentes plantas se preparava para justificar perante o seu imperial amo o traçado escolhido, Nicolau sem escutar o ministro, que já começara a sua exposição, pegou n'uma regoa e, reunindo no mappa as duas capitaes, traçou com o lapis uma linha recta, accrescentando laconicamente mas n'um tom que não admittia replica: «Aqui está o meu traçado. É por este que a via ferrea vae construir-se.» E assim se construiu, com effeito.

Ao principio este acto de feroz autocracia, digno de um verdadeiro pharaó, deu muito que fallar, e embora em voz baixa, conforme a prudencia o aconselhava aos protestantes, a determinação do imperador foi severamente criticada. Hoje no entretanto parece que a opinião a este respeito se modificou, e começam a apreciar-se as vantagens de a linha entre as duas cidades correr sempre a direito, o que significa maior rapidez das viagens e por consequencia maior barateza dos transportes directos, tanto mais que tal rapidez é perfeitamente compativel com os interesses economicos das cidades desattendidas pela arteria principal, mas que a ella se podem ligar por meio de ramaes secundarios de um e outro lado.

A historia, authentica segundo me affirmaram, é corrente em toda a Russia, e explica por si só, valendo pelo melhor dos commentarios, muitas anomalias aparentemente injustificaveis que n'este paiz o estrangeiro encontra...

Foi pela volta das seis horas da manhã, que o comboyo chegou á estação de Tver. O tempo tinha sensivelmente melhorado, embora grossas nuvens ainda toldassem uma parte do horizonte.

O ar, porém, estava frigidissimo. Parecia de inverno. Com que saudades me recordei n'esta occasião do meu sobretudo e da minha manta-châle que impensadamente, ou antes confiando demasiado nos 27 grãos centigrados á saída de Lisboa, eu eliminára

o caso, um fatinho de verão, de uma alpaca muito fresquinha, que o Fonseca alfayate me recommendára como a mais leve para a estação... na rua dos Algibebes, intende-se.

Não sei em verdade por quem, com tal traje, me teriam tomado em semelhante latitude os meus companheiros de viagem. Talvez por um doido, talvez por um excêntrico, talvez, quem sabe? por algum penitente a offerecer por essas Russias fóra as



MOSCOU — PRAÇA VERMELHA

da bagagem com uma leviandade de que estava agora soffrendo as consequencias! Porque, não obstante ser-me impossivel verificar pelo thermometro a exacta temperatura, sentia gelar-me todo, intiriçando-me n'um arripio que me fazia tiritar o frio cortante, a que a brisa da madrugada ainda acrescentava o seu tic caracteristico. Deviam estar a essa hora uns trez ou quatro grãos, quando muito. E eu a ostentar galhardamente, como mais apropriada *toilette* para

carnes desprotegidas a um genero novo de mortificação, em desconto de peccados desconhecidos, sim, mas que deviam de ser grandes, attenta a crueza do sacrificio expiatorio.

O que é certo é que a minha *toilette* primaveril parecia fazer sensação entre toda aquella gente embuçada em grossos capotes forrados de pelles. Percebi até que o meu casaco d'alpaca era o principal alvo das attenções. Sentia fallar em voz baixa

quando passava junto dos grupos, que se haviam formado na *gare* á sahida do comboyo. Cochichavam, olhando-me significativamente. Cheguei mesmo a divisar em alguns rostos inequívocos signaes de compaixão. Não havia que duvidar. A impressão em todos era a mesma: doido, excentrico ou penitente... No fim de contas tudo se cifrava n'um pobre viajante, que á sua custa estava pagando a ignorancia da climatologia do paiz, e que com infinda melancolia lá ia

do caminho de ferro o sufficiente para que o trajecto não possa fazer-se a pé. Foi pois n'um *drochke*, que para lá me dirigi, por uma estrada bastante larga, menos mal conservada, ladeada por um lado e outro de campos verdejantes, e sobre a qual a todo o instante pousavam, mesmo quasi debaixo das patas dos cavallo, grandes bandadas de corvos e de pegas. A'quella hora matutina parece que tudo ainda dormia na cidade. Pelo menos assim o indicava o aspecto das



MOSCOU — A PONTE DE PEDRA

philosophicamente repetindo para si a sentença do velho Dante:

... *Nessun maggior dolore che ricordarsi del tempo felice nella miseria...*

O que no caso significava em traducção livre: «Nada ha mais triste do que lembrar-se a gente de um bom casaco, quando está a tremer com frio.»

A cidade de Tver está afastada da *gare*

casas hermeticamente fechadas, e a solidão das ruas apenas raramente atravessadas por algum viandante de apparencia meio estremunhada. Verdade seja, que mais tarde pelo dia dentro o movimento e a vida não augmentaram de modo muito sensível. Bem se via logo á primeira vista, que se estava n'uma cidade de provincia. A ausencia de rumor era tão completa, que ruas havia atapetadas de herva por onde, ao passar, o andar da nossa carruagem acordava

verdadeiro sechos. Tranquillidade assim nunca na minha vida presenciei em agglomeração urbana. Visitei algumas vezes mais Tver, em outras occasiões e em dias differentes — n'um domingo e pela semana adeante. A impressão que ao percorrel-a senti sempre, foi a mesma d'esta primeira hora. Ruas desertas, casas silenciosas, estabelecimentos vasios, jardins solitarios. . . Como todo este socego contrastava com o bulicio que eu tinha visto em S. Petersburgo e que d'ahi a pouco ia tornar a vêr em Moscou!

E no entretanto apesar da falta de movimento ou talvez por isso mesmo, achei esta cidade adoravel. Pareceram-me singularmente encantadoras sobretudo as suas casas, pintadas com esmero de verde, de amarello ou de branco, com o seu jardim-sinho na frente quasi todas ellas, e com os seus vasos de flores vermelhas por dentro dos vidros, porque tambem ali pude verificar, que a paixão das flores é, pode dizer-se, geral.

Não se julgue, porém, pelo que acabamos de dizer, que Tver seja algum logarejo ou aldeola, como tantos outros que yegetam ignorados no fundo das mais remotas provincias do imperio.

Cometteria grave erro quem tal imaginasse. Tver é uma cidade bastante importante, pela população que conta perto de cincoenta mil almas actualmente, e pelo commercio tanto terrestre como fluvial, que pela linha ferrea de Moscou-S. Petersburgo, e pela grande arteria do Volga se realisa. Tem além d'isso Tver uma historia illustre. Foi fundada no fim do seculo XII pelo grão-duque Vladimiro Vsevolod Géorghievitch, principe de Suzdal.

No ultimo quartel do seculo XV passou para o poder dos moscovitas. Na segunda metade do seculo XVI foi saqueada pelos soldados de Ivan IV. Em principios do seculo XVII por ultimo, no tempo do «falso Dmetrio», foi tomada d'assalto e em parte incendiada pelos polacos.

Primitivamente a parte principal da cidade era na outra margem do Volga. Só em 1240 é que o grão-duque Jaroslav Vsevolodovitch construiu a fortaleza, que passou a ser o centro da cidade nova. N'esta epocha governava Tver um principe independente.

A cidade actual está situada na emboca-

dura da Tmaka e da Tvertsa no Volga e sobre as ilhas formadas por estes rios, o primeiro dos quaes é atravessado por uma ponte, emquanto que a passagem pelos dois ultimos se faz por meio de barcas.

O bairro mais importante de Tver, chamado a *Gorodovaia*, levanta-se em amphitheatro sobre o Volga, e foi Catharina II quem o mandou reconstruir depois de um temeroso incendio, que reduziu o antigo a cinzas. O bairro *Zatmatskaia* fica do mesmo lado do Volga, sobre a margem esquerda da Tmaka. Finalmente os bairros *Zavoljskaia* e *Zatvéretskaia* estão na margem esquerda do Volga, dos dois lados da Tvertsa. A orientação d'estas differentes partes da cidade está de resto indicada pela prefixação da particula *za* aos nomes de cada um dos trez rios, o que immediatamente na lingua russa lhes determina a respectiva situação.

Tver, que é séde de um arcebispado e residencia de um governador, tem alguns edificios notaveis, como o Gymnasio, o Gostinny-Dvor, redução modesta do grande bazar de S. Petersburgo, e o Dvoriansky ou palacio da Nobreza. Conta quarenta egrejas, das quaes a mais notavel o *Sobór Preobrajénia Gospódnia* (Cathedral da Transfiguração do Senhor) tem a honra de possuir as reliquias de S. Miguel Jaroslavitch, e umas preciosas pinturas muraes que datam do tempo do arcebispo Platão, conforme resa a chronica. Tem igualmente Tver algumas praças, entre ellas a *Ekaterinovskaia plochtchad*, em cujo centro se levanta o monumento de Catharina II, feito de marmore da Siberia; alguns jardins, como o *Publitchnii sad* e a *Osmiugolnaia plochtchad* (praça de oito angulos ou lados) e uma bella rua, a *Millionaia*, que corre em grande extensão, parallelamente ao Volga, entre a Tmaka e o *Vauxhall*.

A *Millionaia* é a principal arteria de Tver, não só pelas suas dimensões, mas ainda porque n'ella se encontram os melhores edificios e as mais vistosas lojas da cidade.

É uma especie de Prespectiva Nevsky provincial, mas sem cousa alguma que faça lembrar a vida e o movimento da grande avenida de S. Petersburgo. Quantas vezes por ella passei, tantas a encontrei deserta e silenciosa, como o resto das suas subordinadas em grandeza, irmãs em solidão. Foi sempre emquanto ali estive e ainda é hoje

para mim um mysterio, onde e como vive a população de Tver. Não sae á rua, e á janella não se vê.

A cidade é espaçosa, as ruas são largas, e as casas, algumas magnificamente construidas, e todas ellas irreprehensivelmente cuidadas, indicam a presença de numerosos habitantes. No entretanto anda-se, anda-se, por um lado e outro. Passa-se da Millionaia ás travessas mais secundarias, e d'ahi aos jardins publicos e ás praças, e pelo menos aos dias de semana, que foram n'esses que principalmente a visitei, não se encontra quasi viva alma. O aspecto geral faz lembrar o das ruas mais solitarias do nosso bairro da Estrella. Até a conformação das edificações é a mesma — predios baixos, de ordinario com um ou dois andares apenas, a maioria das casas, como já dissemos, com jardim, e um socego tão grande, que custa a perceber que se está n'um importante centro de população urbana. São assim todas as cidades provinciaes da Russia? Não posso por agora responder a esta interrogação, pois não as conheço de *visu*. É provavel,

porém que o sejam, e que Tver em vez de constituir uma excepção, nos apresente pelo contrario o typo normal do genero.

O meu primeiro cuidado, installadô que fui no hotel, e logo depois de reparados os estragos mais viziveis que na *toilette* me occasionára a viagem de alguns centos de kilometros que acabára de fazer, foi preparar-me por uma refeição conveniente para a excursão a Koltsovo, que, áquella hora, eu ignorava ainda se era longe ou perto, de facil ou difficil accesso, tendo noticia apenas de que só indo em *dróchke* ou *tarantáss* lá poderia chegar.

Por isso o almoço prévio se me affigurava de primeira intuição, quer dizer, de indispensavel necessidade. E memoravel foi elle, não ha duvida. Verdadeiro almoço de cosaco!

Realizou-se n'esse dia, posso affirmar-o, a minha primeira iniciação a valer na cosinha russa. Até ahi, com effeito, mal lhe entrevira os succulentos mysterios, que só agora principiavam, desvendando-se em surpresas sempre crescentes, a deslumbrar-me, e por-



UM «TARANTÁSS» PELOS CAMPOS

que não o direi também para ser sincero? a intristecer-me — a deslumbrar-me pela opulenta variedade; prompta a desafiar a mais pormenorizada descrição da mais completa lista; a intristecer-me pelo reconhecimento humilhante da minha própria impotência gastronomicamente, incapaz de fazer as devidas honras ás tentadoras seducções da arte culinária slava.

Antes d'este dia, em verdade, da comida na Rússia eu só conhecera ou os pratos frios e leves, que á pressa é costume servirem-se nas *gares* dos caminhos de ferro, ou os *menus*, mais ou menos cosmopolitas do restaurante allemão, aonde invariavelmente ia almoçar e jantar, enquanto estive em S. Petersburgo. Mas nada d'isso, conforme mais tarde pude verificar, era a verdadeira cosinha russa. Essa, a genuína, começava para mim agora em Tver, attingindo em Koltsovo e em Moscou a suprema característica da sua feição nacional. Pobre estomago meu, em que espartano regimen tu fôras até este momento educado, não suspeitando sequer como por esse mundo fóra se comprehende uma das mais solemnes funcções da nossa humana natureza! . . .

Não antecipemos, porém. Ainda não é este o lugar apropriado para eu communicar ao leitor as minhas impressões definitivas sobre o importante capitulo do que um anthropologo chamaria a vida vegetativa do povo russo.

Depois do almoço e antes de deixar Tver por aquelle dia, estava naturalmente indicada a visita ao Volga. Era mesmo esta uma das minhas maiores preocupações. De ha muito que eu aprendêra a ver na *Mátuchka Volgá* (a querida mãe Volga), como o *mujik* russo a denomina com amor, um dos mais importantes rios historicos do mundo. A influencia exercida por esta formidável arteria, que constitue o *systema vascular* central da Rússia europeia, na evolução da grande raça estabelecida no vasto ambito da sua bacia, não me era desconhecida. Nas recordações, agora presentes, dos meus anteriores estudos sobre a civilização slava, misturavam-se com a lembrança do rio memoravel, que dentro em pouco ia ver, as reminiscencias de outros rios, também celebres nos annos da humanidade, cujos deltas haviam servido de primeiro *habitat* ás mais illustres nações dos passados tempos ou em

cujas margens se haviam desenrolado alguns dos decisivos dramas da historia universal — um Nilo, um Euphrates, um Indo — um Rheno, que diante de mim evocára, na primeira vez em que o avistei, todos esses combates cruentos, a que desde o tempo de Tacito tinham servido de testemunha as suas aguas impetuosas e revoltas — um Danubio, em cujas ribas fragosas eu julguei divisar ainda, quando por ellas passei, os wisigodos de Alarico promptos a lançarem-se sobre as fronteiras indefesas do imperio romano.

Não foi por isso sem uma certa commoção que eu me vi junto ao rio, que para mim continuava a estar cercado do nimbo mysterioso e lendario do seu passado mythico, e que me trazia á memoria também todas essas raças que na penumbra da Edade-Media o tinham atravessado em som de guerra, desde os hunos de Attila, e os mongões de Tamerlão e Gengis-Khan até aos slavos de Vladimiro Vsévolod . . .

E no entretanto o Volga ao pé de Tver é de dimensões mais do que modestas, nada em relação até com a sua grande nomeada. Faz pouco mais ou menos a figura do nosso Douro junto ao Porto. Simplesmente as aguas d'este ultimo são mais rapidas, mais agitadas, o que de resto se explica, pela maior proximidade do mar. O Douro, com effeito, n'este sitio está a lançar-se no Oceano, em cujas aguas as suas se vão misturar, ao passo que Tver mais perto da origem do que da foz do grande curso d'agua, está situado no meio da vasta planicie central da Rússia, a uma incommensuravel distancia do lago Caspio, termo ultimo da longa e accidentada viagem do afamado rio.

Em todos os tempos o Volga exerceu a sua poderosa attracção sobre as raças, que se lhe approximaram. Pouco faltou, que d'elle fizessem um Deus, como os velhos egypcios pharaónicos do seu Nilo. As denominações, porém, por que nas diferentes linguas é conhecido, provam de fórma eloquente a ideia, que do seu poder e grandeza de seculo em seculo se foi consolidando na tradição popular.

A palavra Volga parece vir de *Vláha*, «humidade», a humidade ou a agua por excellencia, donde os russos derivaram como já vimos, a expressão carinhosa, implorativa quasi de *Mátuchka Volgá*, isto é «a querida

Mãe Volgá», ou por alargamento de sentido, a bemfazeja agua que alimenta a fertilidade das terras.

Chamáram-lhe *Rha* ou *Rhos* os auctores antigos; *Ra*, os mordvinos; *Yul*, os tchermisso; *Itil*, os tataros; *Tamar*, os armenios.

Ora todos estes nomes significam uniformemente o «rio», «o grande rio», o «rio entre todos o primeiro». O nome finnez do Volga, quer dizer «o rio sagrado» e é sabido, que entre os russos se considera como a verdadeira nascente d'elle uma especie de charco proximo da aldeia de *Volgo-Verkhovie*, conhecido pelo nome característico de *fonte do Jordão*. Esta reminiscencia biblica testemunha melhor do que qualquer outro facto a especie de adoração, que ás aguas do seu rio predilecto tributa o mujik da Grande Russia.

Tambem não admira que assim succeda. Em todos os tempos e em todas as regiões da terra

sempre os rios foram divinizados pela poetica imaginação dos povos primitivos. Na propria Russia, na Ukrania, recebe o *Dnipro batko* (o pai Dniepre) culto identico. E' naturalissimo, pois, que o grande rio, primeiro entre todos, pelo percurso, pelo volume d'agua, pelas cidades que banha e pelas provincias que atravessa, assim como pela antiguidade das recordações, que lhe andam ligadas, seja objecto de uma maior veneração e haja, por assim dizer, absorvido de fontes pertencentes a outros cyclos tradicionaes grande parte dos elementos, que actualmente lhe constituem a lenda e que tão vivos se teem até agora conservado na alma popular.



UM «PRUD» NO OUTOMNO

Ainda hoje o *rybalóv* (pescador), que voga pela superficie remançosa do Volga, repete, ao sentir escorregar docemente a barca no crystal da agua, os cantos melodosos e tristes que entoavam outr'ora á beira do rio, em noites de luar, as *russalkas* (1), vestidas de branco, toucadas de algas verdes, escorrendo perolas, á espera dos amantes que, attrahidos pela voz a que não podiam fugir, vinham lançar-se-lhes nos braços, anciosos por descerem com ellas aos palacios encantados, feitos de ouro e custosas pedrarias, que lá no fundo os aguardavam para celebrarem as nupcias d'onde, pobres loucos! não voltavam mais...

E que extraordinarios todos esses cantos são! Aqui mesmo em Lisboa não ouvimos nós em côro pela celebre companhia do maestro Agrenev um d'elles, formosissimo, inimital?...

Recordo-me bem como era magestoso e que funda impressão produ-

ziu em todos os que o escutaram...

Parecia fundir na sua melopeia compassada, as mil vozes ignotas das florestas e das estepas da mysteriosa Russia, ora em meigos suspiros flebeis, mal perceptíveis ao ouvido como o suave deslizar de tranquillo ribeiro pelo relvado de um jardim, ora em estridulas vibrações, em fremitos de cólera, semelhantes ao bramir de furiosa tempestade, açoutando ao longe as arvores, as campinas, as aldeias, e vindo nos derradeiros echos do seu grandioso *crescendo* suggerir a sensação intraduzível do choque de algum

(1) Genios femininos das aguas na mythologia slava.

mundo estranho, onde se estivessem ferindo titanicos cambates!...

Nunca mais se me apagou da memoria tão extraordinaria canção, e ao dizer o adeus de despedida ao grande rio, que quem sabe? talvez não tornasse a ver, pareceu-me ir ouvindo por muito tempo ainda, até se perder ao longe n'um leve murmurio apenas, as ultimas notas d'esse assombroso canto, que é ao mesmo tempo prece, grito de guerra e hymno festival...

Não foi sómente, porém, a poesia popular e anonyma, onde palpita a alma inconsciente da nação, que celebrou o Volga nos



NA FLORESTA

seus cantos. Tambem a litteratura erudita não se dedignou de ir buscar á vida do velho rio alguns dos seus melhores quadros, que são ao mesmo tempo paginas de commovente inspiração.

Rechétnikov, o malgrado auctor de *Os Podlipovtsianos*, escolheu de preferencia para heroes dos seus contos os *burlaki* (1). A vida d'elles nos rudes trabalhos diarios, o lançamento á agua das barcas ao findar o degelo, as peripecias todos os dias repetidas mas nunca iguaes da navegação fluvial, e depois a faina de trazer para terra de novo

as *lódkas* (1) ás primeiras améaçãs do inverno, tudo isto acompanhado de canções tão melancolicas, como aquella que começa assim: *Ei! úkhenem, echtchó raz! echtchó avd ráza!*... (Leva arriba! uma vez ainda... mais duas vezes...) (2), que antes do que canto mais parece o soluço abafado d'aquella pobre gente, a que uma resignação sem limite dá tão singular physiognomia, eis os themas favoritos de um dos escriptores mais notaveis da moderna litteratura russa, considerado pela critica como o continuador da escola de Turguénev, e isto para não fallar em Gorki, cujos contos, tendo os trabalhadores do Volga por heroes, são bem conhecidos.

Até aqui o Volga da tradiçãõ, da poesia. Não é menos interessante, porém, para o viajante o Volga da vida real, do commercio e da navegação. Digamos duas palavras sobre este ultimo.

O Volga é o maior rio da Europa, podendo apenas comparar-se pela extensão e importancia aos grandes rios americanos — ao Mississipi e ao Amazonas. O seu curso mede 3:715 kilometros e a sua rede navegavel representa perto de 12:000. Junte-se a este formidavel desenvolvimento hydrographico uma bacia, cuja área é pelo menos igual a trez vezes a superficie da França, com uma população actual de uns quarenta milhões d'almas, e poder-se-ha fazer ideia approximada do que significa tal rio para a economia interna da Russia. Quantas cidades, villas e logares banha elle em tão largo percurso desde Tver até Astrakhan!...

Trez systemas de canaes — o de Vychny-Volotchok, o de Tikhvin e o de Maria — servem para as communicações com S. Petersburgo; o canal Catherina e o canal do duque de Wurtemberg ligam o Volga á Dvina. Calcula-se que percorrem annualmente o rio, nas suas diversas zonas, uns 22:000 navios e barcos de todas as lotações, transportando para cima de meio milhão de passageiros, e carga no valor de 200 milhões de rublos, ou 120 mil contos da nossa moeda ao cambio actual!

Além d'isso o Volga tem, para ligar as principaes cidades que no seu percurso se

(1) Barcas.

(2) Este estribillo animador é cantado em côro quando puxam os barcos para terra.

(1) Trabalhadores das barcas do Volga.

encontram, perto de seiscentos vapores (*legkie passajirskie parakhody*), pertencentes a diferentes companhias. Assim de Tver partem, rio abaixo até Astrakhan, os barcos da Companhia postal Samoliot, a bordo dos quaes ha, além de outras commodidades, o competente restaurante, onde por um rublo se pôde jantar rasoavelmente, segundo me informáram.

Terminada a visita ao Volga, e depois de lançar rapido golpe de vista á paisagem circumvizinha, banhada já então por um sol claro, que me tranquillizava a respeito da minha proxima excursão a Koltsovo por mares nunca dantes navegados... quer dizer, por caminho para mim ainda até esta hora desconhecido e sobre o qual tinha sem demora que orientar-me, voltei para Tver, afim de dar começo á delicada operação do aluguer de um *izvochtchik*, que me conduzisse á propriedade do maestro Slaviansky.

Antes, comtudo, quiz saber ao certo o que era Koltsovo, e se na cidade alguem conhecia de nome o cavalheiro a cuja casa eu me dirigia. Como era natural foi ao *tsyriulnik*, que pela manhã me barbeára, a quem dirigi a primeira pergunta sobre o caso. Qual não foi o meu espanto, porém, e a minha alegria ao saber, não só que o bem in-

formado Figaro o conhecia de perto, mas que o meu futuro hospedeiro era popularissimo na cidade, estimado e respeitado por todos, como pessoa da mais alta consideração!

Com informação tão favoravel, mudavam as cousas de figura.

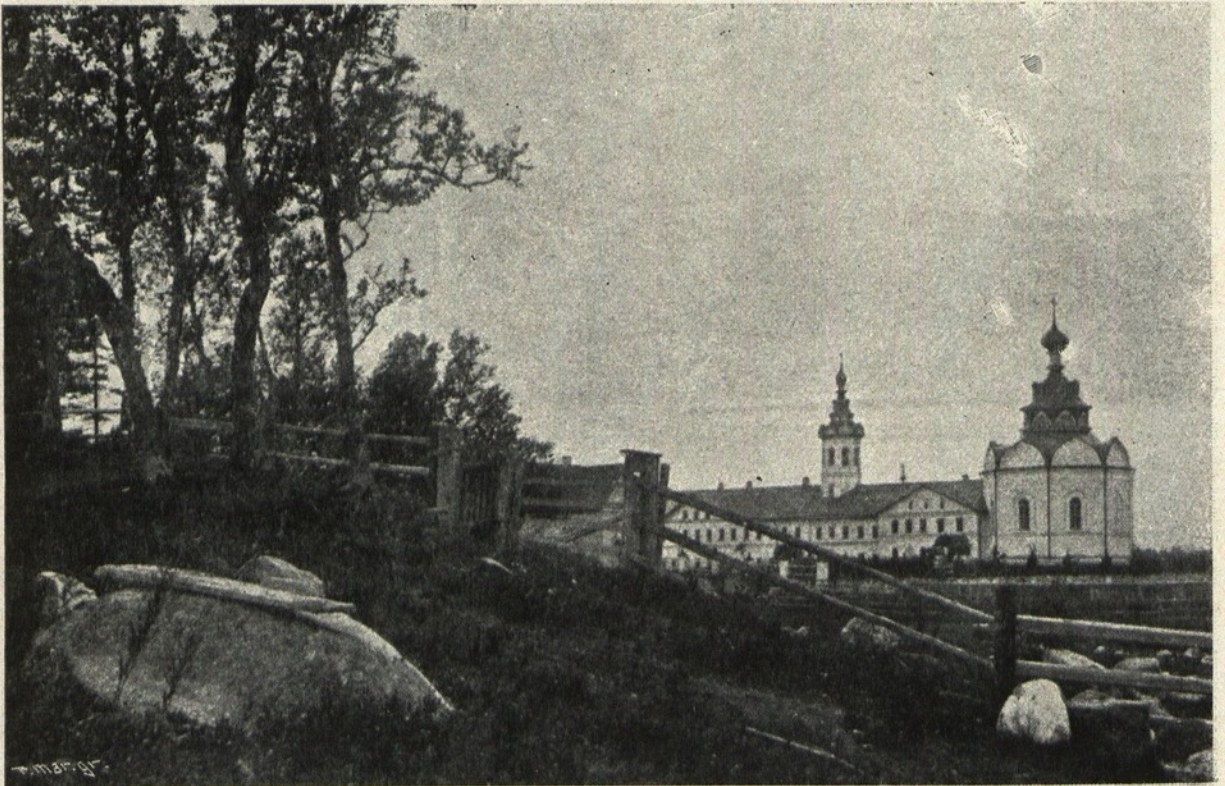
E, com effeito, apenas eu declarei ao primeiro *izvochtchik* que vi na rua, onde e a casa de quem ia, o homem com uma grande mesura poz-se logo á minha disposição, não se atrevendo sequer a regatear o preço do transporte, e accumulando ainda por cima com as suas funções de cocheiro, o cargo de guia gratuito para a região, que iamos atravessar.

Paidiòm, po skarè! (Vamos depressa) gritei eu ao meu Laomedonte, e para o animar fiz-lhe luzir a esperanza de algumas kopeikas de gorgeta.

Da bárin, seitchás (sim, patrão, é já) foi a resposta d'elle.

E lá parti á mercê de Deus, por entre os campos, em direcção a uma floresta que se divisava á direita do caminho, por detrás da qual, segundo Jvan Ossipovitch (1) me informou, ficava a aldeia de Koltsovo...

(1) O nome do cocheiro.



UM MOSTEIRO NO CENTRO DA RUSSIA



Camilla Cornaro

Mo cimo do Monte Marian, esse dedo titanico que de Spalato se atira para o norte pelo mar dentro, estiraçava-se na terra o moço Petar Jurgjevic, creatura sem importancia, e seus olhos alongavam-se attentos para o nascente, atravez da bahia que se denomina o Canale Castelli. Para esse lado, á similhaça de sete marcos regularmente dispostos entre Spalato e a remota Trau, erguiam-se os sete castellos venezianos — e ainda lá se vêem hoje as suas ruinas, cada uma d'ellas com a sua aldeiola empilhada ao derredor — Sucurac, Abbadessa, Cambio, Vitturi, Castelvecchio, Castelnuovo, Stafileo.

Por detraz d'elle, se para ahi dirigisse a vista, poderia observar o sol declinando para um esplendido occaso, e seus derradeiros raios cahindo rubros e aureos sobre as muralhas do vetusto palacio de Diocleciano, sobre o zimbório da cathedral dentro das muralhas do palacio, e sobre o grande *Campanile* que dominava tudo, ainda por acabar, mascarado de andaimes. Mas os olhos do rapaz estavam fitos e immoveis. Olhavam para o nascente, onde, abaixo da empinada serra de Koziak, Abbadessa se elevava carrancuda e sombria, com os pés babujados pela maré. Em torno d'elle piavam gai-votas; de muito longe vinha o sonido de uma trompa; um pescador, movendo o remò vagaroso, cantava a seu sabor, e a voz erguia-se no ar sereno, delgada e suave; mas o rapaz não via nem ouvia. Olhava para leste, e os labios agitavam-se-lhe inaudível-

mente, formando um nome feminino — nome tamanho, que mal se comprehendia como o articulasse o filho de um lenhador de Monte Marian.

Eis o que elle dizia:

— Madonna Cornaro!

E repetia uma e muitas vezes, muito devagar, muito gravemente, como se as palavras fossem um sortilegio — ou porventura uma oração.

De certo modo eram ambas as cousas.

Uns quinze dias antes, adregara trepar pelo alcantilado carreiro que sobe ao Monte Marian uma pequena cavalgada de gente nobre, venezianos dos Castelli, em procura do assaz afamado panorama. Dominava a todos Messer Gianfrancesco Cornaro, gentilhomem de illustre familia, exilado de Veneza por motivos politicos; todavia, quem sobredominava ainda era Madonna Camilla, filha d'elle. Chegados ao cimo, toparam um lenhador, rapazote magro e desempenado, de olhos pardos, braços e garganta nus — um juvenil Hercules, como aprouve a Messer Gianfrancesco alcunhal-o, e com effeito esses slavos do sul são muita vez singularmente hellenicos. Os nobres do rancho fallaram-lhe com affabilidade, e elle respondeu sem servilismo. Madonna Camilla chamou-o para a sua ilharga, e sobre o rapaz cahiu o encantamento, envolveu-o em seu manto mystico para nunca mais o largar, nunca mais, até ao fim da vida.

Decorridos dois dias, ao passar pelo mesmo sitio, deparou-se ao moço, na gleba calcada, uma joia verde, uma grande esmeralda pallida com um fio de ouro partido.

Recordou-se de que era Madonna Camilla quem a trazia, presa ao extremo de um cordão de perolas. Não se demorou mais que o tempo preciso para envergar a sua camisa lavada e enrolar uma faixa vermelha á cinta; partiu logo para Abbadessa levando o seu achado.

Nos degraus do castello, quiz o capitão das guardas repellil-o com desprezo, porém o rapaz insistiu, e foi por fim introduzido e levado por uma comprida escada de caracol até á camara da torre, onde Madonna Camilla Cornaro, muito franzina, envolta n'um diaphano sendal de ouro, viva maravilha, de olhos doces e maviosos, estava sentada n'um cadeirão esculpido, no meio das suas aias.

Ella acolheu o filho do lenhador como se elle fôra um nobre visitante de Veneza — tratou-o por Messer Pietro (e o coração do rapaz intumeceu com a honrosa particula), agradeceu-lhe effusivamente a restituição da joia perdida, e reteve-o a seu lado emquanto uma das aias lia n'um livro illuminado — *I Reali di Francia* — e emquanto do vão de uma janella certos mancebos de rosto effeminado, tangendo alaudes, entoavam disticos e *strambotti*.

Ao cabo de uma hora, o camponez apartou-se d'ella, deixando-a de pé, esbelta e formosissima, junto de uma janella que deitava para o occaso, banhada no our suavisimo do sol declinante. Ella pediu-lhe que voltasse, mas o filho do lenhador curvou a cabeça, e percebia-se n'elle, comquanto desaffeito áquelle meio eminente, uma grave e simples dignidade que lhe assentava a primor.

— Eu sou aqui um barbaro no meio de gente nobre, illustre Madonna — disse elle — mas, se por acaso alguma vez precisardes de mim, virei logo.

Em seguida, beijou a mão que ella lhe estendia, e dirigiu-se para o seu barco de pesca, que balouçava atracado á escada marinha. Mas emquanto vogava pelo amplo canal, pairava-lhe deante dos olhos deslumbrados uma visão aureolada, uma viva e luminosa gloria, de olhos maviosos e dulcissimos.

E por esta feita se entranhou n'elle o quebranto, e se desviou seu espirito das cousas d'este mundo.

Tudo isto se passára havia uma quinzena,

mas desde essa hora esplendida, dia após dia, desde o romper do sol até ao poente, até que o lusco-fusco resvalava sobre o mar e sobre os montes e se cerrava em treva, o filho do lenhador mantinha-se no cimo elevado do Monte Marian, os olhos immoveis fitos em Abbadessa, o espirito campo em que batalhavam memorias de perigosa doçura, e esperanças indefinidas e informes, e preces de desespero, até que de pura exaustação se aquietavam — para de manhã despertarem, novamente aguerridas.

— Prestar-lhe sequer o mais insignificante dos serviços! — braçava mudamente a sua alma angustiada — ser o degrau por onde seus pés delicados subissem a maiores venturas — o manto que a abrigasse n'um momento de perigo!

E não havia n'elle comtudo um proposito egoista. Era todo elle humildade. O que elle ambicionava era servil-a.

Assim estava n'esse dia ao sol posto, e dentro d'elle guerreavam memorias e supplicas. Mas quando a noite chegou — uma noite de *scirocco*, com um bloco de nuvens corredouras que presagiavam chuva — poz-se afinal de pé, suspirando, e encaminhou-se para a misera choupona que lhe servia de lar.

Sucedeu que, justamente n'esse momento, lá muito ao mar, a coberto da noite espessa, uma armada de trinta navios turcos — commandados por um almirante genovez renegado — barcos compridos e estreitos, muito velozes, de duas velas, dobrava a ponta septentrional da ilha de Solta e corria de vento em popa para o porto de Spallato. Era uma completa surpresa.

Mais de um anno passára sem haver rebates de turcos pela costa de Dalmacia — desde a grande batalha nas Bocche di Cattaro.

O moço Petar acordou por volta da meia noite e agitou-se na cama. Parecia não haver motivo para que elle despertasse, mas certo é que o somno o desamparou e que lhe foi crescendo a inquietação, e um pouco de colera tambem, visto que em geral dormia como uma pedra até ao romper do sol. Por fim, enfadado, ergueu-se e foi á porta aberta da choupana. Essa porta dava para o sul, e para essa banda via-se o firmamento singularmente abrazado de amarello. O rapaz examinou por momentos essa ra-

dição palpitante, a scismar qual seria o motivo. Reentrou logo em casa, vestiu-se e calçou-se á pressa, entalou na cinta a comprida faca de matto, e sahiu. O bloco de nuvens tapara por ultimo o firmamento, e de quando em quando tombava d'ellas um aguaceiro miudo. A' proporção que o rapaz andava, batia-lhe no rosto o *scirocco* humido e tepido. Encaminhou-se rapidamente para o costumado miradouro — a cumieira desafogada do monte — mas apenas o attingiu, soltou de repente um grande grito, fraquejaram-lhe os joelhos ao peso do corpo. A velha Spalato ardia em chamas. Desde a beira-mar corria sobre ella um mar de fogo. As altas muralhas do palacio, com os muitos edificios sumptuosos agrupados em seu recinto, estavam por enquanto negras, intactas na apparencia, mas os andaimes do *campanile* estavam esbrazeados e chammejantes — um facho hediondo, desatinado, gigantesco, cujas labaredas se alçavam da cidade para os ceus tenebrosos.

O rapaz volveu os olhos para a banda do mar. Os navios do porto estavam tambem incendiados, todos elles, afóra uma enfiada de embarcações oblongas, negras, sinistras, forasteiras, para as quaes elle olhava estupidamente, pestanejando, sem perceber como ellas haviam entrado depois do sol posto. Nem por um momento lhe ocorreu a explicação d'aquella enorme catastrophe.

A ventania soprava da cidade a arder, e razia, até ainda áquella enorme altura, lon-

ginquos alaridos de panico e ribombos de canhão. Elle não comprehendia por que razão os canhões faziam fogo. Eram ainda n'aquelle



SOLTOU DE REPENTE UM GRITO, FRAQUEJARAM-LHE OS JOELHOS AO PESO DO CORPO

tempo umas bugigangas dispendiosas, de uso pouco vulgar n'aquella costa.

Sem pensamento definido, achou-se a descer de corrida pela vereda entenebrecida de pinheiros. Conhecia o caminho a palmos e corria sem percalço. Até sabia de atalhos

pela encosta do monte, de laço a laço da sinuosa vereda, e d'elles se aproveitou, imergindo sem receio na treva. Não havia porém corrido mais de cinco minutos, quando ouviu clamores em frente de si, e um rumor de excitados colloquios, e pragas de homens que estimulavam as bestas de carga pelo carreiro acima — camponios, ao que parecia, que viviam ás abas da cidade no sopé do monte.

O moço Petar poz ouvidos á escuta, e subitamente teve no meio da escuridão um arquejo de agonia.

Eram os turcos que vinham!

Era o antigo terror d'aquelle littoral. Com essa ameaça assustavam as mães aos filhos para os ter em socego. Durante a vida de Petar, tinham os turcos apparecido duas vezes, mas de ambas ellas tinham sido finalmente rechaçados. D'esta feita, segundo todas as apparecias, haviam conquistado a cidade. Restava o seguimento: uma orgia de horrores de que a palavra humana não podia sequer expressar um vislumbre.

O espirito do rapaz volveu para Abbadessa e para aquella que ahi residia, rapido e espontaneo como o de uma mãe para a sua creança. Parou um instante em plena treva, e uma ideia lhe acudiu immediata.

— Prestar-lhe sequer o mais insignificante serviço! . . . Ser o manto que a acoite n'um momento de perigo! . . .

Desatou de novo a correr, mas sem descer o monte na direcção de Spalato. Con-tornou-o para o lado do nascente, por um caminho de pé posto, estreito e tortuoso, que levava á borda do Canale Castelli. Tinha ahi o barco de pesca. Era uma vereda ingreme, muito apertada, e perigosa até á luz do dia; elle porém estava habituado a caminhos assim. Corria com tanta affoiteza e desafogo como um cabrito montez, até que alcançou a pequenina enseada onde estava o barco, sem sentir fadiga nem afoguetamento.

Cortou a amarração, e empurrou o barco pela praia ladeirenta, mettendo-se pela agua e saltando em seguida para dentro. Içou a vela e assestou a alta prôa pintalgada para os minusculos pontos de luz que em plena escuridão marcavam, sabia elle, a fortaleza do velho Gianfrancesco. Estava agora por detraz da cidade e d'elia se ia afastando sem hesitar, visto Spalato ficar situada na

orla marinha de uma estreita lingua de terra que termina no Monte Marian, e o Canale Castelli ficar do lado opposto, entre essa lingua e a terra firme. Da abrazada ruina não podia elle ver mais do que a reverberação no ceu e uma fita tremulante de fogo — o topo do *campanile* — mas nunca ella se lhe despegava dos olhos como a avistara do Monte Marian — desvairada furia, devastação tremenda, que a immensa distancia se tornavam visiveis.

O que tencionava fazer em chegando a Abbadessa, eis o que não determinara com precisão. Madonna Camilla achava-se alli em perigo, e isso para elle bastava. Era possivel que algum serviço humilde lhe fosse dado prestar. Não tinha sombra de duvida de que os turcos lá iriam, e sem delonga. Os sete castellos eram opulenta preza, e estavam mal apercebidos para a defeza. A prolongada immuidade tornara-os incautos. A questão mais importante, pensava elle, era o intervallo que elles se demorariam ainda — se acaso dariam tempo aos moradores de Abbadessa para se evadirem, ou fazendo-se ao mar, ou seguindo pela costa fora até Sebenico. Era esse o ponto principal. Mas justamente quando esse pensamento lhe surgia ao espirito, e começava a engendrar meios e artificios, pela terceira vez n'aquella noite lhe parou o coração no peito, e rompeu-lhe do intimo um grito abafado e rouquenho.

Estava já a menos de meia milha de Abbadessa, e perscrutava com os olhos agudos a escuridade lobrega, quando n'um rapidissimo instante a radiação palpitante do cariz resplendeu n'um lampejo subito — porventura uma explosão na cidade, ou talvez o desabamento dos andaimes flammejantes que cercavam a elevada torre — e a esse relampago viu elle, enfileirados defronte da escada marinha do castello, oito — pareceram-lhe oito — d'aquelles esguios baixes piratas de dois mastros, vindos do sul.

Estavam os turcos na sua frente! Deviam ter dividido as forças, logo que a cidade fôra tomada, e parte d'elles tinha-se logo dirigido áquelle ponto.

Os dedos do rapaz deixaram escorregar a escota, que dera meia volta na espadela, e o barquito tomou á pôpa o vento que lhe estivera pela alheta. Alguma potencia, extranha a elle proprio, devera de tel-o en-

caminhado, pois que o moço tudo executara inconscientemente. Machinalmente amarrou o punho da bambeada vela, deixando ir a espadela a reboque. Machinalmente também apertou bem no cinto a pesada faca de matto, e sem hesitar atirou consigo pela borda fóra. O esquite oscillou, poz-se de novo a caminho e foi velejando sem elle pela costa abaixo no rumo de Castelnuovo. O moço Petar, mancha imperceptível na vastidão lóbrega, nadou para Abbadessa.

Chegou ás escadas e á enfiada de barcos longos e negros, que se amarravam a arganeos fincados na cantaria, e escoou-se sob a pópa de um d'elles. Ahí achou pé, e ficou com agua pela cintura, occulto na impenetravel caligem. Ouvia a maruja e a soldadesca de guarda aos navios interpellarem-se em volta d'elle; por cima da cabeça via o castello illuminado, e de dentro das paredes resoavam gritos e lamentos e tinir de armas; elle porém soltou da cinta a faca de matto, e ficou á espreita de ensejo proprio.

D'alli a pouco, sahiu açodado um turco do pequeno pateo que communicava com a escada do mar. Tinha um dos braços a escorrer em sangue, e apertava-o com a outra mão, praguejando e gemendo em voz baixa. Desceu pela escada até á borda de agua, e mergulhou o braço ferido. Logo ao lado d'elle, surgiu como da profundeza um vulto, cujas mãos de ferro o estrangularam. O turco mergulhou na treva, sem resistencia nem gritos.

A breve trecho, o mesmo homem, ao que parecia, revestido de uma capa grande e vermelha e de pelote bordado, armado com a cimitarra curva usada pelos turcos, correu para o castello como ancioso de reatar a interrompida peleja. Dois ou trez mareantes, que lhe seguiam os movimentos, soltaram exclamações de alento e de admiração.

Dentro do grande vestibulo, Petar parou para se orientar. Travava-se ahí uma lucta desesperada, e mais renhida ainda na larga escadaria que conduzia ao pavimento superior. Elle recordou-se porém para onde o haviam levado havia quinze dias, e correu na mesma direcção. Sem difficuldade achou a sala que dava serventia á escada particular. Também ahí se combatia, mas era no outro extremo da sala, onde uma duzia de turcos acantoavam ferozmente trez serviçaes

do castello. O rapaz relancêou os olhos para elles e encaminhou-se para a escada. Estava meio cerrada a pesada porta de ferro que a separava da sala.

Entrou. Fechou a porta sobre si — tarefa que demandava vigor pouco vulgar — e collocou no seu lugar a enorme tranca. Depois começou a trepar pelo caracol, com o coração opprimido, receioso de ter chegado tarde. Chegou acima offegante e precipitou-se na camara superior. Illuminavam-n'a lampadas coloridas de suspensão e velas em placas presas á parede. Por uma fresta que olhava para o sudoeste, podia elle avistar a chamma dourada e palpitante que pairava sobre a devastada Spalato.

A meio do aposento, sob um grande lampadario de bronze e vidro carmezim, estava de pé Camilla Cornaro, franzina e branca, com as mãos no seio, os olhos arregalados de terror. Estava só. Mas ao ver no limiar aquelle vulto meio agachado, de capa e pelote broslado, empunhando um sabre, soltou um grito debil e baqueou no chão. Petar largou a cimitarra e dirigiu-se á porta de ferro que fechava o topo da escada. Tentou cerral-a, mas ella resistiu a todos os esforços, por ser massiça e ter os gonzos enferrujados de prolongada inacção. Novas experiencias apenas serviriam para o fatigar, e elle necessitava de toda a sua força. Deu uma rapida vista de olhos ao aposento, e correu para uma pesada cadeira. Brandiu-a acima da cabeça, e atirou com ella para as lages do pavimento. A segunda tentativa fel-a em pedaços, entre os quaes escolheu um sarrafo grosso e forte, e voltou para a porta. Serviu-se do sarrafo como alavanca entre a porta e a parede, até conseguir cerral-a e aferrolhal-a. Depois encaminhou-se para Madonna Camilla.

O estrondo da cadeira a despedaçar-se tinha-a feito voltar a si. Ficara de joelhos no sitio onde cahira, com as mãos sempre aconchegadas ao seio.

O filho do lenhador lançára ao chão a capa e o pelote, e ajoelhara em frente d'ella, batendo-lhe de chapa no rosto a luz colorida da lampada.

— Sou eu, Madonna! — disse elle.

Ella soltou outro grito estridente:

— Pietro! Pietro!

Agarrou-ihe nos braços com as duas

mãos. Elle ergueu-se, e ella tambem, amparada a elle, soluçando debilmente.

— Oh! Pietro! salvaes-me? — pranteou ella — Salvaes-me d'elles, Pietro?

Desviou-a de si com brandura, e ella quedou-se desarrimada, a tremer.

— E vosso pae? — interrogou elle com interesse — Messer Gianfrancesco onde está?

Madonna Camilla tapou o rosto, e o rapaz teve de curvar-se para a frente para ouvir as palavras que n'um cicio se coaram por entre os dedos comprimidos.

— Morto... Morto... Morto!... Ainda tentámos fugir... desapparecer... antes de elles chegarem. Tencionavamos ir por Trau... e Sebenico até Zara. Mas elles surgiram de repente... ainda nós não estavamos fóra do pateo de entrada. Houve uma pelega medonha... vi-o eu morrer... de envolta com muitos outros. Consegui escapar e vim para aqui... Ah! Pietro, podereis salvar-me?

E o rapaz repetiu:

— Não vos captivarão, Madonna.

Circumvagou o olhar. As duas portas de ferro, que vedavam a escada, podiam servir algum tempo. Para lhes dar entrada, tinham que as demolir os invasores.

Para a banda do mar, estava a torre livre de ataque — mas tambem não dava sahida possivel. Do lado da terra, havia duas janellas. Correu a uma d'ellas, e olhou para fora. Dava sobre o telhado do corpo principal do castello, al-

guns pés acima d'elle, mas para além d'esse corpo havia mais duas torres, semelhantes áquella em que elle estava, e atravez das janellas d'essas podia elle ver homens em renhido combate. Estava pois interceptada essa escapula, e, a não ser a escada, não



— NÃO VOS CAPTIVARÃO, MADONNA.

— A isso vim, Madonna — respondeu elle — se acaso é possivel.

— Não deixeis que elles me captivem, Pietro! — exclamou ella.

Elle redarguiu, energico:

— Não, Madonna, não vos captivarão.

havia outra. No proprio momento em que elle examinava as janellas fronteiras, via cabeças que espreitavam e dedos a apontar. Petar cerrou o batente de ferro e correu a tranqueta. Depois saltou á outra janella do nascente, e fechou-a tambem. O tempo apertava.

Quando se voltou, cravava Madonna Camilla n'elle os olhos anciosos e ardentes. Dirigiu-se a ella açodadamente.

— Não tarda que elles arrombem estas janellas — disse elle — Tratemos de fugir pela escada. Pode ser que não esteja nenhum d'elles na sala de baixo.

A donzella começou de novo a tremer, mas, quando elle atravessava a camara em direitura da porta de ferro, seguiu-o sem dar palavra. Sómente, quando elle levou as mãos á enorme tranca para a deslocar, ella tocou-lhe no braço. Elle deteve-se e voltou-se para ella.

— Tenho... medo, Pietro! — murmurou Camilla — Se elles estiverem lá em baixo... á espera? Eu... não deveis consentir que elles me captivem.

E o rapaz repetiu mais uma vez:

— Não vos captivarão, Madonna.

Correu para uma meza que havia no aposento, e pegou n'uma pequena adaga veneziana, cravejada de pedrarias. E disse:

— Se por acaso me matarem, sabeis o que tendes a fazer. Que elles por forma alguma vos apanhem com vida! Não largueis de mão esta adaga.

Ella fez um aceno mudo, com os olhos fitos nos olhos d'elle, como alheada de si.

Elle tornou a agarrar na barra de ferro, mas n'esse instante sentiu-se em baixo um estrondo tremendo, como de alguma cousa que desabasse — e depois do estrondo um alarido estridente de triumpho.

Era a porta de baixo que cedia.

Madonna Camilla soltou um grito gemebundo, e pela vez primeira o filho do lenhador empallideceu — mas não pelo seu proprio perigo.

... Os dois acharam-se no meio do aposento, aconchegados, olhos cravados nos olhos um do outro. Até que o rapaz fallou.

— Não ha fuga possivel, Madonna. Não posso salvar-vos... viva.

E teve um gesto de cabeça.

— Sim... bem sei — murmurou ella; e acrescentou d'ahi a momentos — Que...

que devo eu... fazer, Pietro? Ou antes... quando?... Já?

— O tempo aperta — replicou elle — E é mister que elles não vos colham com vida.

Ella respondeu, com um debil soluço de pavor:

— Não... não... não!

Ergueu nas duas mãos a opulenta adaga, mas logo a deixou cahir no chão.

— Isto é melhor — disse ella em voz tenue, levando a mão ao seio.

Saccou uma ambulasinha de vidro, de feitio grotesco, tendo como rolha uma amethysta.

Sentiram-se nos degraus de pedra passos arrastados e cautelosos, e bramidos de raiva pelo imprevisito estorvo. Em seguida, houve um sussurro de palavras, e os passos afastaram-se. Tinham ido em busca de qualquer objecto com que podessem arrombar a porta.

— O tempo aperta, Madonna — disse o filho do lenhador — Apressae-vos!

— Sim... depressa... — segredou ella.

Deitou os braços aos hombros do rapaz que lhe estava na frente, e elle sentiu tremer, estreitado ao seu peito, aquelle corpo franzino e formosissimo. Ella proseguiu:

— Oh! Pietro! foste tu só no mundo que vieste valer-me... n'este supremo transe. Estavas a salvo, e por amor de mim te arriscaste a tanto. Tu só, mais ninguém! Ah! muito... muito me devias amar, penso eu!

— Mais do que a vida, Madonna — replicou elle — Mais do que a vida eterna.

Ella disse lastimosamente:

— Estou tão contente por não morrer... sósinha! Tão contente por morrer junto com um homem intrepido!

E acrescentou:

— Beija-me, Pietro mio, antes de eu partir. Custa... custa tanto... a morrer!

Elle baixou a cabeça e beijou-a, mas o beijo deixou-o insensivel: já n'elle se haviam embotado os estímulos da carne. Depois atravessou o aposento, para a janella mais distante. Nos batentes que davam para leste sentiam-se já punhadas e choques de armas.

Afigurou-se-lhe que estava alli ha uma hora, contemplando o firmamento annuviado, e o mar revolto, e as cinzas faiscantes do que fôra Spalato. Até que ouviu um leve retinido. Devia ser a ambula de vidro a

partir-se na lage do pavimento. Esperou mais um instante, pallido e taciturno, depois voltou para dentro.

Madonna Camilla, um pouco curvada, tapava o rosto com as mãos. Na lage, em frente d'ella, viam-se os fragmentos do frasco, n'uma pequena pôça de liquido.

— Madonna! Madonna! — exclamou em voz terrivel o filho do lenhador — Madonna, não bebestes o veneno!

O moço Petar precipitou-se para a adaga veneziana; ella porém, ao ver que elle a empunhava, esquivou-se aos tropeções, com lamentos estridulos. Encostou-se á parede mais afastada, e encarou o rapaz em cujo punho brilhava a adaga. Estava branca, os olhos pareciam ter-se de subito obscurecido e encovado. Baqueou de encontro á tapeçaria de parede, como se lhe houvessem falhado as forças.

Pietro acercou-se mais; ella tentou gritar, mas apenas lhe sahiram dos labios uns sons debeis e arquejantes. Recorreu á supplica, ao amavio.

— Concede-me... algum tempo mais! — implorou — Pouco mais, pouco mais, emquanto não perco o horror á morte, Pietro. Sou tão nova, tão nova para morrer! Uns momentos apenas!

— Madonna! Madonna! — exclamou o rapaz no auge da angustia.

Da janella do nascente veiu o estrondo de armas mais pesadas — machados, provavelmente — que percutiam os batentes de ferro. Madonna Camilla correu para os braços de Petar, fóra de si, á força de terror.

— Ah! salva-me d'elles, Pietro! — bradou ella — Salva-me d'elles!

E o lenhador redarguiu com brandura:

— Sim, salvar-vos-hei!

Tinha no rosto erguido uma pallidez funerea. Enroscou com o braço esquerdo o collo deslumbrante da virgem, prendeu-lhe a cabeça de encontro ao peito, e levantou a dextra, armada da adaga, e deu um golpe apenas, firme e profundo...

Quando finalmente ella lhe pesou com mais força no braço que a enieiava, elle pousou-a muito suavemente no chão, e ajoelhou á beira d'ella...

A porta de ferro começou de novo a abalar-se com as pancadas violentas e repetidas. Realmente, o tempo apertava. O slavo,

como sonambulo, olhou em torno de si. Falta-lhe ainda alguma cousa a cumprir. Ella estava livre d'elles, livre para sempre, mas cumpria que elles não apascentassem os olhos sobre aquelle lindo corpo, embora d'elle se houvesse apartado o espirito. Petar ajuntou os cortinados e estofos a que poude lançar mão, e fez uma especie de leito a meio da camara; ergueu nos braços o cadaver de Camilla, e depol-o n'esse leito, cobrindo-lhe o rosto. Curvou a cabeça sobre os pés delicados, e beijou-os. Depois, rapidamente, arrancou da parede uma das placas illuminadas e lançou fogo aos pannos sobre os quaes jazia o cadaver.

Quando a fogueira se ateiou, ajoelhou aos pés d'ella com a adaga veneziana em punho. E segredou:

— Fiz quanto podia, Madonna.

Depois murmurou uma breve prece, e ao cabo, cravou em si a lamina, com tanta segurança e energia como da outra vez.

A porta de ferro desabou com estridor formidavel, e quasi ao mesmo tempo cedeu um dos batentes da janella. Precipitou-se no aposento uma horda, com uivos de triumpho, mas o filho do lenhador nada via nem ouvia. Parecia-lhe que Madonna Camilla Cornaro, linda, cheia de vida, transbordante de ternura, surgia de entre as chamas altaneiras, que nem queimavam nem crestavam sequer, e vinha de joelhos para elle, e lhe enleiava a cabeça n'um meigo abraço, e a pousava sobre o proprio seio.

E figurava-se-lhe estar muito fatigado, mas que ella o beijava, com um sorriso divino, e lhe assegurava que tudo ia bem. E ouvia a voz d'ella a dizer-lhe:

— Eu estava ao desamparo e á mercê do infortunio, mas tu vieste a mim atravez de perigos nunca vistos, e salvaste-me... até de mim propria. Alma leal e forte! — parecia repetir-lhe a voz d'ella — salvaste-me até de mim propria!

E assim se lhe afigurava a elle que, após prolongadas angustias e amarguras, elle alcançara finalmente o anhelado do seu coração, mas sentia-se muito cansado, e Madonna Camilla segredava-lhe ao ouvido:

— Repousa! Sim, repousa agora!

E elle deixava-se adormecer docemente, com a mesquinha cabeça enleiada nos braços d'ella...

A Architectura da Renascença em Portugal

Por ALBRECHT HAUPT

Parte II—O PAIZ

GOLLEGAN



POUCA distancia de Thomar, para a banda do sul, depara-se-nos em a pequenina Golegan ainda uma egreja da era manuelina, cabalmente do precitado typo da de S. João Baptista; um pouco mais recente, talvez. A nave é repartida por cinco arcos aguentados por pilares, com um tecto obliquo; quadrangular, d'esta vez, o côro é ricamente abobadado. O sumptuoso portico constitue o principal adorno do todo; rigoroso lavor, um tanto selvatico, com reminiscencias, já

da Batalha, já do estylo dos Fernandes.

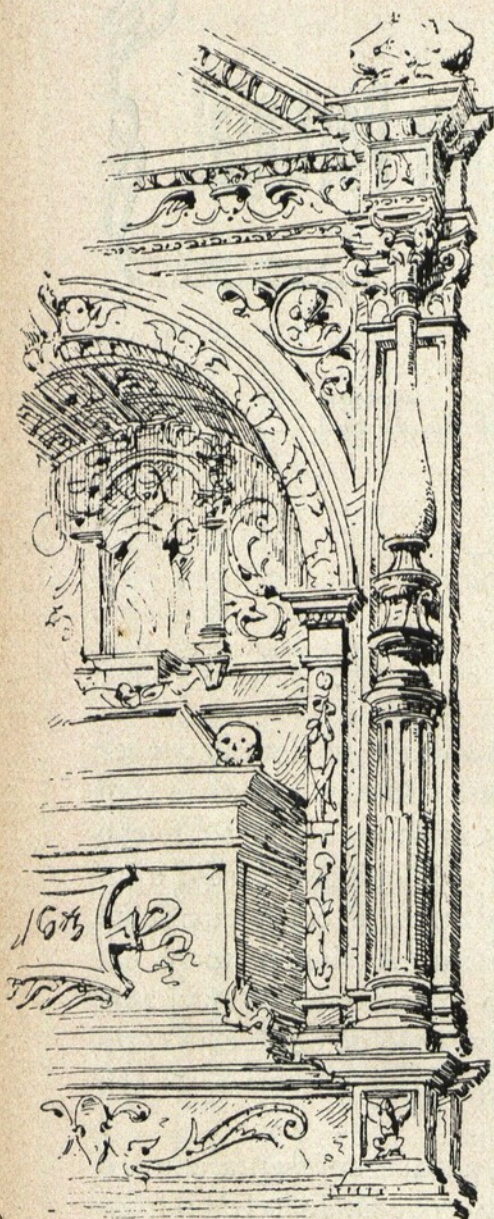
Tanto aqui como no interior, quer no opulento arco do côro, quer nas abobadas, predominam os cordões á feição de calabre e as molduras torsões; a indole das formulas é conspicuamente gothica-tercearia. A singéla torre occupa o lado meridional da fachada. Pela respectiva mão de obra, esta egreja é uma das mais energicas do seu genero.

O motivo porque apresenta ainda o brazão de armas de D. João II, na frontaria, por cima das espheras de D. Manuel, não é facil deslindar. A construcção seria talvez principiada no tempo de D. João II.

COIMBRA

Na provincia septentrional da Beira Alta, estabelece o ponto médio, collocada entre Lisboa e Porto, em situação admiravel, dominando o rio, a cidade de Coimbra, a antiga cidade romana e mourisca, a Universidade do paiz.

Os reis, desde éra remota, tem-n'atido em muito apreço, fomentando-lhe o progresso; os dois primeiros escolheram, desde o principio, o mosteiro de Santa Cruz, fundado por D. Affonso Henriques, para logar de jazigo. Foi erguida uma alcaçova na culminancia



TUMULO DE D. DIOGO PINHEIRO
EM SANTA MARIA DO OLIVAL (1)

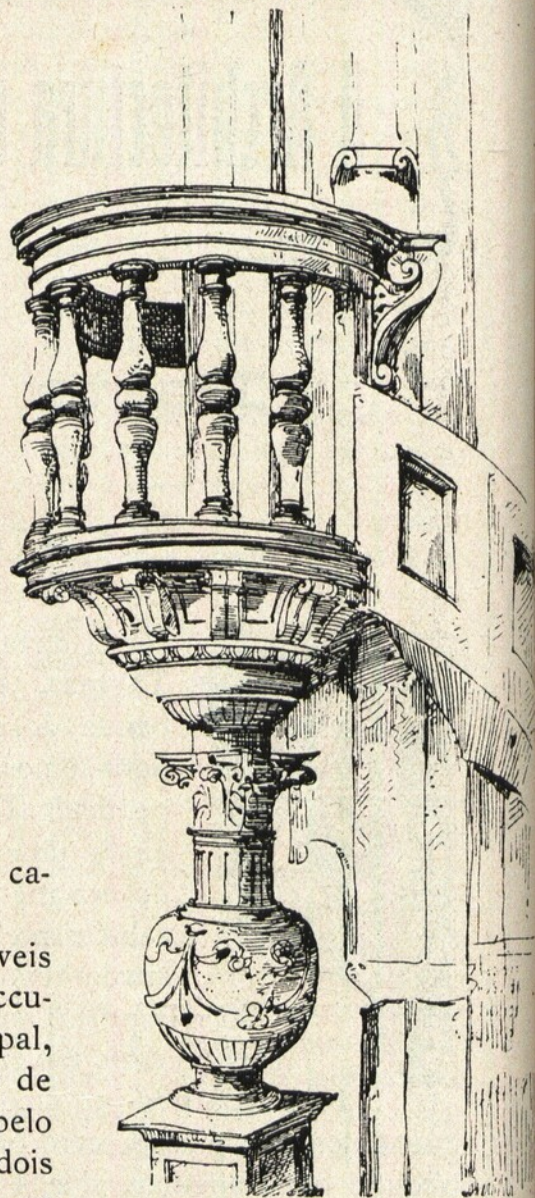
da cidade, e ali, em 1308, instituída a Universidade por D. Diniz, a qual, transferida para Lisboa em 1338, para ali voltou outra vez em 1354. Em seguida á sua nova trasladação para a capital em 1377, tornou a mudar-se, em 1537, para a antiga séde, onde ficou permanecendo até hoje, tornando-se, consequentemente, o foco intellectual de todo o paiz. N'ella se agruparam, desde então, os acontecimentos de caracter artistico.

Uma serie de notaveis principes da igreja occuparam a séde episcopal, entre estes, D. Jorge de Almeida (1481-1543), pelo espaço de sessenta e dois annos, atravessando os reinados de D. João II, D. Manuel e D. João III, e foram os mais acerri-

mos propulsores das Artes, deixando obras importantes, testemunho de quanto lhe eram dedicados.

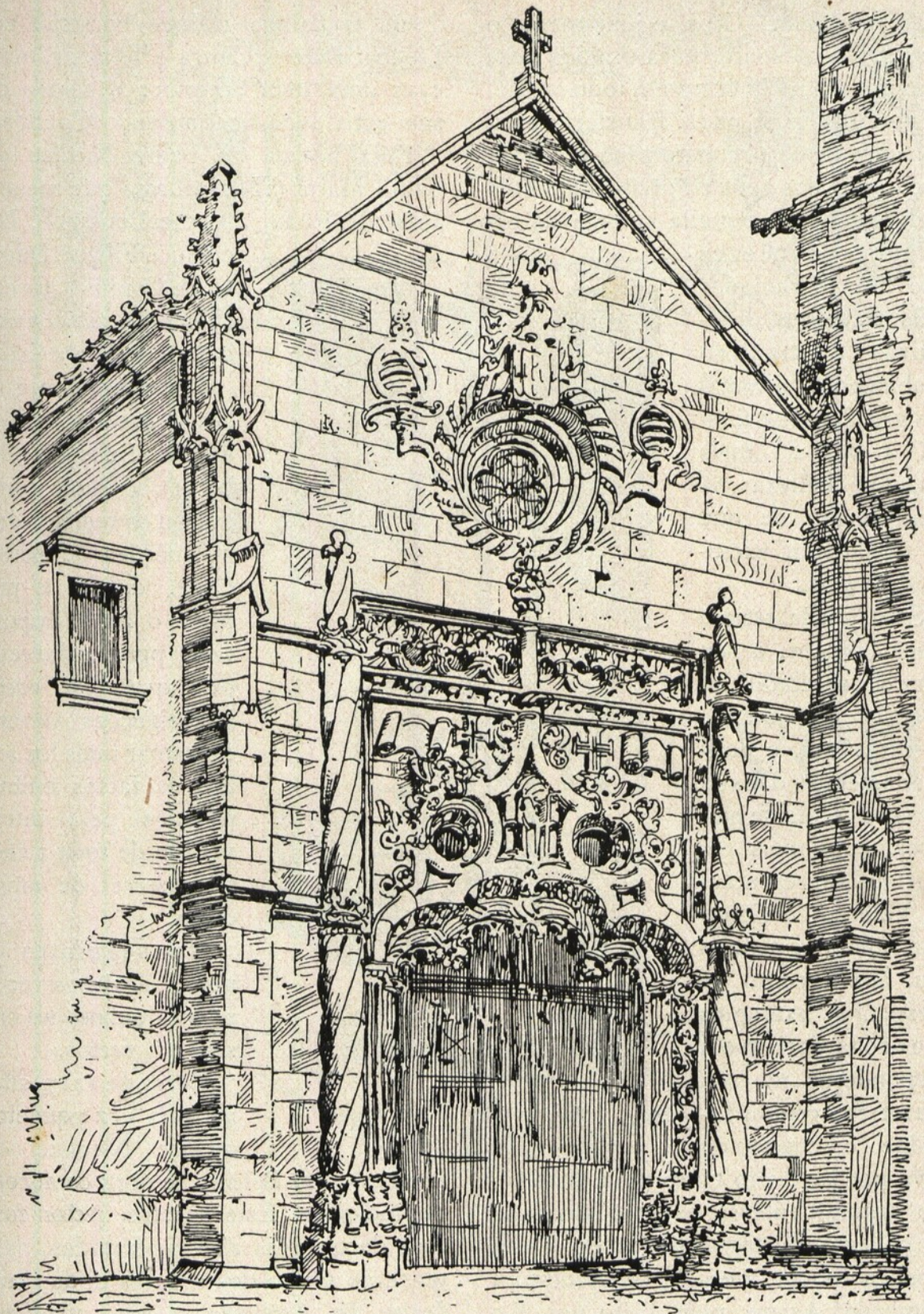
Mais tarde, em 1600, foi o cardeal D. Affonso de Castello Branco não menos notavel instigador da Arte e muito em especial das tendencias architectonicas que ainda hoje ali predominam.

Os Jesuitas que, desde 1555, haviam por assim dizer tomado posse da Universidade, brindaram a cidade com os soberbos monumentos da segunda Renascença, representados por uma serie de collegios com espaçosas igrejas; Terzi, ou seus continuadores, foram os que deram a estes edificios o seu cunho artistico.



PULPITO DE SANTA MARIA DO OLIVAL (2)

(1) e (2) Estas gravuras referem-se ao texto de Thomar, publicado no numero anterior.



PORTICO DA EGREJA DA GOLLEGAN

E todavia, os dias de maior esplendor que a velha cidade conheceu, foram os de el-rei D. Manuel. Este re-

edificou os antigos Paços Reaes quasi que desde os alicerces, trasladou os antigos jazigos dos primeiros monar-

chas, em Santa Cruz, e juntamente o respectivo mosteiro, para um dos mais sumptuosos moimentos em todo o paiz, e, antes de mais nada, transferiu para ali, afim de se occuparem na opulenta decoração dos seus empreendimentos architectonicos, aquella colonia de esculptores francezes que imprimiram aos seus trabalhos decorativos o maximo acabamento, a maxima gracilidade e finura, a par da mais singular belleza na composição, de que se encontram exemplos no paiz.

Sem duvida, teriam esses homens, a seu turno, recebido influencia de quantos os cercavam, e designadamente d'essa mimosa escola de pintores, cujo mais peregrino representante, Velasco de Coimbra, ali se estabeleceu, assim como de Hespanha, exemplos que não tardariam em preponderar na sua maneira, estampando-lhe o cunho da nova patria, e isto tanto mais visto como seguramente se haverão auxiliado de collegas portuguezes, vindo d'este modo a fundar a escola de esculptura coimbran. Assim, pois, licito nos é o consideral-os, a elles e ás suas obras, como pertencendo á Renascença portugueza, tanto mais que o numero dos que apresentam em toda a sua pureza o estylo francez, é ainda o que menos avulta.

Os trabalhos d'esses homens, em Lisboa, Belem, Cintra e Thomar, marcam uma data anterior; o centro da sua actividade ficaria sendo Coimbra.

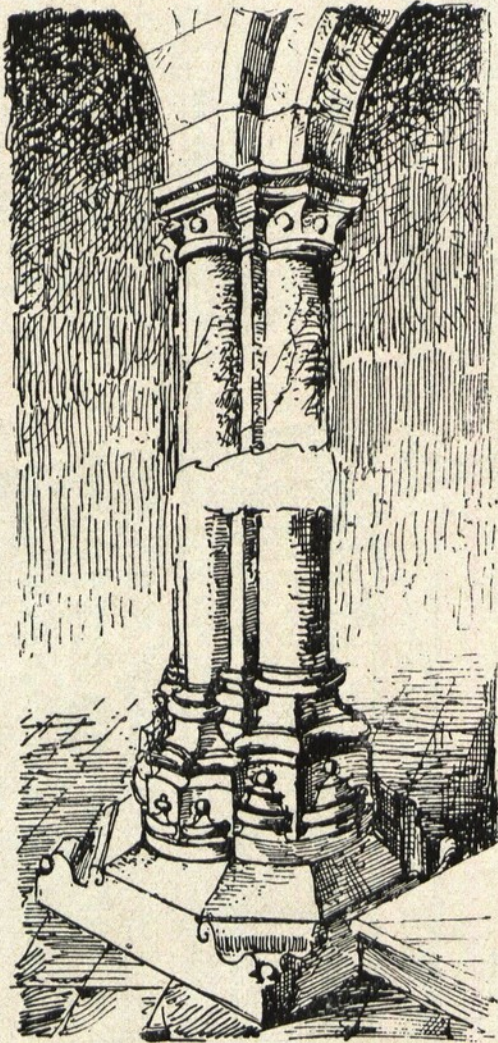
Uma noticia do padre Nicolau de Santa Maria (1560) affirma que mestre João de Ruão, Jacome Longuino, Nicolau e Philippe Duarte, de Coimbra, foram chamados para os trabalhos de Santa Cruz.

Recentemente, graças ao precioso trabalho de Sousa Viterbo (1), o qual compulsou os registos das instrucções de Santa Cruz, dando a publico o mais importante para esclarecer esta questão, estas investigações vieram derramar mais luz sobre os factos emburilhados pela intervenção de toda a casta possivel de amadores.

Nas seguintes linhas, tentâmos recopilar a quanto se baseia em factos.

Cerca de 1517, surge pela vez primeira mestre Nicolau, «o

francez», em Belem, na obra da igreja do mosteiro. Este mestre, pelas formas decorativas ali manifestadas, pertence ao grupo dos artistas do cardeal Jorge de Amboise, sénior. Comparem-se as formas dos pilares da nave com os restos do Paço acastellado de



PILAR DA EGREJA DA GOLLEGAN

(1) *O Mosteiro de Santa Cruz de Coimbra*. Coimbra, imprensa da Universidade — 1800.

Gailon, existente na Escola de Bellas Artes de Paris (1). A propria cornija é quasi identica á de Belem. Devemos, pois, ver em mestre Nicolau o primeiro importador das formulas da Renascença em Belem, ao passo que Castilho se ia identificando com ellas, tempos havia.

Este mesmo mestre, mais tarde, trabalhou, como «pedreiro», no portico de Santa Cruz, em Coimbra, desde 1526. E' possivel o elle ter sido o mestre Nicolau Chatranez, que, em 1532, fez, em Coimbra, o altar ali existente, quando não hajamos de ver n'este artista um segundo francez.

Tal qual os outros artistas de Gailon, que trabalharam para Jorge de Amboise, seria sem duvida oriundo da Normandia, talvez que de Ruão. Pela mesma época, encontramos ainda outro artista d'aquella localidade, Jeronymo de Ruão, que, para D. Maria, filha de el-rei D. Manuel, construiu a igreja da Luz, proximo de Lisboa.

Apparece ainda em terceiro lugar, em Coimbra, um tal João de Ruão; em todo o caso, é-lhe attribuido o altar do claustro da Manga, em Santa Cruz, obra datada para ahi de 1530. Funcionava mais tarde ainda, em 1549, 1553, até 1570. A historia das Artes portuguezas menciona aliás um certo Simão de Ruão. Devemos talvez consideral-os como pae e filhos.

Em 1520, foi principiado em Ruão o sumptuoso tumulo da Renascença franceza, destinado aos restos mortaes de Jorge de Amboise. Entre os esculptores, encontra-se João de Ruão, que veiu a largar o trabalho em 1521, depois de haver principalmente concluido ali uma estatua. Em 1522, achava-se

terminado o pulpito de Santa Cruz de Coimbra, a mais encantadora joia d'aquella igreja, identica em absoluto, pelo estylo, ao supracitado mausoleu, de Ruão. No friso, apparece um monograma, que eu, com Barbosa, leio J. R. Portanto, é da maxima verosimilhança o concluir-se: que, em 1521, o artista, recommendado por seus conterraneos, fosse chamado por el-rei, a Portugal, havendo produzido aquellas obras magistraes da Renascença, que constituem as joias da cidade. Os trabalhos d'aquelles que para ali se transferiram, anteriormente a Nicolau, differem muitissimo dos d'este artista.

Onde iriam desencantar os outros nomes francezes os escriptores que, posteriormente, se occuparam da Historia da Arte é facto que se não acha ainda esclarecido.

Tirariam talvez por consequencia que a necessidade obrigaría a admittir reforço n'aquelle cyclo.

O historiador deve manter uma certa reserva, em estabelecer afinidades entre D. Manuel e o seu congenial contemporaneo, Jorge de Amboise, como meio de tudo esclarecer.

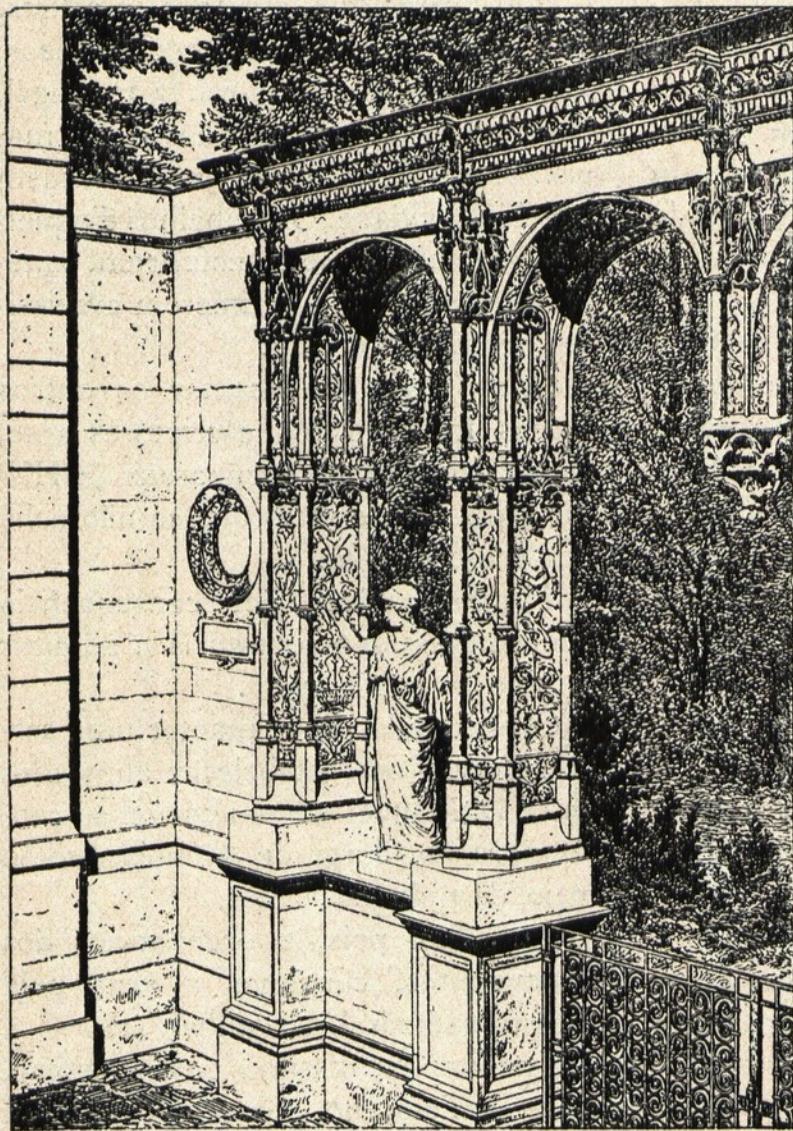
Passando, pois, a occupar-nos dos monumentos, corrâmos a vista pela vetusta cathedral (Sé velha). (1)

Este imponentissimo quanto importante edificio, no ponto de vista da Arte, deve de incidir com os primeiros tempos da conquista da cidade pelos

(1) Sé (sedes), residencia episcopal, significa apenas «egreja episcopal», isto é, o mesmo que cathedral. Aqui, no paiz, não apresentam amiude maiores dimensões do que as de qualquer igreja importante de aldeia, pois se não encontram egrejas muito grandes; a maior de todas, Alcobaça, mede 105 metros de comprimento, 79 a da Batalha, e a de Lisboa 65, apenas.

(1) Charvet. *Enseignement de l'art décoratif* — pag. 326.

christãos (1093) e filia-se nas construcções francezas meridionaes do mesmo periodo (S. Sernin de Toulouse), e ainda nas egrejas do norte da Hespanha (S. Thiago). O sombrio aspecto do exterior, com o seu diadema de ameias,



RESTOS DO CASTELLO DE GAILLON

é amenizado e adornado por uma formosa cupula; o interior, de três naves com tribunas, nave transversal e côo de três faces, manifesta aspecto opulento a par de nobreza na concepção.

Este severo e tão completo edificio recebeu, no principio do seculo xvi, riquissimas decorações das mãos da

supracitada colonia de esculptores francezes. Exteriormente, chama, acima de tudo, a attenção, a meio da face septentrional, de todas a mais desimpedida, aquelle portal de summa delicadeza e não menor encanto, e que deve

de ser considerado como o trabalho mais primoroso e completo da primeira Renascença classica em territorio portuguez, e contrastando com as obras do celebre estylo mixto.

Ostentando as fórmulas da mais fina Renascença franceza dos primeiros tempos, construcção de cerca de 1540, eleva-se a esbelta estructura até á corôa de ameias da cathedral, em três pavimentos. O andar terreo apresenta um portico de volta redonda, cujos corpos projectam muito para a frente, a fim de facultarem a desejada profundidade, e indo morrer na parede do edificio mediante dois lados obliquos; assim, pois, apresenta três lados de um octogono.

A architectura recebe effeito das pilastras que adornam os angulos, ostentando, nos lados obliquos, nichos com figuras;

a meio, os formosos arcos da portaria descansando em pilastras com columnas e outros esteios, e adornados de caixotões.

As pilastras principaes repetem-se no pavimento superior e com duas columnas intermedias aguentam uma arcada rôta; os lados obliquos do piso

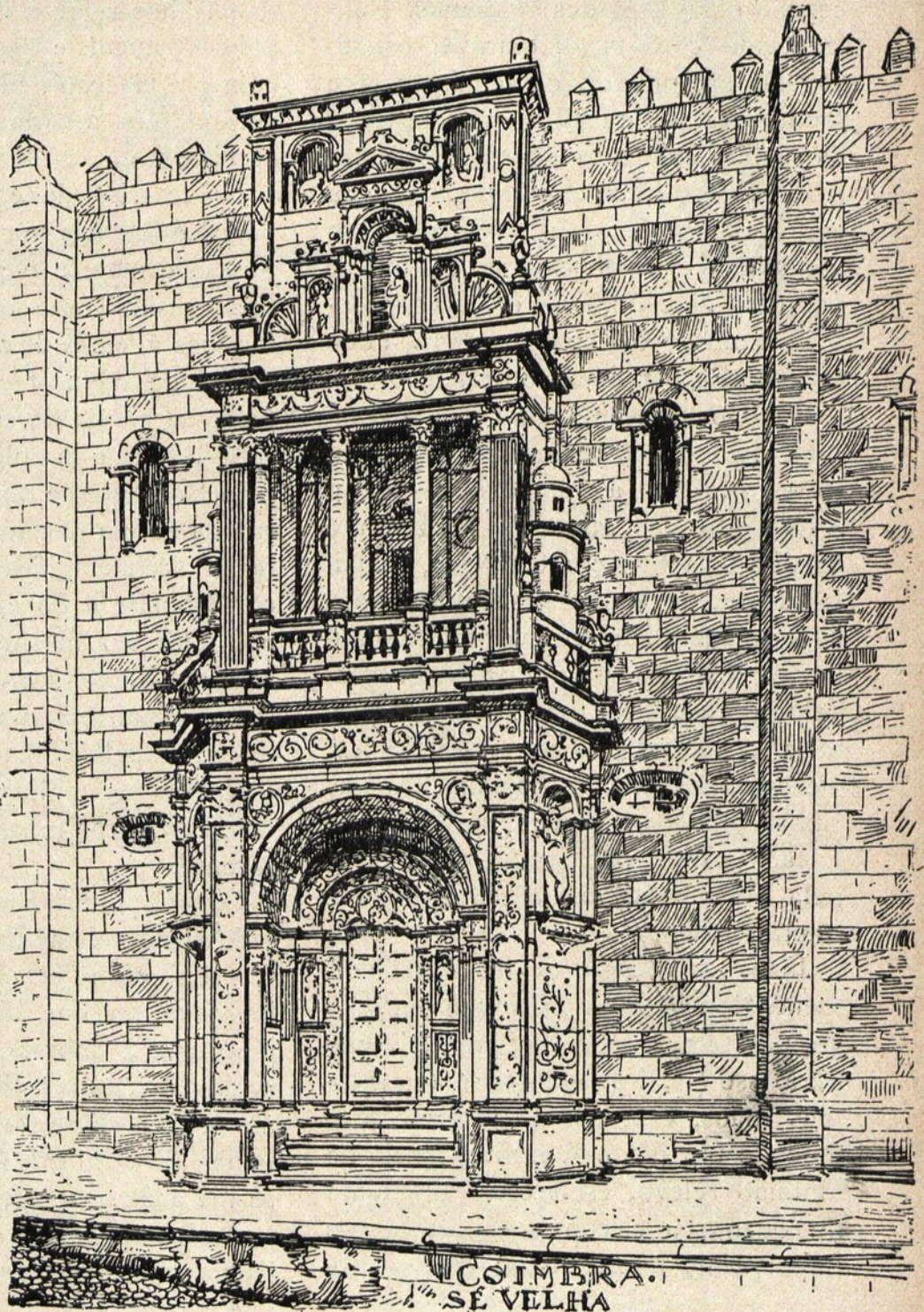
inferior vindo terminar numas torrinhinhas, acantonadas.

O terceiro pavimento, encimando o conjunto, dividido por quatro pilstras molduradas, sustenta o coroamento á feição de empena do lanço superior, o qual, numa architectura de arco triumphal, preciosa, ostenta a Anunciação em figuras de relevo; lá muito no topo abrem-se uns arcos fenestrados, de pleno-cimbrio, nos quaes, com uma disposição realistica, predominando em tempos na França, sobressahem umas meias figuras. Aos cantos, umas torrinhinhas redondas.

O que mais concorre a adornar esta obra, imprimindo-lhe um cunho de magnificencia, é o primor da individuação architectonica, o inegalavel e finissimo ornato, revestindo quasi todo o piso inferior, assim como a perfeita realização

do trabalho de cinzel. O material é marmore branco, o qual, infelizmente, muito ha soffrido com as intemperies e muito em especial no lanço inferior.

Attinge o auge da magnificencia o piso inferior. Aqui, a superficie, á ex-



PORTICO DO NORTE DA SÉ VELHA DE COIMBRA

cepção dos fustes das columnas, é enriquecida com um admiravel ornato vegetal ascendente, os seguintes com medalhões, as tabellas com rosetas, os nichos contendo figuras. O ponto mais elevado consiste no tympano, com uma deliciosa imagem da Virgem em medalhão, cercado de anjos, e orlado por uma cercadura de ornato concentrico e uns frisos com meninos. Tudo isto de singular finura e perfeição.

O todo apresenta uma feição franceza que se não differença á primeira vista: quer a composição quer o tratamento das minucias lembram o nordeste da França; Chartres, principalmente, e os trabalhos normandos na sua generalidade. Lavôr muito semelhante encontra-se no formoso guarda-vento do cruzeiro, em Limoges, e certas particularidades no sul da França, e designadamente em Toulouse. As torrinhas redondas, vêem-se na Bretanha a cada passo, não sendo, aliás, raras pela Normandia, mas não me parecem oriundas d'ali.

Justi, ao classificar de «absolutamente florentina» a *Madonna* em relevo, não tem, a meu ver, grande razão para isso (1). Foi tudo obra das mesmas mãos, e é, por assim dizer, fundido de um jacto. A reminiscencia do alludido relevo, esclarece-a um tanto ou quanto a circumstancia de serem importados, a essa data, em quanti-

dade, altos relevos dos Della Robbias, para Portugal, e que el-rei D. Manuel com predilecção mandava embutir nos nembos das arcarias dos porticos das egrejas.

No interior da egreja, a arcada do portal é ladeada por pilastras de sumptuoso ornato, e o seu vão em caixotões, assim como tambem as quatro fornices á feição de capellas, na parede da banda do norte e a primeira capella da banda do sul, encerrando um soberbo altar insculpido em madeira, com S. Miguel e seis formosas pinturas da escola portuguesa. A ornamentação architectonica destas pilastras, corresponde á do exterior do portico, e é obra das mesmas mãos, supposto não apresente a mesma opulencia e subtileza na realisação. As outras frentes das capellas olhando para o sul não ostentam igual firmeza, e serão obra de mais fracas mãos, e de época mais recente.

O que porém communica mais subido valor a estas decorações internas, é o seu optimo estado de conservação, inclusivè no que diz respeito á leve pintura e á douradura; o character do ornato é aqui manifestamente identico ao de uma parte dos espaldares constantes do côro em Chartres, notando-se-lhe aliás um certo sabor meridional.

A proximidade entre Chartres e Ruão poderá confirmar as minhas previas affirmações.

(1) *Annuario das reaes collecções do reino da Prussia* — 1888.

(Continúa.)





seus amigos e admiradores de Manuel Alves, esse estranho cavador que soube ser também um singular poeta, vão erigir-lhe, em vez do pequeno monumento que simbolisasse a sua vida e a sua obra, monumento que seria erguido no Bussaco e para o qual se trabalhava já, — um outro monumento mais perdurável, mais bello e mais humano. Sobretudo mais tocante para a sua memória.

No primeiro teríamos pedras amontoadas, toscamente, na bronca aspereza da montanha, um veio d'água deslizando e n'um medalhão de bronze a effigie do poeta, tostada pelo sol, dando bem a conhecer como esse corpo e esse espirito foram caldeados na dôr e na fadiga.

No segundo teremos ainda o medalhão e o veio d'água deslizando, mas sobretudo e antes de tudo procuraremos erguer á sua memória o que faltou na sua vida: a escola da sua terra.

Elle que foi na vida um cavador analfabeto e desgraçado, terá, d'esta maneira, o unico monumento que em justiça devemos á sua memória.

«Que alegria divina para o coração de Manuel Alves» o saber que os queridos pequeninos da sua terra, tantas vezes cantados nos seus versos, irão ter aquillo que elle em vão procurou dar-lhes, o pão do espirito!

Elle que tanta vez cantou a luz e a liberdade, terá assim, na sua morte, erguido o templo onde se bebe a luz e a liberdade canta a sua divina omnipotencia.

Elle que nasceu, viveu e morreu combatendo com a terra, ignorante, faminto, mi-

seravel, agonizando para não morrer, cantando para não chorar; elle que cumpriu e realisoou na vida, resignadamente, o seu destino e pôde erguer ainda a sua obra inconfundivel, vae assim determinar-nos a um acto collectivo em que se realisa inteiramente o nobre ideal que para o povo elle tanto reclamou e sonhou a vida inteira.

Poeta, cavador, a sua obra inconfundivel... Muitos dos leitores d'esta revista hão de estar perguntando: — *Mas afinal quem foi esse Alves e que obra é essa inconfundivel?*

Pois merece que lhes deis um pouco de attenção, tão singular é a sua figura e tão estranha impressão elle causou no meio intellectual da nossa terra.

Historiemos rapidamente.

Um dia, n'uma feira (foi pelo natal de 1900), encontrei o cantador Manuel Alves cercado de muitos dos seus admiradores e amigos. Sorri perante essa ingenuidade popular que fazia de Alves de Valle do Boi a oitava maravilha do mundo.

Comtudo aproximei-me d'elle e entramos em conversa. E, estranho factó, o seu tracto d'algumas horas produziu em mim as mais profundas e vivas impressões. Reconheci que estava em frente d'uma alma. Tinha na minha presença as vagas fulgurações d'um grande espirito, espirito que veio para mim como o sopro d'um vento desconhecido.

Duas poesias suas, recitadas ali, numa barraca tumultuosa, entre o *bruahá* da

multidão que mercadejava e praguejava, bastaram para que eu o abraçasse, como-vido, pedindo-lhe para que me contasse a sua vida.

— A minha vida! Pois que vida?

E Manuel Alves desculpou-se, dizendo que não tinha vida p'ra contar, porque a sua vida era a sua enxada e os seus versos.

Então pedi-lhe versos. Vieram versos.

Ou antes: vieram pedaços de coração, ondas de sentimento, flocos de luz bemdita. E a sua personalidade desfilou ante meus olhos, ao som das suas trovas que de continuo me traziam lagrimas.

Essas trovas eram, na verdade, a synthese perfeita da sua vida.

Diziam como fôra creado e vivera depois, sempre luctando e sofrendo, em meio da ignorancia e miseria mais completas.

*«Eu sou filho da desgraça,
Entre carquejas nasci...»*

A sua mocidade foi triste e foi heroica. Luto e fome, trabalho e desventura.

Poemas d'amor e epopeias de lucta.

Poeta do amor, cantou as tranças fluctuantes e o riso ingenuo das lindas camponezas da sua terra, povoando-lhes de sonhos côr de céu as pequeninas almas luminosas.

Homem da lucta, ergueu a frente e falou alto em toda a parte onde o destino o arremessou.

Os seus versos falavam do pequeno e do grande, do nobre e do plebeu, sempre com o mesmo desassombro e a mesma rigidez d'alma.

D'ahi as invejas e os odios que tanta vez lhe amarguraram a existencia.

Mas se elle era o cantador invencivel, a alma heroica do

troveiro que passa toda uma geração cantando e batalhando!

Quando, ha seis annos, o apresentei ao nosso publico letrado, com os seus *Versos d'um Cavador*, dizia, na primeira pagina d'esse livro, completando o seu retrato:

«Aos dezeseis annos todos o conheciam: pequeno de corpo, olhar vivo e penetrante, riso franco, recto no seu procedimento, tenaz nas suas convicções. De resto, o seu traje era dos mais caracteristicos: descalço a maior parte das vezes, esfarrapado sempre.

«Não sabia ler uma palavra e comtudo tantas luctas quantas victorias. Pigmeu pelo corpo, athleta pelo espirito.

«O desafio era o melhor campo para os seus triumphos, a satyra a sua arma predileta.

«E cantava, cantava sempre. Não tinha outra publicidade além da das ruas, outro publico além dos que paravam para ouvir e que depois seguiam para a vida.

«Sempre que cantava, o suor caía em bica d'aquella fronte calcinada pelo roçar do tempo, quer fosse nas mais rigorosas noites do inverno ou nos dias mais calmosos do estio.

«Nunca o venceram. O adversario, fosse elle quem fosse, tinha sempre este destino: retirar confuso aos apupos da multidão. Uma vez cantou treze horas consecutivas, depennando successivamente quantos chegavam para o fazer calar, para o estenuar, para o vencer.

«A tranquillidade do espirito e o bom senso das palavras, a companhia a-m-n-o sempre emquanto durasse a prudencia do adversario.

«E' curioso ouvir contar os finos ditos, as replicas fulminantes com que ás vezes calava os imprudentes. Ha por vezes n'essas replicas o tom bocagiano, que foi



MANUEL ALVES

sempre, para o nosso povo, o melhor genero de canções.

«A sua imaginação é assombrosa. Concede n'um momento as mais bellas e variadas poesias. A replica, prompta como o raio, é por vezes arrojada até á temeridade.

«Quando voltava do Brazil, onde fôra em busca da fortuna, teve mau trato em viagem, bem como todos os companheiros.

Era uma companhia ingleza. Uma tarde, sentado na pôpa do navio, um dos passageiros tocava guitarra. Era o fado, o lindo fado portuguez, a unica musica dos seus versos... De repente, entre o entusiasmo dos companheiros e o assombro da marinhagem, improvisou uma das suas mais arrojadas poesias.

«Se o não mata-ram, dizia elle depois, foi porque tinha todos os passageiros do seu lado.»

«Cantava d'outra vez n'um arraial, onde compareceram alguns funcionarios publicos da sua comarca, pondo em parallelo a sua vida nobre de cavador com a vida fadista e ociosa dos taes senhores.

«Foi uma alluvião e uma vergonha!...

«Puzeram editaes pelos povos, prohibindo assim ao pobre poeta que cantasse. que fosse justo.

«Foi então que elle appareceu, uma noite, n'uma dança popular, humilde, sentimental, onde chorou a sua magua, improvisando a obra prima da sua mocidade:

Morri, já não sou poeta...

«Sabe de cór todos os versos que tem feito: improvisa-os e fixa-os na memoria.

«Concorre muito para isso o seu estilo simples, natural, o verdadeiro estilo popular.

«Porque as suas poesias não são o produto d'uma elaboração artistica: vem naturalmente como a agua d'um veio.

«São quasi sempre d'uma espontaneidade que atráe...

«Os seus versos enternecem a multidão, fazendo-lhe amar a virtude. Não é só o Poeta da gargalhada e dos tumultos, é tambem o evangelizador do Povo. Não canta só para agradar, canta tambem para moralisar...»



A MÃE DO MANOEL ALVES

(93 annos)

O volume dos seus versos, coligidos e publicados por quem firma estas linhas, foi, como era natural, um verdadeiro successo literario.

Em menos de meio anno e sem reclamo nos jornaes, vendeuse toda a edição, ou fossem 600 exemplares.

Mas o pobre Manuel Alves pouco tempo tinha já de vida para assistir aos seus triumphos.

Um dia em que o fui visitar, encontrei-o doente e muito triste. Outro dia em que voltava para ver o seu estado d'alma, achei-o morto.

Acompanhei-o á cova, lancei-lhe sobre o caixão a primeira terra que o cobriu, e quando regressei á minha aldeia trazia no cerebro um mundo de generosos planos para realisar em memoria d'esse cavador, que tanto amou e tanto padeceu.

Agora, para dar-vos, em breve resumo, a significação e importancia da sua obra,

basta transcrever algumas palavras das muitas que os nossos primeiros escriptores lhe dedicaram:

«Manuel Alves é a victima symbolica da impiedade e da crueza social que tão iniquamente fere em todos os paizes do mundo os humildes e os deserdados, aos quaes o Christianismo cessou de dar, no dominio das consciencias modernas, a corôa e a palma, immarcessiveis e eternas, que o Evangelho offerece aos tristes, aos pobres, aos famintos, aos nús, a todos os oprimidos da Vida.»

Ramalho Ortigão.

«O seu Poeta-cavador foi um humilde e um bom. Fez a jornada do globo, sofrendo e cantando, penando e amando. Viveu, na vida instantanea, a vida eterna, porque os dois polos em que a vida eterna se equilibra são a dôr universal e o amor infinito. . . .»

«Pois bem: que a sua alma, vibrando e movendo a nossa, nos determine a um acto colectivo, em que se realise, ainda que por instantes, o nobre ideal do cavador.»

Guerra Junqueiro.

«Elle foi um evangelista do Povo, — mais que um filho e amigo, mais que um moralizador e um mestre; — foi um apostolo da Verdade, — tendo sido um nobre e honrado homem pela Vida — e um Santo, um Poeta, pela Alma.»

Lopes d'Oliveira.

«O que achei importante foi a fôrma poetica do seculo XVIII, a *Decima*, com todo o

seu cruzamento de rimas, e com a intenção epigrammatica da glosa, tendo-se vulgarizado entre gente analfabeta. Isto me basta, como phenomeno litterario. . . .»

«. . . ainda que me restrinja apenas ao phenomeno da morphologia litteraria, que já me não pode passar despercebido nos meus estudos sobre a Poesia popular portugueza.»

Theophilo Braga.

«O que nos versos do seu Alves até certo ponto espanta, é a limpidez clara da forma, que tem a espacos choques de cristal, e nas composições melhores chega a lembrar o João de Deus dos improvisos.

«Toda a obrasinha porém reçuma uma bondade triste de mysantropo que é talvez a lição melhor que o livro tem, e responde pela voz do obreiro dos campos, a ess'outra do das cidades, onde a logica de revindicações em parte justas mal disfarça por vezes um sentimento baixo de cubiça.

«Devia ser uma bela alma resignada, a do seu cavador poeta, uma alma fraca de lusitano vencido, pia, poetica, recolhida em nostalgias velhas de catholicismo e d'aventuras: a alma portu-

gueza, vamos, n'uma ingenua versão de paysano cavador. . . .»

Fialho d'Almeida.

«Elle é um magnifico exemplo de que sobretudo na alma heroica do povo, que trabalha e pena e se sacrifica até ao exilio, é que reside a mais abundante e generosa inspiração da poesia do lar e da patria.»

Bernardino Machado.



UMA SOBRINHA DO ALVES

«Manuel Alves é um pantheista e um impressionista.

«Ao abrir-lhe o livro, analysei primeiro demoradamente o seu retrato, porque penso que, em geral, todos os grandes espiritos

«Versos d'um cavador . . .

«Remetto, pois, o leitor para o livro, e não hesito em recommendar-lho fervorosamente.

«E' uma obra consoladora ; mais: é uma obra que reanima e avigora. Revela-nos

CEMITERIO
DA
MOITA
(ANADIA)



VISTA
GERAL
DE
VALLE
DE
BOI

têm na physionomia algum reverbêro da radiação interna.

«Onde está uma alvorada, ha sempre um clarão ou, pelo menos, um palôr que a indique.

«N'aquelle rosto rugado e banal de camponez, encontrei effectivamente a luz que procurava, abrigada, nos olhos, n'esses bellos olhos d'uma firme lucidez penetrante.»

que, entre nós, a Emoção brota dos peitos como a agua e o trigo surgem da terra, e para todos aquelles que são filhos d'este Portugal e que vêem já na superioridade da alma a garantia da existencia dos povos e individuos, no seculo que vae abrir-se, a constatação d'este facto representa o maior e o mais legitimo dos estimulos para as generosas iniciativas do Futuro.»

João Lucio.

Mayer Garção.

«Cavador e poeta, a enxada e a lyra, a realidade e o sonho, o trabalho e o amor: eis a vida na mais luminosa synthese, na mais gloriosa ascensão para Deus.

«Foi esta a vida de Manuel Alves...

«Entre os livros que mais estimo especialmente o d'elle, cuja leitura sã me delicia e encanta, e que eu leio sempre com uma atenção quasi religiosa, não só pelo que para mim representa, mas pela moralidade que encerra. *Versos d'um cavador* são versos feitos em horas de prazer ou de magua, onde brilha, n'uma simplicidade lyrica, uma inspiração sádia e forte; versos d'esses que o povo canta, cujo autor se ignora, que nos obrigam a pensar no anonymo que os fez e na alegria ou tristeza que os dictou; versos que são a expressão vivida da alma popular, expansiva, bondosa e simples.»

Cruz Andrade.

«...as suas canções tão docemente rhythmicas, tão lindas, tão repassadas de sentimento.

«Ellas hão-de ter sempre atravez dos seculos entre o nosso bom povo, em qualquer parte onde se sinta um pouco da sua vida, tão grande e dolorosa, nas desfolhadas e romarias d'este nosso querido Portugal, uma voz, uma só voz ao menos que, de tempos a tempos, as faça despertar, — resuscitar.»

Vicente Arnos.

«C'était un analphabet; il n'a pas écrit jamais un mot, il n'a lu pas un livre.

«Il s'est passée une vie de combats, pleurant et chantant, aimant et travaillant.

«Il n'eut des fils, mais cela ne l'a empêché de combler son existence dans la terre, car il a laissé un livre qu'il vécut et chanta, un champ qu'il defricha et sema et une famille de victimes qu'il soutint dans son amour pour les malheureux.

«Il a été un apôtre dans son ignorance et un revolté dans sa faiblesse.

«Il a fait admirer tous ceux qui l'ont connu et tous ceux que l'ont vu oublié du sort.

«Nous voulons cependant laisser à l'avenir, comme une protestation sacrée, quelque chose qui, au nom de cette grande victime, crie aux passants l'injustice des hommes, fai-

sant lever bien-haut notre foi pour le jour du lendemain: — le triomphe des oubliés.»

D'uma carta a Elisée Reclus.

«J'ai bien reçu l'ouvrage de poésie dû à votre ami le paysan, et autant que j'ai pu en comprendre les vers, ils m'ont paru charmants de grâce naturelle et de naïveté: je me rends bien compte de l'affection et de l'enthousiasme qu'il a provoqué parmi vous, les jeunes et les ardents, et de loin je salue l'obélisque dressé par vous sur le mont de Bussaco.»

Elisée Reclus.

«*Manuel Alves*, heroico trabajador y sublime desgraciado, como le llaman hoy sus compatriotas, condenado á la postergación del analfabetismo, como nuestra sociedad condena á todos los que luchan en la miseria, es un caracter, un genio, una figura colosal que hiergue hasta el cielo sus manos de altruista para bendecir al pueblo autor de su olvido, legándole una obra que le llama á mirar hacia el pasado, y atrae sus oídos á los gritos de esas actividades encadenadas, por el desdén ajeno, á los escollos de la vida.»

E. Barriobero y Herran.

«Como eu vos invejo e admiro mais que a todos os sabios, ó sublimes ignorantes! Não sabeis ler nem escrever; nada mais conheceis da Vida, alem do vosso coração; por lira, tendes apenas uma velha guitarra de duas cordas, uma para o amor, outra para a dor: — mas n'ella encontraes voz bastante para falar a todas as almas dos simples, e para dar alivio a todas as amarguras dos pobres.»

Justino de Montalvão.

«Poeta-Cavador!... ergam-no com a sua enxada e a sua lyra — dois symbolos a luzir — e fique em oiro bem modellado o seu martello, para vergonha de tanto ferreiro enlulado da Arte que por ahi vae... Seja pois o monumento a Manuel Alves, uma Oração nossa que se faz marmore, bronze ou pedra — más que ha de ficar sempre como uma Oração.»

João Correia d'Oliveira.

«O Alves, por isso, foi simplesmente poeta por obra e graça da Natureza; e só á Natureza deve toda a sua gloria, todas as ovações que as massas, subjogadas, lhe fizeram. Não deve nada aos homens, que o não ensinaram, sequer, a escrever o seu nome, que não o ensinaram tão pouco a pegar n'um livro. . .

«N'este regresso á materia mãe. n'esta trasmutação de forças individuaes em forças cosmicas, a seguir a corrente de que andava desviado ha 54 annos, o Alves deixa a Bairrada sem o seu ultimo poeta d'essa grande raça de cantadores de que Portugal se recordará sempre com fundas saudades — e que foi como que o complemento das nossas aventuras de soldados e marinheiros. . .»

Simões Ferreira.

«... acabam de apparecer em volume os versos de Manuel Alves; versos que me despertaram vivo interesse tanto mais que elles são d'um velho operario que não escreve uma letra. . .

«... Manuel Alves é, como m'o havia annuciado o Thomaz, um genio e um poeta extraordinario.»

Domingos de Castro.

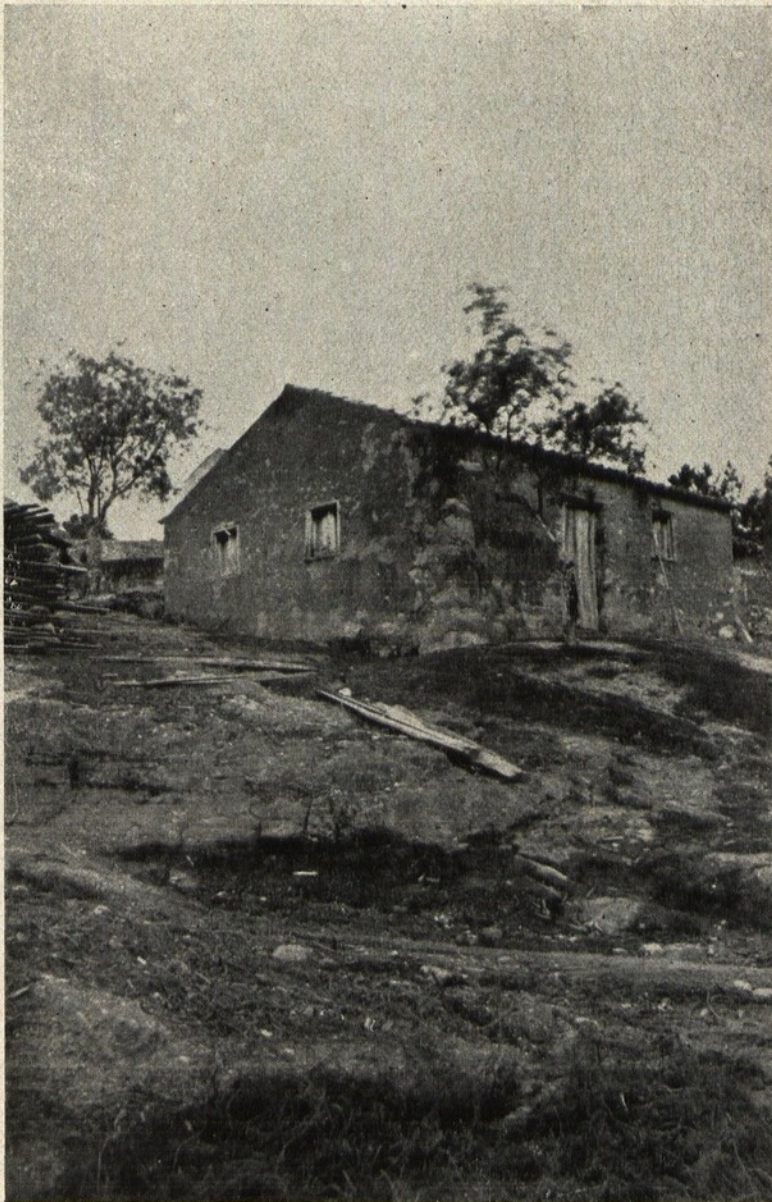
«... poeta que nada sabe de coisas de Arte e que nada leu nem pode ler, porque não sabe: e todavia as suas redondilhas são correctas e harmoniosas, e as suas glosas cahem-lhe quasi sempre accomodadas ao mote, cheias de naturalidade e por vezes scintillantes d'espírito.

Carlos de Lemos.

«Este bronco e surpreendente homem de genio afigura-se-me uma incarnação miagrosa da alma immortal do povo, que, rompendo a crôsta da apagada e vil tristeza

que o Estado, em Portugal, cultiva com methodo e amor, produziu um grande poeta — que pôde cantar!

«Alves, isento de academia, de repartição e de sacristia, — livre da Papelada, — suando na forja, cavando a terra e can-



CASA ONDE MORREU MANUEL ALVES

tando as suas redondilhas bellas e barbaaras, consola-me em muito da desolação com que sinceramente temos de encarar a nossa gente privilegiada.»

Affonso Lopes-Vieira.

«... é no Povo que vivem ainda, incultas, as fortes energias da nossa raça; e



GRUPO DO POETA COM SEUS AMIGOS

Da direita para a esquerda: Domingos de Castro, *redactor do «Progresso da Feira»*; Manuel Pinto de Sousa, *proprietario e director da typographia «Minerva de Famalicão»*; Simões Ferreira, *jornalista* (fallecido); Thomaz da Fonseca (ao tempo seminarista); Manuel Alves; Ribeiro de Carvalho, *redactor da «Mala da Europa»*; Antonio Carvalhal, *poeta e jornalista do Porto*.

que educá-las e fortalecê-las é o dever de todo aquelle que sabe e quer ennobrecer e respeitar a Vida.»

João de Barros.

«Hade cantar o cinzel
os teus versos, Manuel,
que são doces como o mel,
e cheiram a malmequer,
e sempre, no teu logar,
tua memoria hade ficar,
suspensa sobre o altar,
no coração da mulher!...

Dias d'Oliveira.

«Quando sibilar o vento
Por entre as veigas em flôr,
Dedica, vate, um lamento
Ao Poeta Cavador.»

Marcos Algarve.

«Levó, ramingo per deserta strada
l'imno, solto il gran ciel, soavemente
ed il verso brandi come uma spada...» (1)

Tommaso Cannizaro.

Manuel Alves é para o povo da Bairrada o que Camões foi para o povo portuguez: o cantor das suas glorias.

Tudo o que ha de bello ou de ridiculo, tudo o que de alguma fôrma haja impressionado esse povo, o Alves o cantou. D'ahi a sua grande popularidade.

O povo, de seu lado, tambem o não esquece nunca. Não ha em toda a Bairrada

(1) Tommaso Cannizaro é hoje uma das maiores glorias litterarias da Italia e um grande amigo de Portugal. O seu

uma unica voz de rapariga, que não tenha repetido muita vez estas duas cantigas:

Se ouvirem dizer que morre
O Alves do Valle do Boi,
Rezem-lhe todos por alma
Que tão bom cantador foi.

Se o Alves depois de morto
Voltasse a resuscitar,
Ia de Lisboa ao Porto
Pelos arraiaes cantar.

soneto sobre o cavador é uma obra prima e por isso aqui o transcrevemos na integra:

Manuel Alves

*Ei passò su la terra umile e buono
con la vanga su l'omero e il martello
e, in cenci avvolto, scese ne l'avello
più sereno che un principe sul trono.*

*Nel completo degli uomini abbandono
tu, povero, dei poveri fratello
e ai tristi e agli epuloni fu rubello
tra il suo sdegno divisi e il suo perdono.*

*Levò, ramingo per deserta strada
l'imno, sotto il gran ciel, soavemente
ed il verso brandi come une spada*

*E tante trasse dalla lira rude
faville, quante dal suo ferro ardente
batendo il maglio su la salda incude.*

Messina, 23 de novembro de 1901.

TOMMAZO CANNIZARO.

Depois d'isto nada mais ha a dizer ácerca do homem que se chamou Manuel Alves.

Nada a dizer, — o que não quer significar tambem — *nada a fazer*, pois que nada se fez ainda.

Ora é precisamente essa lacuna — uma obra — o que vamos tentar preencher, erguendo á memoria do cavador e do Poeta, o monumento que a sua memoria reclama: a escola.

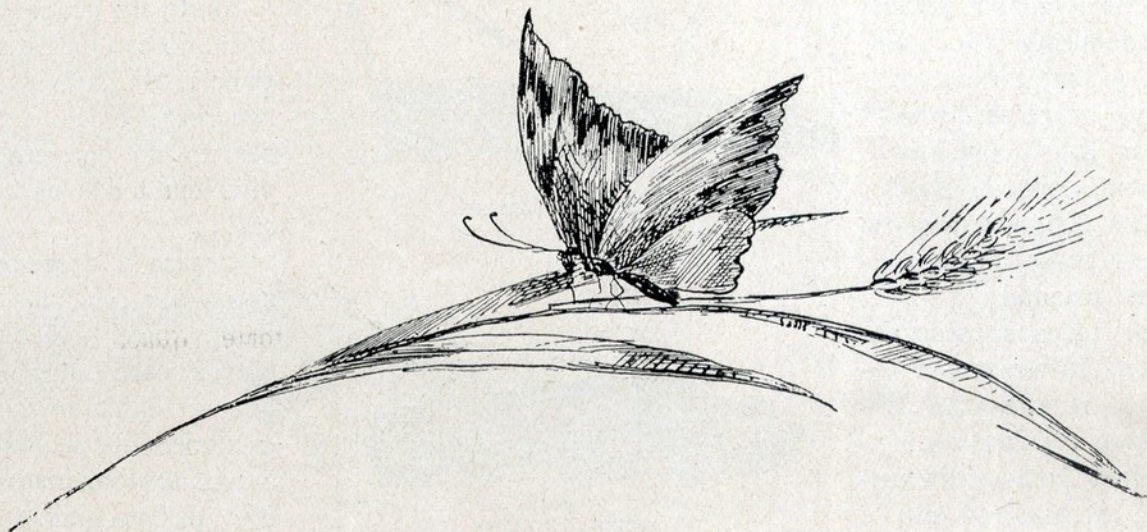
Essa escola será o templo onde os filhos do povo irão rezar os versos d'esse troveiro amigo que tanto pensou n'elles, cantando a suas mães a belleza immortal e a paz divina que do Bem e da Virtude se desprendem. Mas não é só á memoria do cavador que essa escola vae erguer-se. A sua aldeia reclama-a, a nossa época exige-a.

Chegámos quasi á plenitude dos tempos. D'hoje em deante será preciso crear uma escola em cada aldeia para que depois surja uma em cada lar, onde as mães façam dos seus pequeninos entes fortes homens de lucta, que vão para a vida, não gemendo e chorando como vão ainda hoje as nossas gerações, mas cantando, amando e libertando, a caminho d'essa manhã bemdita onde tere-mos tudo: amor sem egoismo, liberdade sem peias, humanidade sem fronteiras, a nossa Patria, emfim!

O cantador Manuel Alves vae, pois, erguer a escola da sua terra.

Vinde auxiliá-lo vós todos que tendes ainda no peito um pedaço de coração clamando amor e no cerebro uma faisca de luz, anciando a paz, a liberdade e a vida.

THOMAZ DA FONSECA.





ROCIO DE AVEIRO, COM A RIA

A ria de Aveiro



ESTA, ramificando-se n'um dedalo de canaes e esteiros, em alguns pontos ampla como um mar, a ria d'Aveiro es-

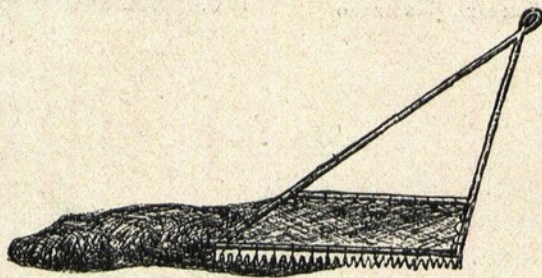
tende-se a perder de vista, por entre tufos d'hervagens frescas e cordões frondentes de tamargueiras. A luz, caíndo em cheio sobre as suas aguas, dá-lhe espelhamentos cristallinos. Ondas de pedrarias parecem boiar n'uma opulencia oriental.

De todos os seus aspectos tão variados e originaes resalta uma alacridade vibrante e irradiando em exuberancias intensas de côr e

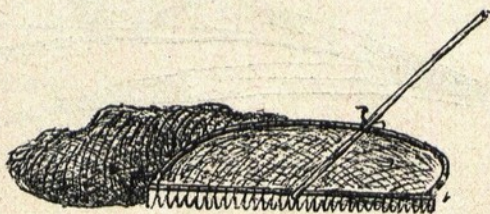
magestade. Murmurante e seductor quando a viração perpassa n'um halito perfumante, severo e duro quando o assaltam os embates da borrasca, aquelle formosissimo talhão da natureza manifesta n'esses contrastes um attractivo que fascina e suggestiona.

Mixto de graça e rudeza, de candura e arrogancia, de suavidade e aspereza, é um intenso reflexo do encanto que vive em todas as coisas sãs.

Cresce e desenvolve-se no seu seio uma vida forte, quasi isolada do que a cerca. Os typos que a habitam e cuja existencia por lá lhes decorre no descuidado enlevo das primitivas eda-

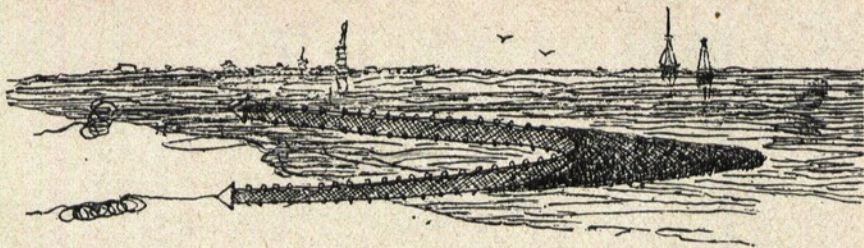


DRAGA OU ENGENHO



ANCINHO DE FERRO

des, affirmam nos seus gestos e na sua linguagem uma independencia indefectivel, uma altaneira caracteristica, opposta aos preconceitos da velha sociedade. Comtudo, não impera n'elles a barbaria grosseira, que marca um estado primitivo. D'uma lhaneza quasi fraterna, não ha risco que os intimide, nem dedicacão que não experimentem. O pescador da ria d'Aveiro assume um caracter vivo e impulsivo. Incitado por uma impres-



CHINCHA

A ria é o seu predilecto campo d'acção. Arrancado d'ali, é um ente inerte, onde não vislumbram estímulos ou se agitam iniciativas. Transfigura-se, esbate-se n'uma penumbra indolente, e ninguém dirá, ao vel-o as-



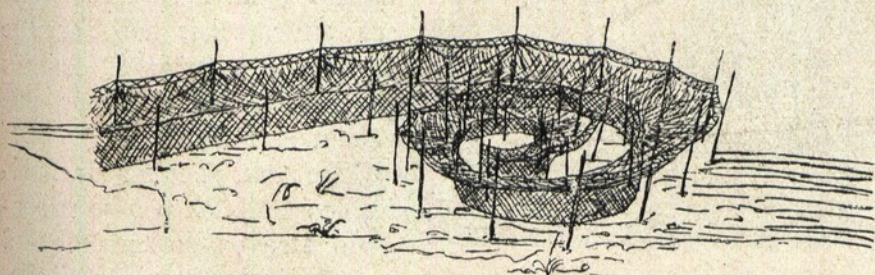
IÇANDO A VELA N'UM BARCO MOLICEIRO

(Cliché de Mendes da Costa)

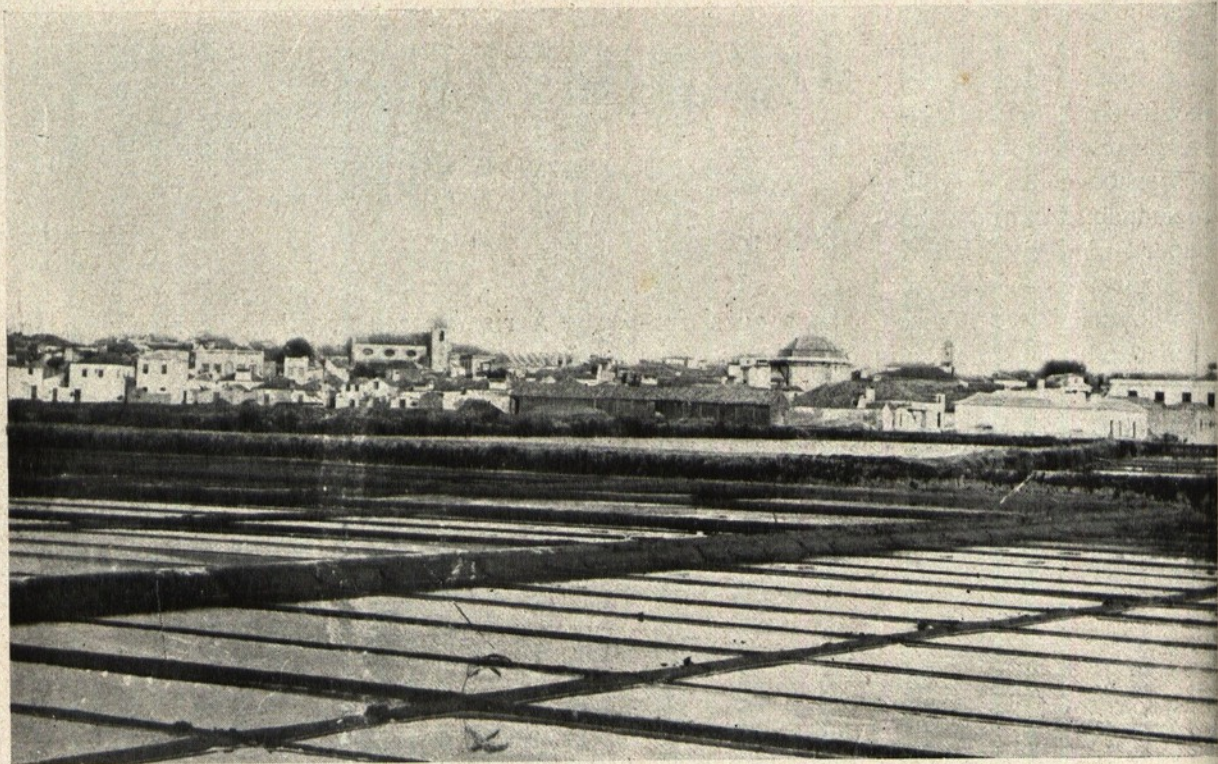
são repentina, arde em exageros desabridos, quasi ferozes, para d'ahi a instantes se transformar na ingenuidade mais terna, que o faz adorado d'uma creança.

sim, que está ali o impavido heroe de grandiosas proezas, o arrojado trabalhador que, na conquista d'um bocado de pão para os seus, é capaz das mais audazes temeridades, sacrificando a vida e a felicidade.

Com uma prodigalidade benefica, a ria oferece-lhe todos os elementos indispensaveis. Todas as especies ictiologicas n'ella se desenvolvem com pasmosa fertilidade. E para as



SALTO OU PARREIRA

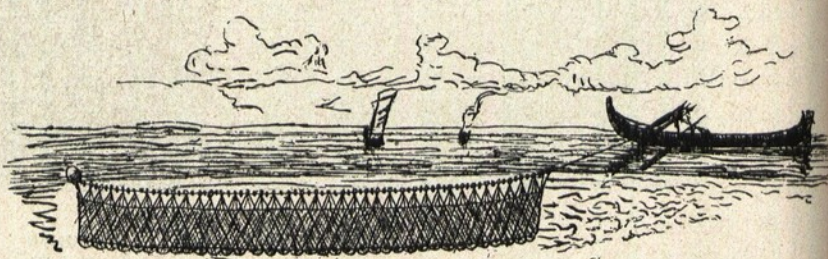


UMA MARINHA E PARTE DA CIDADE DE TRAZ DO ROCIO

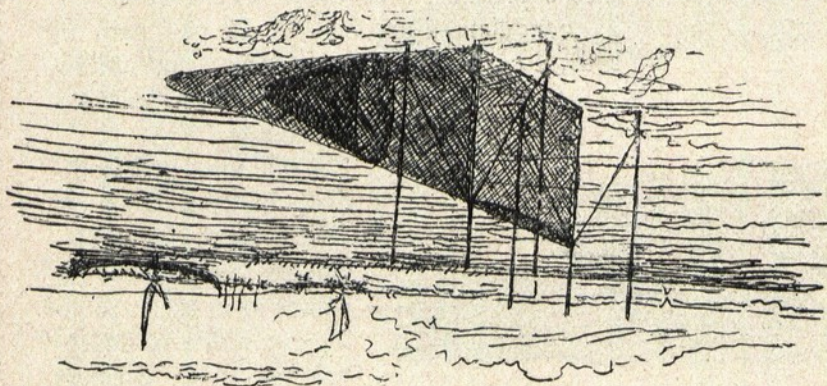
colher o pescador serve-se de meios variados e engenhosos. E' o *botirão*, a *chincha*, a *branqueira*, a *solheira*, o *salto* ou *parreira*; e ainda, para nada escapar á sua cubiça insaciavel, emprega o *ancinho*, a *draga*, a *bolsa* e a *fisga*. E' um arsenal de aparelhos!

Sobre tudo isso, ha ainda uma numerosissima familia, a *nação* dos Calixtos, que faz uso das unhas para filar as enguias. D'ahi, o nome particular de *unhantes*. Com

uma vista penetrante, avançando ao longo dos lameiros, de cuecas e mangas arregaçadas, mal descobrem um buraco no fundo da agua, que logo conhecem ser o abrigo



TRESMALHA BRANQUEIRA



BOTIRÃO

do peixe, zás! enfiam o braço, enterram a mão no lódo, pisam com o pé junto do buraco e sacam as enguias filadas nas unhas. Quando a agua, pela sua altura, lhes não permite empregar a mão, é com os proprios dedos dos pés que executam a manobra!

Esse dote peculiar da familia dos Calixtos tem-se propagado atravez do tempo até á actual descendencia. Só ella,



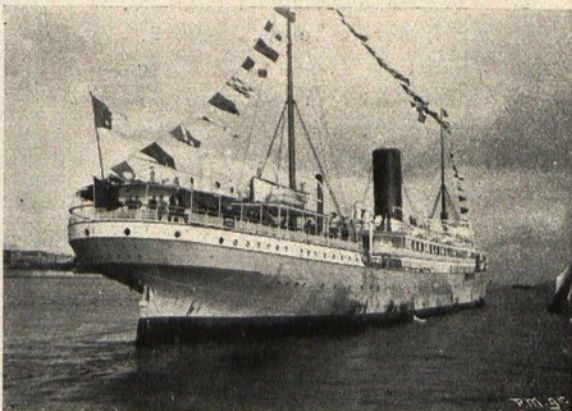
Grandes topicos

Portugal em Africa **E**M 15 de setembro ultimo a historia militar de Portugal foi assinalada com um dos mais brilhantes feitos de armas dos tempos modernos. Um punhado de soldados — menos de mil — sob o commando do capitão Roçadas, atacou e reduziu á completa submissão os cuamatas, o mais aguerrido gentio da Africa Occidental que ha alguns annos já tem posto em constante cheque as orgulhosas armas alle-mãs e que ha bem pouco tempo ainda nos inflingira, a nós proprios, um serio desastre.

O que foi a campanha que conduziu a esse brilhante resultado sabemos todos os que a seguiram com a carinhosa attenção de quem vê homens do seu sangue a lutar no campo de batalha, e melhor ainda os que conhecem a Africa e os seus naturaes. Foi uma serie ininterrupta de actos de bravura, da quasi louca bravura dos portuguezes quando, com as armas na mão e os olhos fitos na bandeira nacional, se arrojaram sobre o inimigo, qualquer que elle seja, dispostos a vencer ou a



O CAPITÃO ALVES ROÇADAS



O «AFRICA» ENTRANDO Á BARRA DO TEJO

morrer... D'esta vez venceram, e a Patria que lhes seguia os gestos, com desvanecimento e orgulho, soube depois acolhel-os, no regresso, com os naturaes transportes de admiração e reconhecimento. Na hora presente, toda a nação portugueza envolve n'um grande abraço os seus gloriosos soldados, que mais uma vez a honraram, engrandecendo-a aos olhos do mundo.

O rei **O** rei Oscar II, da Suecia, dos godos e dos vândalos, nasceu a 21 de janeiro de 1829. Ha tempos que a sua saude era vacillante e por duas vezes resignara temporariamente os poderes no principe real, como regente. O velho monarcha morreu finalmente em Stockolmo, a 8 de dezembro, depois de estar uma semana gravemente enfermo. O ultimo periodo do seu reinado foi obscurecido pela perda da corôa da Noruega, que elle não conseguiu suster ligada á da Suecia sobre a cabeça do mesmo soberano. Foi a 26 de outubro de 1905 que se ope-



OSCAR II, REI DA SUECIA



GUSTAVO V, REI DA SUECIA

rou constitucionalmente a desanexação dos dois reinos. Oscar II casou a 6 de junho de 1857 com Sophia, princeza de Nassau, a qual lhe sobrevive. Succedeu-lhe o príncipe real, que tomou o nome de Gustavo V e que é casado, desde 20 de setembro de 1881, com a princeza Victoria de Baden. O primeiro soberano da dynastia foi o francez Bernadotte, general de Napoleão.

Guilherme II
em
Inglaterra

Como previramos, a visita do imperador Guilherme a Londres realizou-se sem o menor incidente desagradavel, mas, como igualmente se esperava, sem o menor entusiasmo por parte da população ingleza. Os incitamentos a uma recepção hostil, feitos por alguns elementos socialistas, não surtiram o desejado effeito, mas tão pouco a multidão se mostrou satisfeita com a visita. A sua attitude foi a da mais completa frieza, a qual, de resto, parece ter-se communicado á propria cõrte que não chegou mesmo a esgotar as pautadas galanterias do protocolo.

E isso explica-se facilmente. O rei Eduardo, sendo, como é, um homem de superior intelligencia e conhecendo bem os deveres do seu alto cargo, absteve-se habilmente de todos os actos ou palavras que pudessem ser interpretados pela opinião publica do seu paiz como uma censura ou sequer o desejo de a ver mudar de rumo. Assim, no brinde official feito no banquete de gala em honra do Kaiser, Eduardo VII, depois dos banaes cumprimentos do estylo, limitou-se a dizer o seguinte:

«Podem Vossas Majestades ter a certeza de que as vossas visitas a Inglaterra são-nos sempre sinceramente gratas á rainha e a mim, assim como a todo o meu povo, e eu faço ardentes votos não só pela prosperidade e felicidade do grande paiz de que sois soberanos, mas ainda pela manutenção da paz.»

Na sua resposta, o Kaiser aproveitou o ensejo para ir mais longe: «O meu mais sincero desejo é que



OS JAPONESES NA AMERICA

O Tio Sam fica aterrassimo por ver que está sentado em cima de um formiguetro e que não pode ver-se livre das importunas visitas.

(Do «Wahre Jacob»)



QUEM FALLA EM DESORDENS?

Os principaes periodicos do Japão exprimem a convicção de que em breve se porá termo ás agitações.

Do «Sidne Bulletin»



AGITAÇÃO PAN-ISLAMICA

Mahomet faz consulta sobre se deve chamar os fieis à guerra santa.

Do «Ulk»

«Temos a esperança de que d'esta visita resultará o reatamento das antigas relações de amizade entre os dois paizes. As nossas relações teem sido sempre correctas, mas isso não basta. Era bom que a imprensa dos dois paizes deixasse pouco a pouco de fazer commentarios de natureza a crear animosidades. Sejamos francos e esqueçamos lealmente certos mal-entendidos, lembrando-nos de que marchamos juntos no caminho da cultura intellectual e do progresso humano.»

Nunca a Allemanha official manifestara tão abertamente o desejo de se approximar da Gran Bretanha, mas nem por isso as suas palavras foram escutadas com mais atenção. O Kaiser abandonou a Inglaterra, depois de algumas semanas de simples vilegiatura, deixando as relações entre os dois paizes precisamente no mesmo pé em que estavam.

as relações que existem entre as nossas duas familias influam nas relações dos nossos dois paizes, confirmando assim a paz do mundo, cuja manutenção é o esforço constante de Vossa Majestade assim como o meu.»



ACCORDO CHINO-GERMANICO

KAISER — Como são intelligentes estes jornaes jaxonezes! Attribuem-me cousas com que eu nem sequer sonho. Mas vale a pena experimentar.

Do «Tokio Puck»

America Central **A**s pequenas republicas da America Central acabam de dar um bello exemplo ás grandes potencias. Com effeito, segundo informações de Washington, o Congresso dos representantes d'esses paizes terminou pela conclusão de um tratado segundo o qual Guatemala, Nicaragua, Costa Rica, Honduras e S. Salvador se comprometem d'óra avante a submeter a um tribunal internacional de arbitragem todos os conflictos que entre elles possam surgir. A jurisdicção do tribunal será obrigatoria para cada um d'esses Estados e abrangerá todas as questões. Esta convenção não poderá ser denunciada antes de dez annos, salvo no caso de dois ou mais Estados contrahirem uma união politica.

Este accordo constitue certamente uma garantia de paz para a America Central, mas resta ver até que ponto elle será cumprido. Não devemos esquecer que estes paizes teem ás vezes uma concepção muito extravagante do direito. Ha alguns mezes apenas Nicaragua e Honduras tinham decidido submeter á arbitragem a questão de limites que as

dividia; isso não impediu, porém, que se produzisse um conflicto armado, no qual Honduras foi vencida. Taes precedentes impõem uma certa reserva em presença do actual accordo.



A GUERRA NO INTERIOR DE MARROCOS

Quando os navios entrarem pelo deserto dentro, e que se dará cabo dos mouros.

Do «Pasquino»

Estados-Unidos e Japão **E**STÁ-SE realisando a viagem da esquadra americana do Atlantico para o Pacifico. Apesar de todas as informações tranquillisadoras, ha fundamentos para receiar um rompimento entre os Estados-Unidos e o Japão.

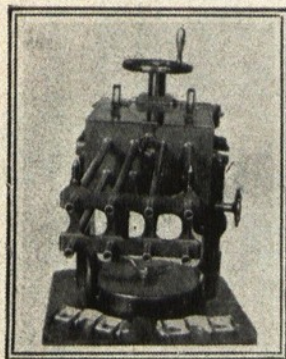


A FORÇA É O DIREITO OU A EDUCAÇÃO POLITICA DA INFANCIA

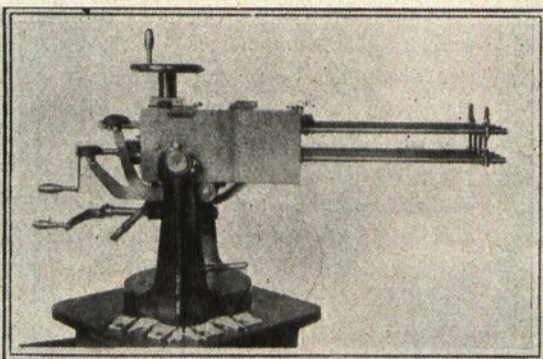
Do «Ulk»

Por essa mesma occasião, o ministro dos estrangeiros da Allemanha, que acompanhava o Kaiser, dizia a um jornalista que o fóra entrevistar

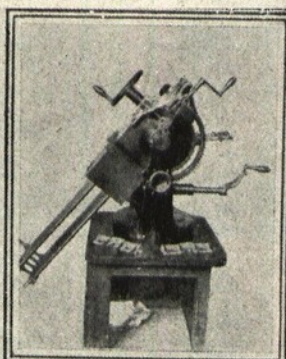
Vida na sciencia e na industria



DE FRENTE



DE LADO



MONTADA A BORDO

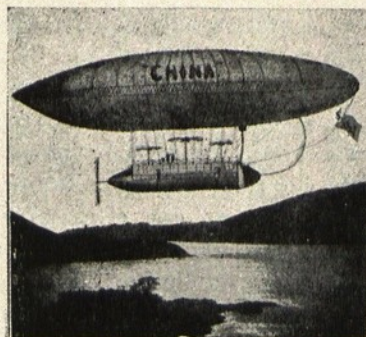
Peça de tiro rapido Fitzgerald

Nova peça de tiro rapido **O** major inglez Fitzgerald inventou uma nova peça de tiro rapido, a qual se experimentou a 12 de dezembro em exercicio organizado pelo jornal *Evening Standard*. A particularidade da peça é que não aquece depois de fogo continuado. Pretende o inventor ter encontrado um methodo secreto de arrefecer os canos de forma que depois de cem tiros se podem metter impunemente os dedos na culatra. Depois d'esse trabalho qualquer peça ordinaria ficaria aquecida ao rubro. A peça Fitzgerald não é automatica, e está sempre sob a direcção do operador. Os canos não estão encaixados na culatra, e o operador pode vel-os de um extremo ao outro. Está montada de forma que pode girar horizontalmente, e levantar-se ou baixar-se quasi a qualquer angulo. Pode-se-lhe adaptar qualquer numero de canos multiplo de quatro, e com dezeseis canos pode dar mais de mil tiros por minuto.

Intoxicação nos automoveis **S**EGUNDO comunicação feita á sociedade de medicina legal de França por M. Marcel Briand, os gazes que se escapam do machinismo são capazes, n'uma viagem longa, de produzir um verdadeiro envenenamento. Parece que muitas pessoas não podem

supportar durante alguns minutos os gazes queimados que sahem do motor. Finalmente, muitos automobilistas teem-se visto obrigados a renunciar ao seu favorito sport por causa d'esses gazes, que, penetrando ainda que em pequena quantidade no vehiculo, lhes teem causado achaques persistentes. Como taes gazes não são destinados a entrar-nos pelos bronchios, convem que os fabricantes da *carrosserie* tornem os sobrados tão estanques quanto possível, afim de evitar que os viajantes respirem uns gazes que, pelo menos, lhes produzirão dores de cabeça.

Uma aeronave chinesa **E**STÁ-SE formando em Hong-Kong um syndicato para construir uma aeronave projectada por um chinês, Tse Tsau Tai. Deve ser feita de aluminio, e incluída n'uma couraça de aluminio



UMA AERONAVE CHINEZA

para a proteger dos projecteis inimigos. O envolvero deve ter a forma de charuto. O principio em que se funda Tse Tsau Tai é que as aeronaves devem depender dos seus propulsores em leque para avançar, recuar, subir, ou descer. O envolvero de gaz deve empregar-se apenas como uma boia. Por conseguinte para o movimento vertical é preciso que haja propulsores horizontaes, regulados por um apparelho de relojoaria. O governo não deve ser por meio de planos e lemes expostos á vista, mas por azas de aço occultas, que podem deitar-se para fóra á popa, comprimindo um botão electrico.

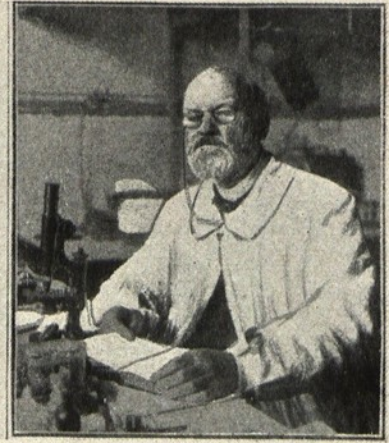
O premio Nobel **A** distribuição do premio Nobel relativo a 1907 realisou-se em dezembro na Academia das Sciencias de Stockolmo, mas, em consequencia da morte do rei Oscar, não houve cerimonia alguma publica. O premio de litteratura foi dado ao eminente escritor inglez Rudyard Kipling, bem conhecido pelo seu *Livro do Juncal* e outros romances e fantasias, ardente imperialista que, por singular contraste, é pouco inclinado ao pacifismo; o premio de physica ao professor Michelson, de Chicago; o de chimica, ao Dr. Buchner, de Berlim; e o de medicina ao Dr. Laveran, de Paris. Todos os reci-



DR. BUCHNER



RUDYARD KIPLING



DR. LAVERAN



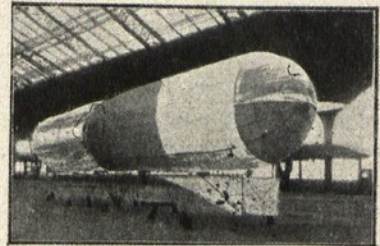
LOUIS RENAULT

creada por legado do chimico e engenheiro sueco Dr. Alfredo Bernard Nobel, que morreu em 1896, é administrada por um conselho com sede em Stockolmo, constituído de cinco membros, com um presidente nomeado pelo rei da Suecia. Ha cinco premios, cada um d'elles na importancia aproximada de 8:000 libras, incluindo um premio «á obra mais notavel de tendencias idealistas no campo da litteratura». A distribuição faz-se todos os annos a 10 de dezembro.

Machina voadora de Davidson **E**STÁ-SE construindo no Colorado (Estados Unidos da America) este novo aparelho. Funde-se no principio do vôo do passaro, que é devido ás forças resultantes de dois impulsos: o de gravidade e o de ascensão.

Aeronave Kluytmans **A**ultima aeronave que attraheu as atenções geraes em Paris, foi inventada por

um official hollandez, Kluytmans de nome, de collaboração com o barão Edmond de Marçay. É um balão cylindrico dividido em duas partes eguaes, a meio das quaes gira uma helice, dando assim o poder motor no eixo da aeronave em vez de ser por baixo d'ella. A

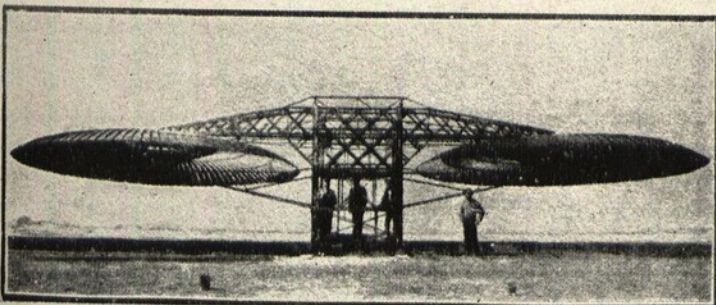


AERONAVE KLUYTMANS

gravura que apresentamos mostra o modelo de 137 metros cubicos com que o inventor fez as experiencias na Galeria das Machinas.

INDISCUTIVEL é o valor de uma medicação pelo phosphoro na *tuberculose, anemia, chlorose, neurasthenia*, etc., mas os meios de ministrall-a nem sempre correspondem ás aspirações da medicina.

Só gozam de grande efficacia os diversos preparados de Hypophosphitos do Dr. Churchill; esses productos proporcionam ao organismo todo o phosphoro necessario, e, por assim dizer, no estado natural. Por consequencia são perfeitamente assimilaveis, o que explica o exito d'esses medicamentos preparados pela pharmacia Swan, de Paris.



MACHINA VOADORA DE DAVIDSON

piendiarios estavam presentes. Além d'estes premios, que este anno montavam a 7:620 libras cada um, os vencedores receberam um diploma e uma medalha de ouro. No mesmo dia, na sala do Instituto Nobel de Christiania, distribuiu-se o premio Nobel de paz ao editor do jornal italiano *Secolo*, Ernesto Teodoro Moneta, e a Mr. Louis Renault, francez, auctoridade em legislação internacional. A Fundação Nobel,

Vida na arte



LUIZA TETRAZZINI

Uma nova «estrella» lyrica **L**UIZA TETRAZZINI, irmã da nossa muito conhecida Eva Tetrazzini, foi ultimamente aclamada unanimemente a maior estrella que o «Covent Garden», de Londres, tem visto depois do aparecimento da Patti. Fez a sua estreia sem ruído previo na *Traviata*, a 2 de novembro; logo empolgou o auditorio e alcançou uma voga enor-



ESTATUA
DE UMA VELHA DA ANTIGA ROMA

me no meio artistico de Londres. Nasceu em Florença, e toda a educação durante seis mezes a deveu ao mesmo professor de sua irmã. Estreou-se na sua patria na *Africana*. Desde então tem cantado em toda a Europa, e alcançou grande reputação na America do Sul e nos Estados Unidos. Ha trez annos casou com o tenor Bazelli.

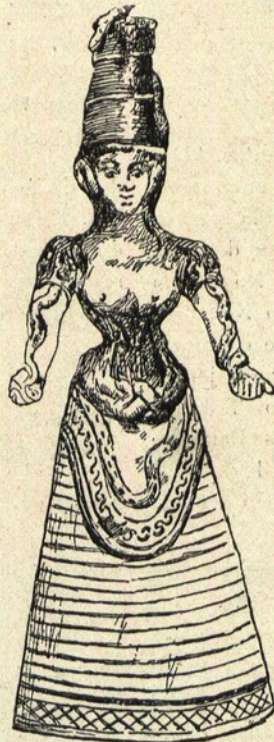
Descobertas archeologicas em Roma **M**UITAS se teem feito recentemente. Citaremos, entre outras, a de um Hermes da escola de Polycleto, feita entre a Piazza del Popolo e a Ponte Margherita, nas fundações de Villa Lucca; e a estatua de uma velha, descoberta ás abas da Rocha Tarpeia. E' esta que reproduzimos, notavel por pertencer á escola naturalista, cujos exemplos são comuns em terra-cotta, mas raros em marmore. Representa uma velha que volta do mercado com um cesto contendo um peixe e duas gallinhas. E' um documento interessantissimo dos costumes da antiga Roma.

Archeologia de Creta **A**s descobertas recentemente feitas em Creta provam a extrema antiguidade da civilização na ilha, e a intima afinidade entre essa civilização e a de Mycenae. Uma das cousas mais curiosas, apontadas n'um livro que a este interessante assumpto dedica o Professor Mosso, é a prova de existencia de modas femininas que geralmente se consideram inteira-

mente modernas. Muito antes do tempo das roupagens classicas da Grecia, a mulher de Creta comprimia a cinta e usava saias em forma de campanula. Outra cousa extraordinaria é a differença entre os assentos para homens e para mulheres: os dos homens eram estreitos e cavados, de altura dos modernos, os das mulheres mais baixos e largos. Mostram os retratos que as mulheres tinham narizes arrebitados, olhos e cabellos pretos e uma expressão de audacia. Nas figuras esculpidas, os artistas fazem distincção entre os narizes das matronas e os das donzellas; os d'estas ultimas correspondem á característica apontada, ao passo que os das matronas são modelados conforme o typo consagrado da belleza hellenica. São de uma assombrosa riqueza archeologica os restos d'esta remota civilização, que data de quatro mil annos.



FRESCO DE KUOS-OS
Mostrando o typo das mulheres da antiga Creta.



A DEUSA DE SERPENTE

Assim denominada por Mr. Arthur Evans. Mostra a cintura de vespa em moda entre as damas de Creta.

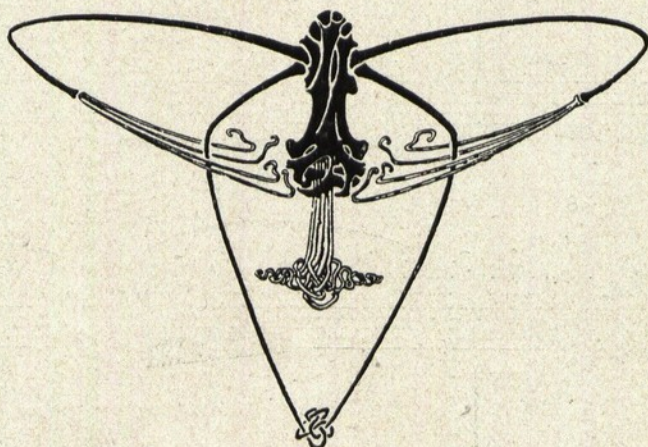
O palacio do lendario rei Minos está a sciencia moderna tratando de o pôr a descoberto. O labyrintho, habitado pelo celebre Minotauro a quem Theseu deu a a morte, vae sahir dos dominios da lenda, e graças aos esforços dos epigraphistas e archeologos encontrar plausivel interpretação historica.



Polonaise

DE

Beethoven





QUEBRA-CABEÇAS.

Decifrações do n.º 30

Charadas — 1.ª Intermino; 2.ª Maçaroca.

Charadas novissimas pittorescas — 1.ª É azedo o fructo d'aquella planta (Acropero); 2.ª Planta do mar que dá fructo azedo (Limoeiro).

Logogrifho;—Nostalgico.

CHARADAS NOVISSIMAS (Dialogadas)

Aquelle velhaco, é natural d'uma cidade americana?—2-2.

É. E em tomando a bebedeira, diz que está nas relações dos partidarios de Richelieu e de Mazarino.—3-2.

Ah! por isso me disse que era inferior ao chefe; que era o immediato.—2-3.

J. N. DA FONSECA.

Logogrifho

(Imitação)

Se quizer vender, eu compro—1-2-3-9-10.

Remedio para a doença 4-5-6-8.

A casa pelo dinheiro, 1, 8, 4, 5, 9, 8.

Corro logo, sem detença 3-7-10.

Tem um A n'este meu todo,
Tem um E tambem eu juro,
Tem um I factio esquisito,
Tem um O bello e bonito,
Tem um U vos asseguro.

E das cinco consoantes
Quem será o adivinho?
Sou planta; que diabrura!
Fóra, fóra o cara dura
Que não pega o passarinho.

(Angra)

VARETA.

SONETO

(In-justo)

Ao Ex.º Sr. Justin de Carvalho.

Se um verdadeiro amigo nos saúda
Não pequeno prazer nossa alma sente;
Deve ser-nos, porém, assaz pungente
Se um bem, por fim, em males se transmuda.

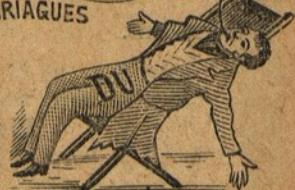
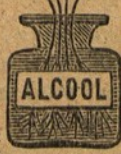
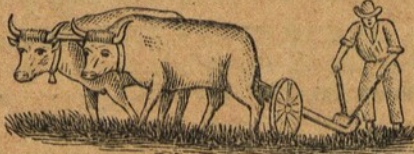
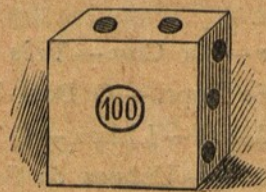
Cousa triste é se alguem de terra muda,
E da mãe ou da esposa vive ausente;
Mais triste a vida leva-se, doente,
No leito está soffrendo febre aguda.

Assim, nem os amigos—inda mais—
Nem Ministro d'altar, com sua estola
Lhe minora o mal, a dor, os ais.

Quando na cama a roupa em nós se enrola,
Afflictos com doença, em casos taes,
Só a mãe—ou a esposa—nos consola.

FRANCISCO PEREIRA SOARES DA MOTTA.
(Marco de Canavezes)

ENIGMA PITTORESCO



D. SOPHIA D'OUVINHO (BRITTEIROS).



A Nacional

Companhia Portuguesa de Seguros de Vida

CAPITAL 500:000\$000 réis

Seguros em caso de vida e em caso de morte

Seguros contra desastres pessoais

Seguros de viagem

7, Rua do Alecrim — LISBOA

EPILEPSIA!!!

E' com a mais completa franqueza, com a maior lealdade que sem ter a

pretenção de curar todos os epilepticos nós recommendamos os

DRAGÉES GELINEAU

Confeitos Gelineau que tem durante trinta annos, dado ao seu auctor completa satisfação e que lhe tem valido o reconhecimento e inalteravel amizade de numerosos doentes; que sempre **nos casos ordinarios dão a possibilidade do triumpho e pelo menos a certeza de melhoras nos casos difficeis**

J. MOUSNIER, SCEAUX, Seine (France) e em todas as Pharmacias.

ANTHERO DE FIGUEIREDO

Recordações e viagens

SUMMARIO: Gosto de recordar — Na City — Três cemiterios italianos — Uma casa minhota — Na Franconia — Nas aguas de Capri — O Bom-Jesus-do-Monte — Entre Southampton e Vigo — Uma aldeia espiritual (Assis) — Lisboa — O mosteiro do Canigou — O Minho pesaroso — O Valle do Tet no Rossilhão — Unhaes da Serra — Davos-Platz — Uma tarde em Biarritz — Nos Avants — Um amigo da sua terra — Paginas de um «Bloc-notes» — Post-Scriptum.

Um volume in-8.º br..... 600 réis

FERREIRA & OLIVEIRA, L.^{da} — LIVREIROS-EDITORES

132 — Rua do Ouro — 138

LISBOA

RENASCENÇA

REVISTA MENSAL DE LETTRAS, SCIENCIAS E ARTES

Editores-proprietarios H. BEVILACQUA & C.

Rua do Ouvidor, 151 — RIO DE JANEIRO

Publicada sob a direcção de

RODRIGO OCTAVIO e HENRIQUE BERNARDELLI

CONDIÇÕES DE ASSIGNATURAS PARA O ANNO DE 1906

Estrangeiro.....	20\$000	Registro.....	1\$000
Rio de Janeiro e Estados	18\$000	»	3\$000
Centro Commercial	15\$000		

Numero avulso: Capital 1\$500. Estados 1\$700. Numero atrasado 3\$000

PREÇOS PARA PORTUGAL

Assignatura annual	6\$000
» com registro.....	8\$000
Numero avulso.....	\$600

Os editores não respondem pelo extravio devido ao correio, havendo todo o cuidado na expedição da Revista. Para evitar os extravios, lembramos aos Senhores assignantes, ao reformarem suas assignaturas, auctorisarem-nos o registro mediante o augmento, em assignatura, da importancia de Rs. 3\$000 para o interior e Rs. 5\$000 para o exterior.

O assignante que, no correr da sua assignatura, mudar de endereço, queira fazer acompanhar seu aviso da importancia de Rs. \$500.

AO LEITOR. As reclamações, assignaturas, collaboração e tudo quanto diga respeito á nossa Revista, queiram endereçar sempre e simplesmente

Á Administração da Revista RENASCENÇA

Rua do Ouvidor, 151 — RIO DE JANEIRO

IMPORANTE

OS SENHORES ASSIGNANTES QUEIRAM INDICAR OS NUMEROS DAS SUAS ASSIGNATURAS

Na Administração da Renascença — Rua do Ouvidor, 151 — compra-se o n.º 2 da Revista a Rs. 5\$000 o exemplar em perfeito estado de conservação.

Vende-se a collecção do 2.º, 3.º e 4.º volume a Rs. 22\$000 o volume, e Rs. 40\$000 a collecção do 2.º anno que termina com o presente numero.

Vantagens aos assignantes da RENASCENÇA

Os Senhores assignantes da RENASCENÇA até á importancia de suas assignaturas, á vista do recibo, terão o abatimento de 70% em musicas da nossa edição, compradas de uma só vez.

SERÕES

LIVROS, REVISTAS E JORNAES

RECEBEMOS E AGRADECEMOS:

O caminho das lagrimas, por Pedro Tavares — Porto, 1907 — Romance em que se aborda o porventura mais universalmente conhecido, e por isso o mais difficil, dos assumptos: a vida e a prisão de Jesus. Uma rapida leitura, para que não demorem a noticia que merece, mostra-nos uma prosa geralmente critica e malleavel, erudição vasta, e interesse dramatico. De outros requisitos só analyse mais demorada nos pode dar consciencia; mas afigura-se-nos obra honesta e de folego.

Opalandes, versos por Fernando Caldas — Bahia, 1907 — De alem-mar nos chega este livrinho, com toda a exuberancia de colorido e de luz que assignala a patria brasileira. Uma certa procura do exotico, do scintillante, de opulencia nas rimas, não destroem o que ha de notavel n'esta parte, que se nos afigura um neo-parnasiano, se a expressão é licito depois da rima do nephelibatismo.

A mulher em Portugal — Cartas d'um estrangeiro, por Victor Moigénie — Porto, 1907 — Espirito, delicadeza feminil, deliciosa mordacidade, suave sentimentalidade, eis o que distingue o autor, em cujo estrangeirismo e em cujo sexo ousamos pôr duvidas. E' livro para ser lido ás vezes risonhamente, mas sempre com uma certa ponderação.

Cartas de Portugal, por Luiz da Camara Reys — Lisboa, 1907 — Recapitulação de correspondencias para o Brazil, onde se abordam todos os variados incidentes da vida portugueza, em politica, arte, litteratura, sociologia, moral, etc. Linguagem fluente e por vezes imaginosa, posta ao serviço de ideias generosas e juvenis. Demonstração evidente de raras aptidões de critico e de humorista, que levarão o sr. Camara Reys ao logar primacial que na litteratura portugueza lhe reserva o futuro.

Echos de Roma — *Revista mensal illustrada* — Publicada pelos alumnos do collegio portuguez em Roma, sob a direcção de monsenhor Thiago Jini-baldi — Via del Banco S. Spirito, 12 Roma — Sumario do mez de agosto: O Dogma da Divindade de N. S. Jesus Christo — Recreatorios — O «Syllabus» no seculo xx. — Amor filial — O Bispo dos operarios — Conceição virginal de Jesus — Saudades — Chaves de Pedro — Faustos de Roma — Atravez dos Prelos.

Estatutos — Liga de Instrução em Vianna do Castello.

As Sombras, por Teixeira de Pascoaes — Lisboa, 1907 — O illustre poeta vem firmar n'este livro os seus já conquistados creditos. Ligeiramente percorrido, apenas rapida noticia d'elle podemos dar. Uma doce melancolia reçuma das suas paginas, uma philosophia em que se nos afigura haver algo do neo-pantheismo, tão querido dos modernos lyricos portuguezes. Mas para as almas sedentas de sentimento poetico, podemos afirmar que esse conjunto de versos é de uma seducção irresistivel.

A questão religiosa, por J. Pereira de Sampaio Bruno — Porto, 1907 — O erudito publicista mostra-se infatigavel em nos brindar com fructos opimos do seu precioso labor. O presente livro é um forte repositorio de apontamentos sobre um dos mais complexos problemas de philosophia e sociologia. Esses apontamentos formam um todo synthetico, uma lucida comprehensão que põe os espiritos menos versados no assumpto ao corrente do actual estado do problema.

Alma Feminina — *Revista semanal illustrada* — Redigida por algumas das mais notaveis escriptoras portuguezas e estrangeiras.

A Construção Moderna — *Revista illustrada* — Redacção e Administração: Rua Maria Andrade, 10, 2.º — Lisboa — N.º 14. Dezembro de 1907.

Boletim da Real Associação Central da Agricultura Portugueza. Fundada em 1860 — Sêde da Associação: Rua Garrett, 95, — Lisboa.

Boletim da Assistencia Nacional aos Tuberculosos — *Instituto Rainha D. Amelia* — Rua 24 de Julho.

Boletim da Real Associação dos Architectos Civis e Archeologos Portuguezes — 4.ª Serie — Tomo XI n. 4.º — Director: Gabriel Pereira.

A Vinha Portugueza — *Revista mensal de viticultura e de Agricultura Geral* — Dedicada aos progressos agricolas e principalmente viticolas, do paiz. Publicada e dirigida por F. d'Almeida e Brito — Redacção e Administração: Rua do Arco Bandeira, 22, 1.º — Lisboa.

Luz do Oriente — Anno 1 — N.º 4 — Outubro de 1907 — Redacção e Administração: Ponda-Goa.

Revista de Manica e Sofala — *Publicação mensal illustrada* — 4.ª serie — N.º 46 — Novembro de 1907 — Redacção e Administração: Rua Castello, 27, 3.º á Avenida da Liberdade, Lisboa.

POLONAISE

Da serenada Op. 8

Moderato alla polacca

L. van Beethoven

The musical score is written for piano in B-flat major and 3/4 time. It consists of 16 measures. The first measure is a piano introduction marked *p*. The second measure begins the main melody, marked *f*. The right hand features a complex melodic line with many slurs and fingerings, while the left hand has a steady bass line. The piece ends with a fermata on the final note.